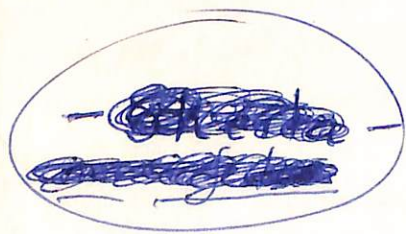


C I R A N D A B A R R O C A



Pág. 128

1º TRATAMENTO DIALOGADO

SEQUÊNCIA 1

EXTERIOR - SERRA DO ESPINHAÇO - DIA

1. Câmera, instalada em avião, ou helicóptero, fixa a majestosa paisagem da Serra do Espinhaço, a partir da cidade de Curvelo, Minas Gerais.

Em baixa altura, sobe pelas montanhas escarpadas e detalha picos, despenhadeiros, depressões, fendas e platôs do impressionante contraforte rochoso da Serra Geral.

Depois, já nas imediações de Diamantina, aproxima-se de um garimpo, na crista da montanha, em região banhada por um riacho.

EXTERIOR - GARIMPO NA SERRA - DIA

2. Já em terra, câmera detalha a jazida diamantífera e o trabalho de dezenas de garimpeiros que, com bateias e instrumentos da lavra primitiva, buscam as pedras de valor incalculável.

De repente, surgindo por detrás de um morro, um destacamento montado da Guarda da Extração, invade a galope o garimpo, lançando pânico entre os garimpeiros.

A invasão é fulminante e violenta, captada pela objetiva com detalhes expressivos e dramáticos.

Através de primeiros-planos, de ou "travellings" de cobertura, câmera documenta a perseguição dos soldados, a tentativa de fuga dos mineradores, a brutalidade com que são atacados e punidos.

Alguns sobem morro acima, ou penetram no mato próximo. Mas os soldados vão ao seu encalço, derruba-os com chicotes e, aos mais resistentes, matam com arma de fogo, ou com a espada.

Entre os perseguidos, destaca-se o mulato Orozimbo, garimpeiro e contrabandista, famoso na região por sua audácia e liderança. A objetiva enfatiza-lhe a figura máscula e forte no instante em que, apanhando o chicote de um cavalariano, arranca-o do cavalo. Outros militares vêm em socorro do companheiro e moem de pancadas o garimpeiro.

Sobre as imagens, de forte efeito dramático, dos guardas e dos garimpeiros, em sua inútil tentativa de fuga, surge, em sobre-impressão, o 1º letreiro de apresentação:

ARRAIAL DO TIJUCO (DIAMANTINA), 1782.

Depois, ainda sobre as imagens da perseguição e brutalidade dos guardas portugueses, desfilam na tela os créditos de abertura do filme, o último dos quais sobreimpresso sobre os primeiros-planos de Orozimbo e seus companheiros. Exaustos, as vestes dilaceradas, o corpo ferido pelas pancadas e golpes de chicote e espada, os homens vão sendo amarrados por cordas trazidas pela tropa.

Com bofetadas e palavrões, os guardas, descendo dos cavalos, amar-

ram com cordas os fora-de-lei.

Câmera registra as ~~expressões~~ ^{excessões} e imprecacões dos soldados portugueses, com sua brutalidade: ~~brutal~~

ANSPEÇADA:

1º SOLDADO:

2º SOLDADO:

4. Quando o chefe do destacamento, Anspeçada Silveira, acercando-se de Orozimbo, para amarrar-lhe as mãos, ~~reconhece~~, reconhece a figura popular do garimpeiro, exclama para a tropa, eufórico:

ANSPEÇADA: Vejam só! É o famoso bandido que vem tirando o sono do Doutor Intendente! Grande presa, grande presa!

UM SOLDADO: Isto ~~vai~~ ^{vai} dar promoção, Silveira!

5. Depois de amarrados, os prisioneiros são arrastados com brutalidade pela trilha pedregosa, a caminho do Arraial.

EXTERIOR - LOCAIS DE DIAMANTINA - DIA

6. A pequena tropa da Extração, com sua castigada carga humana, percorre agora ruas e vielas do Arraial do Tijuco, a caminho das masmorras da Intendência dos Diamantes.

Câmera documenta a ~~caminhada~~ caminhada dos garimpeiros e seus perseguidores, fixando ora os guardas, ora os prisioneiros, além de moradores que observam, calados, o séquito já ~~familiar~~ ^{familiar} na cidade.

Alguns dos espectadores comentam entre si, a meia-voz, os acontecimentos e violências praticadas pelo novo Intendente, José Antônio de Rezende Freire, homem colérico, dotado de gênio impulsivo, há pouco nomeado para o cargo:

UM MORADOR:

MULHER IDOSA:

HOMEM GRISALHO:

UM POPULAR:

MOCINHA PIEDOSA:

7. Numa esquina do Arraial, próxima à Intendência, a mulher de Rezende Freire, Elvira, tijucana jovem e bonita, que as más línguas acusam de ambiciosa, sensual e de vida ~~recatada~~ ^{pouco} recatada, vem chegando, com o grande leque com o qual se defende do ~~grande~~ calor.

Ao ~~ver~~ ^{ver} a tropa da Extração, com seus presos, não esconde o ~~espanto~~ ^{espanto} quando ~~avista~~ ^{avista}, entre os garimpeiros, a ~~castiga~~ ^{castiga} figura de Orozimbo.

O garimpeiro, apesar de ferido, as vestes em frangalhos, o corpo lanhado, recuperara a expressão viril e corajosa. Quando avista Elvira, esboça um secreto e amoroso sorriso e seu olhar se enche de ternura.

O séquito começa a subir uma ladeira, enquanto Elvira, preocupada, se afasta pela rua ~~principal~~ do Arraial.

SEQUÊNCIA 2

INTERIOR - INTENDÊNCIA DOS DIAMANTES - DIA

8. No gabinete de trabalho do Intendente José Antônio de Rezende Freire, focaliza-se o comandante da Guarda da Extração, Capitão ^(?) Orlando, metido no imponente uniforme da época, aproximando-se da alta autoridade colonial.

O Intendente, com seus bigodes e compridas suíças, escreve à mesa de trabalho, num canto do salão.

O Capitão ^{homem}, de total confiança do Intendente, vem trazer a boa nova da prisão dos garimpeiros e de Orozimbo;

CAPITÃO ORLANDO:

Rezende Freire não esconde a satisfação pela notícia. Cumprimenta o militar, garantindo-lhe que a promoção, agora, não vai tardar:

INTENDENTE:

Depois o Capitão, aproximando-se mais do Intendente, transmite-lhe outra informação, esta menos alvissareira: a de novo desaparecimento de diamantes do cofre da Intendência:

CAPITÃO ORLANDO:

Ao ouvir a notícia, Rezende quase salta da cadeira. Ergue-se e vai ao encontro do militar, preocupadíssimo:

INTENDENTE: C'os diabos! Sumiu a gema?! Tem certeza, Capitão?! E qual foi a pedra? (...)

CAPITÃO ORLANDO: A de ~~uma~~ ^{... quilates!}

INTENDENTE: ~~Ademais~~. Deus do céu, era o presente de aniversário da Rainha!...

O Intendente dá alguns passos, ~~preocupado~~, preocupadíssimo. Depois volta a ~~deixar~~ ^{falar} ao militar, ~~exaltado~~ exaltado:

INTENDENTE: Capitão Orlando: me descubra o ladrão, ou ^{os} ladrões, de qualquer maneira!... Faça inquérito, prenda ~~os~~ ^{os} suspeitos!...

O Capitão aproxima-se de Rezende Freire e, baixando o tom de voz, revela: ~~segredo~~

CAPITÃO ORLANDO: Tenho um suspeito, Doutor Rezende... ~~mas~~ é apenas uma suspeita, ~~mas~~ não tenho provas...

INTENDENTE: E quem é?!...

*Capitão Descubra
os ladrões.
Quero as ~~provas~~
aquele Custe o que
custar. (quitando).*

Câmera, em Trav.Avante, enquadra o Capitão em P.P.

O comandante da Guarda baixa ainda mais o tom de voz e, quase sussurrando, revela:

CAPITÃO ORLANDO: O Fiscal Fernando Pedroso de Almeida!...

9. O Intendente, também enquadrado em P.P., fica perplexo e ~~exclama~~ exclama:

INTENDENTE: O quê?! O Pedroso?!...

CAPITÃO ORLANDO (voz off): Ele mesmo!...

INTENDENTE: ^{Mas... o} que o leva à ~~essa~~ suspeição?!...

10. Câmera agora enquadra Rezende Freire e o Capitão em P.A.

O militar, de frente, favorecido no enquadramento, responde ao Intendente, ligeiramente de perfil:

CAPITÃO ORLANDO: Tem livre acesso à sala do cofre! ~~em~~ Dias atrás, comprou uma vasta propriedade ^{nos} ~~próprios~~ lados de Vila do Príncipe...

11. Contra-campo. P.A. do Intendente e do militar, agora favorecendo Rezende Freire, que recomenda:

INTENDENTE: Continue a sindicância, Capitão Orlando, e fique de olho ~~próprio~~ no Pedroso! Vou lhe confessar uma coisa: nunca gostei desse indivíduo! E até desconfio ~~de~~ que mantén^{os} relações com os contrabandistas!

Câmera avança, em "travelling", tirando o Capitão do quadro, até fixar o Intendente em P.P.P., quando conclui, sibilino:

INTENDENTE: Aja com a maior cautela... O Fis-

cal desfruta de prestígio no Arraial, descendendo de família antiga, tradicional...

INTERIOR - INTENDÊNCIA - SALA DO FISCAL - DIA

12. Em sala contígua ao gabinete do Intendente, enquadra-se o Fiscal Fernando Pedroso de Almeida. Sentado à mesa de trabalho, confere zelosamente a escrita contábil da repartição.

Ao ouvir passos, levanta a cabeça e depara com o Capitão Orlando, aproximando-se, ~~dele~~

Levanta-se, com respeito, e o escuta dizer, a expressão ~~grave~~ ^{austera}, preocupado:

CAPITÃO ORLANDO: Senhor Fiscal Pedroso de Almeida...

O Fiscal limita-se a ouvi-lo e deixa transparecer ~~preocupação~~ ^{preocupação}, como se pressentisse acontecimentos desagradáveis, ~~preocupação~~

O militar prossegue, com voz inamistosa:

CAPITÃO ORLANDO: O senhor sabe, perfeitamente, que desapareceram três gemas, prontas para remessa a Lisboa...

FISCAL PEDROSO: Acontecimento lamentável, Capitão Orlando! De ~~extrema~~ ^{muito} gravidade!...

CAPITÃO ORLANDO: O Senhor Intendente conta com sua ~~boa~~ colaboração para o elucidamento do caso!

FISCAL PEDROSO: Ele a ~~tem~~ ^{tem}, na certa, Senhor Capitão Orlando! Sem dúvida alguma!

SEQUÊNCIA 3

INTERIOR - RESIDÊNCIA DO INTENDENTE - NOITE

13. Na sala-de-visitas da residência do Intendente Rezende Freire,

mobiliada ao gosto da época, convidados do Intendente e Elvira, sua mulher, conversam entre cálices e pratinhos de guloseimas.

Num sofá, enfastiada, Elvira conversa com a mulher de um dos convidados, senhora idosa, o nariz adunco, ~~o~~ espartilho fortemente apertado.

Mais adiante, sentados no sofá e cadeiras de palhinha, Rezende Freire dialoga com Padre Luiz Sayão, ~~o~~ comerciante rico, o meirinho e mais duas ou três personalidades do mundo social da ^{cidade} ~~cidade~~.

O sacerdote, com voz gutural, está dizendo; ~~amarelo~~

PADRE LUIZ: Creiam-me, por favor! Dom Luiz de Vasconcelos está fazendo belíssima administração! E ^{lhes} ~~os~~ afianço: até então nunca tivemos Governador tão ativo!...

COMERCIANTE: Perfeitamente... Perfeitamente! Ao nosso Vice-Rei não tocam defeitos! Agora mesmo, contou-me mestre João Macedo, o entalhador que veio se estabelecer aqui no Tijuco...

14.. Surgindo à porta do salão, Capitão Orlando, pisando ~~o~~ leve, aproxima-se do Intendente, cumprimenta os convidados e sussurra qualquer coisa ao ouvido de Rezende Freire, que se levanta, assustado, e ^(com ele) ~~corre~~ vai para um canto. ~~corre~~

O militar, coloquialmente, transmite-lhe ~~degradação~~ inquietantes notícias: a fuga de Orozimbo e o furto de mais dois diamantes:

CAPITÃO ORLANDO:

O Intendente, atônito, limita-se a ouvi-lo, contido:

CAPITÃO ORLANDO: Agora não tenho mais dúvida, Doutor Rezende! O ladrão é, efetivamente, o Fiscal Fernando Pedroso de Almeida! Es-

teve na sala do cofre pouco antes do sumiço das pedras!

INTENDENTE: Pois então efetue a prisão do suspeito! E sem ^{mais} tardança!

Diminue o tom de voz e completa:

INTENDENTE: Disso tudo guarde o maior sigilo, Capitão!... Mas aja com toda ^a energia!...

SEQUÊNCIA 4

INTERIOR - RESIDÊNCIA DO INTENDENTE - DIA

15. Antes que Rezende Freire desça as escadas do sobrado, onde reside, a caminho da Intendência, Elvira alcança-o na sala e lhe diz que vai visitar a mãe, na chácara do Palha:

ELVIRA:

INTENDENTE: Pois está bem, senhora Dona Elvira, vá visitar a senhora sua mãe. Mas leve o pequerrucho e a Raimunda. Vou mandar atrelar o cavalo.

E parte, descendo as escadas.

EXTERIOR - CHÁCARA DO PALHA - DIA

16. Pelo caminho de terra que leva ao Palha, local de garimpos e aprazíveis chácaras tijucanas, vai seguindo a caleche de Elvira, puxada por um cavalo que trota rapidamente.

~~Quando o veículo passa diante de um casebre, à beira do rio, Elvira avista, meio escondido entre árvores, a figura inconfundível de Orozimbo, ao qual faz um discreto sinal com a mão.~~

Depois a caleche se aproxima da chácara, uma bonita construção colonial, construída entre jardins e um pomar de muitas árvores frutíferas.

A mãe de Elvira, ~~uma~~ senhora de cabelos brancos, vestida com simplicidade, chega ao alpendre, feliz, para receber a filha.

EXTERIOR - CASA DE EMPREGADO - DIA

17. Câmera focaliza Elvira, ~~uma~~ metida em traje de roça, chapéu de palha à cabeça, sempre com o grande leque, no instante em que chega diante do casebre, visto anteriormente. Logo em seguida entra na casa.

Pouco depois, surgindo do mato próximo, Orozimbo faz o mesmo e penetra cautelosamente na choça.

INTERIOR - CASA DE EMPREGADO - DIA

18. No interior da casinhola, parcamente iluminada, Elvira e Orozimbo se abraçam, beijam-se e, logo a seguir, vão à cozinha, onde fumeja o café no fogão ~~de madeira~~ de lenha.

Os dois conversam, e o assunto é a prisão dos garimpeiros, ~~e~~ o furto dos diamantes ~~e~~ o movimento organizado dos brasileiros para libertar os prisioneiros e ~~evitar~~ a remessa dos diamantes a Portugal:

OROZIMBO:

ELVIRA:

OROZIMBO:

A certa altura, Elvira retira de um saquinho, escondido no espartilho, um dos diamantes desaparecidos, que entrega ao amante. E diz que também esse fica no Brasil, para ajudar a luta por sua libertação.

Ao fazê-lo, relata a Orozimbo que Rezende Freire e o Capitão Orlando estão furiosos, dispostos a descobrir o responsável pelo ~~sumiço~~ desaparecimento das pedras, ~~e~~ que, durante algum tempo, não poderá ~~ir~~ ir à Intendência, etc. etc.

ELVIRA:

OROZIMBO:

A certa altura do diálogo, Orozimbo insiste para que Elvira consiga a chave do ~~acesso secreto~~ acesso secreto ao porão e às mas-

morras. E ~~ele~~ diz que está tudo planejado para dar fuga aos companheiros ~~encarcerados~~ ^{encarcerados}:

OROZIMBO:

A cena se conclui quando, inesperadamente, o garimpeiro carrega no colo a bela mulher e a leva à ~~cama~~ ^{rustica} cama do casebre, num quarto quase às escuras.

Deixa no chão

SEQUÊNCIA 5

INTERIOR - MASMORRA DA INTENDÊNCIA - DIA

19. No porão da Intendência, lugar infecto onde se encontram as celas dos presos, o Fiscal Pedroso de Almeida está sendo brutalmente interrogado pelo Capitão Orlando, o Anspeçada Silveira e o próprio Intendente.

~~Pedroso de Almeida~~

O interrogatório é violento, entremado ~~de~~ ^{de} chicotadas no corpo semi-despido do funcionário da Intendência. O Anspeçada vergasta as costas ~~da~~ do infeliz, amarrado ~~no~~ ^{no} pelourinho de madeira. E grita-lhe insultos e palavrões, ~~insistindo~~ insistindo para que confesse o furto das pedras, onde as esconde, para quem as vende, etc.

ANSPEÇADA:

O Fiscal, o corpo lanchado pelas chibatadas, jura inocência, e o faz com dignidade, sem um gemido, ou imprecção:

FISCAL PEDROSO:

O Intendente, um pouco afastado, limita-se a presenciar o interrogatório. Em certo momento, contudo, irritado com a insistência de Pedroso em negar a autoria dos furtos, aproxima-se ~~e~~ e lhe ~~diz~~ ^{diz}, muito exaltado:

INTENDENTE: O senhor foi visto na sala do cofre fora do horário de trabalho! Não negue isto!

larápio dos infernos!...

De repente, num acesso de ódio e revolta, o acusado começa a perguntar, também aos gritos, porque também Dona Elvira não estava na cadeia, pois ele a vira, mais de uma vez, entrando no depósito da Intendência.

FISCAL PEDROSO:

A denúncia provocou no Intendente uma tempestuosa reação. Rezende Freire precipitou-se na direção de Pedroso e, levado ao furor, apossou-se de uma chibata ^{the} e esfolou brutalmente o corpo, gritando:

INTENDENTE:

Depois, desrespeitando o próprio Regulamento da Extração, sentenciou-o à morte:

INTENDENTE:

SEQUÊNCIA 6

EXTERIOR - CAMINHO DE TERRA - DIA

20. Começando com a objetiva fora de foco, a paisagem toma nitidez: um caminhoto rural, em terra batida sem nenhum calçamento, margeado por alguns poucos casinhotos bastante pobres, inclusive uma pequena bodega com homens na porta.

Pelo caminho vem um cortejo de cerca de vinte pessoas acompanhando um homem que será enforcado, o Fiscal Fernando Pedroso de Almeida.

Como de costume, na época, o condenado já vem com uma corda atada ao pescoço, com a ponta em mãos de um carrasco encapuzado. Logo a seguir, vem um padre de sobrepeliz rendada, espargindo em redor um híssope, enquanto reza em voz alta, acompanhado pelos moradores em procissão.

Entre o Capitão Orlando e o Anspegada Silveira, dois soldados da Guarda da Extração e outras autoridades locais, vem pomposamente o In-

tendente José Antônio de Rezende Freire, o semblante grave e circunspeto.

21. Câmera detalha o sinistro séquito, seus participantes, detalhes do caminho, figuras e ~~momentos~~ pormenores da arquitetura da época, enfatizando, obviamente, a figura digna do Fiscal, que o iminente enforcamento não consegue alquebrar. Ele segue com ~~expressão~~ ^{dignidade}. Seus olhos, ~~então~~ ^{no entanto}, denunciam ódio e revolta, ~~expressão~~.

EXTERIOR - MATO PRÓXIMO AO ARRATIAL - DIA

21. O cortejo está chegando ao local do enforcamento, uma clareira no matagal onde hoje, em Diamantina, se localiza a Rua Direita, lugar "onde os mineiros cortavam madeira para o labor e construção de seus humildes tugúrios".

A densa mata é formada por grandes árvores de excelente madeira. Diante de uma delas, uma frondosa ~~perobeira-rosa~~ ^{perobeira-rosa}, a comitiva do Intendente faz parada.

Câmera, minudente, documenta os preparativos para a execução do condenado: o carrasco passa a corda por cima de um galho forte. Depois, lenta e dramaticamente, faz Trav-Avante ^{vai} e focalizar, em P.P., as feições transtornadas do Fiscal, ~~expressão~~ colocado sobre um caixote.

De repente, em meio ao silêncio, Pedroso de Almeida encara o Intendente e, com voz estertórica, grita:

FISCAL PEDROSO: Sou inocente! Pelas chagas de Cristo, juro que sou inocente! Não roubei nenhum diamante!

22. Através de Trav-Avante, câmera aproxima-se agora de Rezende Freire, cujas feições denotam espanto e altivez. À medida que o condenado lhe fala, em voz off, seu rosto empalidece, assumindo uma ~~expressão~~ ^{expressão} quase medrosa. Câmera aproxima-se sempre, até fixá-lo em P.P.P.

Enquanto isso, Pedroso continua:

FISCAL PEDROSO (voz off) - Intendente Freire, Vossa mercê está condenando um inocente!

FISCAL PEDROSO (voz off, continuando) - Miserável!...

23. P.P.P. de Fernando Pedroso de Almeida, que continua, a voz altíssima, ressoando pela mata:

FISCAL PEDROSO: Assassino miserável! Que a maldição deste crime se derrame por todas suas gerações, assassino!

P.G. da clareira e de todos os espectadores da cena trágica, no instante em que Pedroso conclui:

FISCAL PEDROSO: Que seus descendentes não conheçam a paz! ~~degores~~...

Subitamente, movido pelo impulso do ódio e do medo, Rezende Freire, ~~de~~ de um salto, retira o caixote sobre o qual se sustinha o condenado.

O corpo de Pedroso pende e se retesa, enquanto a corda começa a estrangular-lhe o pescoço.

O Fiscal ainda luta, por alguns instantes, contra a morte. Antes de expirar, lança sobre o Intendente um derradeiro olhar de ódio imenso. E balbucia, no estertor da morte:

FISCAL PEDROSO: Maldito!... Mil vezes mal...dito!...

E pende a cabeça, morrendo. Câmera faz panorâmica para cima e focaliza tronco e galhos da grande perobeira-rosa, agitada pelo vento.

SEQUÊNCIA 7

EXTERIOR - MATO PRÓXIMO AO ARRATIAL - DIA

24. Em movimento descendente, câmera panoramiza para baixo, mostrando a mesma perobeira-rosa ~~anos~~ ^{anos} mais tarde.

Depois enquadra um negro, o dorso nu, banhado em suor, que ergue um machado e golpeia fortemente o tronco da árvore.

Câmera inicia, então, "travelling" para trás, abrindo o quadro e mostrando um grupo de escravos, aprendizes e operários da carpintaria e marcenaria de mestre João Macedo, também visto no enquadramento.

Quando o negro começa a abater a perobeira-rosa, na qual ~~está~~ ^{fora} enforcado ~~o~~ o Fiscal Pedroso de Almeida, um auxiliar do entalhador lusitano, mulato forte, a expressão ~~é~~ irônica e brincalhona, aproxima-se de João Macedo e pergunta:

AUXILIAR: Também esta vai, sor João Macedo?... Também?!... Não é árvore de enforcado?!... *Devia servir pra fazer caixão!*

Ouvindo isto, o negro, que a câmera ~~está~~ focaliza à esquerda do quadro, paraliza no ar o machado e se volta na direção de João Macedo, ~~está~~ assustado. Depois se persigna, enquanto o Auxiliar continua:

AUXILIAR: Pra mim, sor João, a perobeira-rosa só devia servir pra fazer caixão!...

O negro, que ainda hesita em continuar ~~golpeando~~ ^{ferindo} o tronco da árvore, persigna-se outra vez e ~~exclama~~ exclama:

OPERÁRIO: Cruz credo!...

25. João Macedo, irritado com a conversa e, principalmente, com a interrupção do trabalho, ~~exclama~~ exclama:

JOÃO MACEDO: Chega de tagarelice! Vamos ~~trabalhar~~ ^{trabalhar} bando de celerados! Cortem as árvores, todas! ~~trabalhem~~ ^{trabalhem} com cuidado, pois é madeira para os móveis ~~do~~ ^(Senhor) do Intendente!

26. Depois de enquadrar a mata em P.G., mostrando os homens que começam a trabalhar, câmera inicia Trav.Avante até fixar em P.P. e perobeira-rosa, no instante em que o machado do escravo golpeia-lhe o tronco forte.

SEQUÊNCIA 8

INTERIOR - CARPINTARIA DE JOÃO MACEDO - DIA

27. No interior da oficina de trabalho de mestre João Macedo, em local afastado do Arraial, câmera detalha o ágil e cuidadoso trabalho do famoso entalhador português. Com serrote, formão, martelo e outros instrumentos de trabalho, João Macedo prepara a madeira para, em seguida, iniciar a fabricação dos móveis.

A objetiva capta os detalhes mais expressivos do trabalho, enfatizando a perícia e a segurança do carpinteiro, os primeiros-planos de suas mãos ágeis, os instrumentos que cortam, desbastam, alisam e moldam as toras e pedaços das ~~grandes~~ árvores abatidas.

INTERIOR - GABINETE DO INTENDENTE - DIA

28. No gabinete de trabalho do Intendente dos Diamantes, Rezende Freire, algum cabelo branco acinzando-lhe as fronteiras, trabalha com evidente mau-humor. Em pé, diante dele, o Anspeçada Silveira e mais dois guardas^{da} Extração, perfilados, aguardam, intimidados.

O Intendente assina uns papéis, depois levanta-se e caminha pela sala, dizendo ao militar:

INTENDENTE: Digo e repito, senhor Anspeçada: não me dê guarida a contrabandista. Veja que esses garimpeiros são ladrões, contrabandistas de pedras da Coroa!

Em seguida, dirige-se ao Anspeçada e, cada vez mais exaltado, completa:

INTENDENTE: E outra coisa! Não há mais lugar nas masmorras! Não quero os bandidos como

prisioneiros! Que fiquem como pasto aos urubus!...

Volta a caminhar, aproximando-se de uma janela. Por ela observa por alguns instantes a rua. Depois, inesperadamente, volta-se para o militar e ~~diz~~ diz, em tom de voz mais elevado:

INTENDENTE: E o Orozimbo?! Nada?! Continua ~~perseguido~~ *fugido?*!...

Silveira, por sua vez, ~~chega perto~~ *chega perto* do Intendente, e responde, ~~sem jeito~~ sem jeito:

ANSPECADA SILVEIRA: Vasculhamos metro por metro a região, senhor Intendente! E nada daquele bandido! É vivo que nem alho! Tem força de homens escondidos na mata e nas montanhas. Depois, Excelência, conta com a simpatia do povo...

28. Focaliza-se o entalhador João Machado que chega à ante-sala do gabinete do Intendente, que ~~o convocou~~ *havia* ~~convocado~~ *convocado*. Veste roupa ~~cerimoniosa~~ cerimoniosa; chapéu à mão, o ar meio assustado.

Logo em seguida deixam a sala do Intendente os três soldados da Guarda e o próprio Rezende Freire surge à porta. Avistando o entalhador, ~~manda-o entrar~~ manda-o entrar:

INTENDENTE: Salve, senhor João Macedo! Vamos entrar!

29. De volta ao gabinete de trabalho do Intendente, câmera registra o diálogo dos dois homens:

INTENDENTE: Chameio-o aqui para avisar que quero prontos os móveis até sexta-feira! Na semana seguinte, dia 18, é o aniversário

de Elvira e quero fazer-lhe uma surpresa.

O carpinteiro, meio nervoso, vai sentar-se com o Intendente num sofá, num canto da sala. E responde:

JOÃO MACEDO: Cá estamos inteiramente às suas ordens, Excelência! E ^{le} dou boas notícias! Os móveis estão praticamente prontos! Só falta o verniz, algum acabamento à-toa...

A notícia desanuvia as ^{duras} feições ~~de~~ do Intendente, que se levanta e vai buscar, numa mesinha próxima, um licorzinho para o visitante, a quem diz, satisfeito:

INTENTEDE: Com que então estão quase prontos meus móveis?... Pois, pois! Mereces um brinde! Beba este licorzinho lisboeta, dos melhores do mundo!

Os dois bebem o licor. João Macedo estala a língua, e exclama:

JOÃO MACEDO: Delicioso, inigualável! De facto, Excelência, o melhor do mundo!

Depois de esvaziar o copinho, volta aos móveis:

JOÃO MACEDO: Antes da sexta-feira estarão a guarnecer ^{essa} bonita morada das Mercês! A cama, o oratório, a escrevaninha com o tampo de correr, a mesita, a arca, as cadeiras, os ~~de~~ silhões...

perguntar a árvore d'ouro como tantos móveis?
*Peró há de aca...
As utas ações de
bosque d'ouro
e outros lugares.*

EXTERIOR - RUA DO ARRAIAL - DIA

30. Em corte direto, para evitar-se o lineamento ~~em~~ excessivo da ação, câmara desloca-se para um recanto do Arraial e registra uma cena de rua

bem típica da época.

Em primeiro-plano focaliza-se um senhor carrancudo a castigar um escravo com uma vara:

HOMEM CARRANCUDO: Cachorro! Ficas-me papalvo pelas ruas até que eu tenha de pagar a multa à Intendência, não é?! De outra vez furo-te um olho, vagabundo! Tiro-te o couro, chahaceiro, peste!...

Surge então, de uma esquina, a mulher do Intendente, acompanhada por uma mucama. Elvira traz o leque inseparável e caminha apressadamente, alheia à cena de espancamento do escravo.

Segue pela rua, aproximando-se da nova residência, um belo sobrado colonial, com seus caixilhos ^(de vidro,) as cimalhas, a esquadria de maior apuro, as colunatas das varandas, os elementos de ferro, pintados de preto, a fachada pintada de branco.

À porta da casa Elvira encontra uma escravazinha-mucama, tomando conta de um menino de três anos. Toma-o nos braços com excessos de carinho:

ELVIRA: Meu Honoriozinho querido... Coração da mãe... Estavas com saudades da mamãe?... Estavas?...

Depois pergunta à babá:

ELVIRA: Honório comeu direitinho, Chiquinha?

Chiquinha, meio espevitada, fala aos tropeções, impaciente para contar a grande novidade:

CHIQUEINHA: A irmã já deu a merenda a ele, nhora sim! Também já asseiei ele e troquei de roupa... .

~~Depois~~ ^E completa, excitadamente:

CHIQUEINHA: A senhora sabe?... Sor João Macedo trouxe as mobílias novas!... Tá tudo lá dentro, uma lindeza, ~~ahora~~, sim!...

Elvira se apressa em entrar, levando o caçula no colo.

SEQUÊNCIA 9

INTERIOR - RESIDÊNCIA NOVA DO INTENDENTE - DIA

31. Elvira, com o filho nos braços, sobe a escadaria que leva ao pavimento superior da nova morada, a melhor do Arraial. E chega à sala de visita, decorada com os móveis fabricados pelo marceneiro português.

A mobília ainda não está arrumada de todo, mas deixa~~m~~ ver o luxo e o primoroso acabamento que lhe ~~deu~~ ^{dera} o entalhador, visto, num canto, conversando com o Intendente.

Vendo-a chegar, Rezende Freire vai ao seu encontro, dizendo:

INTENDENTE: Sim, senhora! São os meus móveis! Estivesse vossa mercê em casa e os teria visto chegar...

Elvira, depois de cumprimentar de cabeça o mestre, responde:

ELVIRA: É, tive de sair. Fui ver o enteado do sargento-mór que está a morrer. Foi isso!

Elvira fala maquinalmente, com um certo tédio, interessada mesmo nos móveis, ricos e lindos. E começa o exame pelo oratório:

ELVIRA: Belo oratório, senhor Macedo! Precioso! Até como coisa que nos levanta a fé. Nada como uma peça bonita dentro da casa da gente!

Já livre do menino, que passou à mucama, Elvira se encaminha para

a escrevaninha-de-sanfona. Fica abrindo e fechando o tampo de correr nas guias laterais, duas ou três vezes:

ELVIRA: Como é macio!... Como corre bem... E a mesa é espaçosa... as gavetas... Parabéns, mestre João Macedo, é uma beleza a cor do verniz!...

Mas Elvira é irrequieta e, logo, cansa-se de brincar com o tampo da escrevaninha. Olhando um dos silhões, corre a sentar-se nele:

ELVIRA: Que joia!...Ó! Que cômodo ele dá! Até parece a silha do Papa!...

João Macedo, muito orgulhoso, despede-se do casal, para voltar à oficina:

JOÃO MACEDO:

E sai, enquanto Elvira e o Intendente, por um corredor, vão para o interior da casa.

32. Os dois chegam, então, à sala de jantar, igualmente decorada com luxo, ostentando os novos e caprichados móveis do famoso carpinteiro.

33. E chegam, finalmente, ao quarto de dormir, no qual se destaca um belíssimo leito, no mais puro estilo Maria I, envolvido por cortinado pendente de docéis que se armam sobre os altos postes das cabeceiras e dos pés. Cortinas e sobreceús, com suas sanefas, de damasco vermelho, guarnecem igualmente as portas e janelas do cômodo espaçoso.

A cabeceira, trabalhada, com desenhos geométricos, tem duas talhas, como olhos, partes salientes e requintados trabalhos de escultura em madeira.

Diante da cama, Elvira parece parar sua figura no tempo. Fica estática de assombro, os olhos pregados nos olhos da madeira do espaldar. Suas feições, até então alegres e lúdicas, tomam uma seriedade impressionante.

Como que hipnotizada, aproxima-se da cabeceira e começa a acariciar com as mãos a madeira envernizada, as talhas do espaldar, circulando os dedos em torno das duas cavidades, que parecem olhos.

O Intendente, por sua vez, parece dominado por repentino e forte ~~impulso~~ sexual, pois enlaça a mulher e tenta estendê-la no leito.

Elvira, entretanto, resiste, tomada por inexplicável sensação de repulsa, Tenta afastá-lo, exclamando:

ELVIRA: Não... Não! Por favor, Rezende!...

Mas o Intendente insiste, cada vez mais excitado:

INTENDENTE: Ora, minha lindeza!... Não gostas desta cama?... Nossa cama?!...

ELVIRA: Deixe-me, senhor... Não me sinto bem!..

Consegue desvencilhar-se do marido e deixa precipitadamente o quarto, diante do assombro e frustração do Intendente.

SEQUÊNCIA 10

INTERIOR - OFICINA DE JOÃO MACEDO - DIA

34. Câmera novamente detalha o ágil trabalho do entalhador João Macedo, em sua carpintaria. A peça trabalhada é agora a mesa de refeições, já vista, ~~em~~ pronta, no interior da nova morada do Intendente dos Diamantes.

Os detalhes do trabalho, das mãos do carpinteiro e dos instrumentos de que se serve, revelam que se trata de uma bela e luxuosa mesa, bem ao estilo de época.

INTERIOR - SALA-DE-JANTAR - RESIDÊNCIA DO INTENDENTE - NOITE

35. Na sala de jantar da nova residência do Intendente, este e Elvira, calados, terminam a refeição, servidos por criadas e escravos.

Estão calados, contrafeitos.

Após beber o último gole de vinho, Rezende Freire se levanta e vai ao alpendre, deixando na sala Elvira que, por sua vez, vai ao quarto de Honório, enquanto os criados retiram os pratos, silenciosos, percebendo

que algo vai mal entre os patrões.

INTERIOR - QUARTO DE HONÓRIO - NOITE

36. Elvira debruça-se sobre a caminha onde dorme o filho. Acaricia-lhe o rosto e, ao voltar-se, avista o marido, sombrio, que a observa.

Elvira, com medo, indecisa, volta a acariciar o filho, enquanto o Intendente lhe diz, com voz autoritária:

INTENDENTE: Venha a meu quarto, por favor!

INTERIOR - QUARTO DO INTENDENTE - NOITE

37. Quando Elvira penetra no quarto de dormir, encontra o marido sentado no magnífico leito Maria I.

Rezende, cuja expressão se desanuviara, deixa ~~de~~ novamente perceber a excitação sexual que ~~de~~ ^{dá} a seus olhos uma intensidade ~~incomum~~ ^{incomum}.

~~de~~ Faz um gesto para que Elvira se aproxime. ^{E diz:} ~~de~~

INTENDENTE: Venha aqui...

38. Câmera, em Trav-Atrás, acompanha o lento caminhar de Elvira, enquadrada em P.P.

Seu rosto denota medo, coberto de palidez.

Não chega muito perto do Intendente, que se levanta, ao vê-la parar. ~~de~~

39. Em novo enquadramento, câmera focaliza o casal em P.A.

O Intendente, como de outras vezes, tenta atrair Elvira ao leito. Mas ela, como também de outras vezes, resiste ~~de~~, com repulsa, tédio e irritação.

Desta vez, no entanto,

~~de~~ (o Intendente explode, raivoso, ^{muito} ~~de~~ irritado:

INTENDENTE: Mas que diabo?! Que diabo é isto, mulher?!... Com quem pensas estar lidando?! Parece bruxaria, ~~de~~ feitiço de demônio!...

Elvira, espantada com a ^{câmera} ~~de~~ do marido, vai sentar-

se numa cadeira, num canto do cômodo, abaixava cabeça e responde, com voz ~~trêmula~~ assustada:

ELVIRA: Achô que estou enlouquecendo, Rezende!
Se te pudesse contar a sensação que tenho!...
Fico assim, quando entro neste quarto, quando
avisto esta cama!... Perdõe-me, sei que é uma
loucura!...

O Intendente parece enternecer-se. Aproxima-se da mulher, toma-lhe a mão e pede, mais calmo:

INTENDENTE: Tenta me explicar, Elvira...

ELVIRA: É como se alguém estivesse me espionando, esperando o instante para fazer alguma coisa ^{cruel} ~~contra~~ contra mim!...

40. Câmera, em "travelling", aproxima-se do casal, até fixá-lo em P.P.
Rezende Freire, compadecido, afaga a cabeça da mulher, enquanto diz:

INTENDENTE: Ora, a tolinha!... É tudo imaginação desta cabecinha de criança... É tolice, é pura imaginação!...

Rezende, ainda com esperanças de uma noite de amor, subitamente ergue a mulher com um carinho pouco convincente, enquanto exclama, de novo dominado pela sensualidade:

INTENDENTE: Vamos... tolinha... Verás que o prazer vai apagar essas caraminholas... Vamos, vamos, linda!... *Venha cá...*

Elvira, então, num gesto inesperado e violento, esmurra o peito do marido e solta um grito que ecoa ^{pela} ~~na~~ casa:

ELVIRA: Não!

INTERIOR - MASMORRA - NOITE

41. Em corte sonoro direto, o grito de Elvira é sucedido pelo grito de sofrimento de um garimpeiro, torturado na masmorra da Intendência.

Com uma chibata ensanguentada, o Anspeçada Silveira esfolia as costas do infeliz, enquanto lhe grita aos ouvidos:

ANSPEÇADA SILVEIRA: Vai me dizer onde está escondido o Orozimbo, bandido?!... Vai dizendo logo, celerado, senão te arranco a pele da carcaça!

O garimpeiro nada diz, o que aumenta a fúria do carrasco, que lhe bate com mais força o couro cru, repetindo, possesso:

ANSPEÇADA SILVEIRA: Onde está o Orozimbo, filho da puta?!...

SEQUÊNCIA 11

(PRIMEIRA ALTERNATIVA PARA O DESFECHO DO EPISÓDIO)

INTERIOR - QUARTO DE HONÓRIO - DIA

42. Elvira está estendida no leito do filho, que dorme um sono tranquilo e feliz. Está com os olhos cerrados e ^{se}assusta quando ouve abrir-se a porta. ~~Avista~~ ^{Avista} Rezende Freire, que lhe diz, secamente:

INTENDENTE: Viajo ~~para~~ para Vila Rica. Para qualquer coisa, procure o Argemiro, na Intendência.

ELVIRA: É viagem demorada?...

INTENDENTE: Coisa de uma semana, ou pouco mais.

ELVIRA: Que Deus acompanhe vossa mercê...

Rezende nada responde, fecha a porta e se ~~afasta~~ ^{afasta}.

EXTERIOR - ESTRADA PARA VILA RICA - DIA

43. O Intendente Rezende Freire, acompanhado pelo Capitão Orlando, o Alferes Ramos de Almeida e mais três guarda da Extração, viaja a cavalo pela estrada que, ^{na} ~~em~~ Serra do Espinhaço, leva à capital da Província, Vila Rica.

Câmera documenta a cavalgada, os apetrechos de viagem, a paisagem circundante.

À certa altura, fazendo parar a comitiva, ~~o capitão Orlando~~ Rezende Freire ^{fala} ~~entrega~~ ao Capitão:

INTENDENTE: Capitão, não vou prosseguir viagem. Regresso ao Arraial, para assunto urgente. Peço-lhe a fineza de seguir avante e levar ao Senhor Governador o Relatório Anual da Intendência.

O Capitão, embora surpreso com a decisão do Intendente, não ~~pede~~ pede explicações. Limita-se a obedecer, dizendo:

CAPITÃO ORLANDO: Como Vossa Excelência deseja, ^{Senhor} ~~Intendente~~ Intendente. ^{Cumpro} ~~Sigo~~ ordens! Não ^{disponho} ~~posso~~ que um de nós acompanhe Vossa Excelência?

INTENDENTE: Não é necessário. Volto só. Obrigado e boa viagem.

Dá meia volta ao cavalo e inicia o regresso ao Arraial, ~~de Tijuco~~ ~~eo.~~

EXTERIOR - ARRAIAL DO TIJUCO - NOITE

44. O Intendente dos Diamantes vem vindo por uma rua parcamente iluminada do Tijuco. Montado, ^a ~~em~~ grande capa e ^o ~~o~~ chapéu cobrindo-lhe o corpo e disfarçando-lhe o rosto, ~~o~~ ~~o~~ vai passando pelos lampiões e projetando sombras nas casas silenciosas.

Aproxima-se da câmara, até deixar ver suas feições ^{Somethings} ~~o~~

EXTERIOR - RUA E RESIDÊNCIA DO INTENDENTE - NOITE

45. Após descer uma ladeira, o Intendente aproxima-se da pracinha, ao fundo da qual se avista sua residência.

Vem lentamente a cavalo, evitando fazer ruído.

Não muito longe do ~~quarto~~ ^{solar}, desce e amarra o animal numa árvore. Depois se encaminha para o sobrado, retira a chave, abre cautelosamente a porta, que fecha por dentro.

INTERIOR - RESIDÊNCIA DO INTENDENTE - NOITE

46. No interior da casa, câmera enquadra Rezende Freire que sobe cautelosamente a escada que leva ao pavimento superior.

Chega à sala-de-visita, pisando de leve, ganha o corredor e se aproxima do ~~quarto~~, seguido em Trav-Atrás, enquadrado em P.P. Suas feições rudes denotam decisão e, ao mesmo tempo, uma forte tensão que ~~o~~ deixa ~~crispado~~.

Ao aproximar-se do quarto do ~~quarto~~ ^{Casa}, começa a ouvir vozes sussurradas, expressões abafadas de prazer.

Convencido de que alguém ali se encontra com sua mulher, retira uma garrucha, ~~deixa-a cair~~ torce lentamente a maçaneta e entra.

INTERIOR - QUARTO DA RESIDÊNCIA DO INTENDENTE - NOITE

47. Instalada no interior do quarto, câmera centraliza a porta de entrada, pela qual surge Rezende Freire, arma à mão.

Câmera recua, abrindo o quadro e deixando ver o interior do cômodo em P.G., com o grande leito colonial à esquerda. Sobre ele, enlaçados, estão Elvira e Orozimbo.

Elvira, assustadíssima, cobre instintivamente o corpo com um lençol. O Intendente dá mais alguns passos, arma em riste. No instante em que Orozimbo faz um movimento para saltar do leito, Rezende aciona o gatilho e fere mortalmente não o garimpeiro, mas sua mulher.

Orozimbo, então, com grande agilidade, salta sobre o Intendente e, em meio à tentativa para desarmá-lo, acaba baleando-o com a própria arma.

Depois, rapidamente, apanha a roupa e, pela janela aberta, desaparece na escuridão.

48. Câmera, em novo enquadramento, focaliza o Intendente que, ~~cam~~

baleante, caminha alguns passos e, sem forças, o peito varado pela bala, tomba sobre o leito, a cabeça voltada para a cabeceira.

Câmera avança, em "travelling", vai enquadrá-lo em P.P., deixando ver as duas talhas cavadas no medalhão da cabeceira.

Nesse exato ~~espetáculo~~ instante, surgem nas talhas, através de trucagem, dois olhos aterradores, fitando Rezende Freire com ódio profundo.

Com o terror estampado no rosto, o Intendente ~~enquanto~~ ^{fitando} ~~aquele~~ aquela espantosa aparição e, antes de morrer, reconhece os olhos ~~aquele~~ ^{do homem} que, tempos atrás, enforcara no mato, o Fiscal Pedroso de Almeida.

Com ~~uma~~ ^a expressão, de horror e sofrimento, o rosto lívido, tomba de lado a cabeça, quase recostado no corpo inerte de Elvira. E morre.

- FUSÃO -

SEQUÊNCIA 11

SAI

(SEGUNDA ALTERNATIVA PARA O DESFECHO DO EPISÓDIO)

42. EXTERIOR - CHÁCARA DO PALHA - DIA

Elvira e Orozimbo, em recanto afastado da chácara do Palha, conversam sob uma mangueira ~~deitada~~ sentados na relva.

Elvira revela ao ~~homem~~ ^{avante} o comportamento estranho e ameaçador do Intendente, ~~como~~ como se tramasse alguma coisa perversa ^{contra ela}.

Depois diz que está decidida a abandoná-lo, fugindo com o filho para ~~um~~ lugar distante. E pede que Orozimbo a acompanhe, pois teme que tanto ela, como ele, correm perigo no Tijuco.

ELVIRA:

Orozimbo abraça-a, carinhosamente, beija-a, pede-lhe que não se precipite, que aguarde ~~um~~ mais algum tempo. E ~~que~~ ^{acrescenta} que o plano de fuga dos garimpeiros ~~está~~ presos, primeiro passo para a revolta contra ~~os~~ portugueses, está iminente ~~na~~ ^{na} a Província.

Pede-lhe o maior sigilo, e que continue a ~~seguir~~ ^{seguir} os passos e as

SEQUÊNCIA 12INTERIOR - CASA DO INTENDENTE - DIA

49. Na sala de visitas do solar do Intendente estão reunidas algumas personalidades destacadas do Arraial do Tijuco. Percebe-se uma atmosfera de grande pesar, e o grupo está centralizado no pároco do Arraial, Padre Libânio, sacerdote de grande prestígio e autoridade, destacando-se também o Alferes Miguel Lins e mais dois ou três guardas da Extração.

Criados, escravos e mucamas circulam pela casa, servindo bandejas com café e licor.

Padre Libânio dirige-se ao Alferes:

PADRE LIBÂNIO: Consumada essa medonha tragédia, é necessário cuidar-se do órfãozinho, vítima inocente, que deverá ser afastado de toda essa miséria...

ALFERES MIGUEL: Sabe-se, Padre Libânio, que em Vila do Príncipe moram os Vieira de Carvalho, que além de parentes, são abastados.

PADRE LIBÂNIO: Exato, exato, caro Alferes. Esse senhor Vieira de Carvalho, se não me equivoco, é casado com uma irmã do falecido Intendente, não é isso?...

ALFERES MIGUEL: É a senhora Dona Feliciano Freire de Carvalho, dama de altas qualidades, muito devota.

PADRE LIBÂNIO: Deveremos, pois, providenciar para que a criança não permaneça neste triste ambiente. Convém que viaje com a maior brevidade. E quem a conduzirá à Vila do Príncipe?

ALFERES MIGUEL: Posso levar o pequeno Honório, com mais dois soldados.

PADRE LIBÂNIO: Muito lhe agradecemos, Alferes Miguel. Um gesto de grande nobreza e bondade

humana. Deus há-de recompensá-lo!

Dizendo isto, o sacerdote se levanta e, antes de partir, acrescenta:

PADRE LIBÂNIO: Escreverei carta detalhada ao sr. Vieira de Carvalho. O importante, meus amigos, é que não se fale em nada do que se passou junto ao pequeno Honório. Estão me compreendendo bem?...

F U S Ã O

EXTERIOR - CAMINHO PARA VILA DO PRÍNCIPE - DIA

50. Câmera começa focalizando uma curva poética, bonita e larga de uma trilha de pedagem, ainda inteiramente deserta. É dia alto.

Numa ponta da curva, que deverá ser em declive, vêm surgindo uma tropa de homens e animais, além de carroções puxados por juntas de bois.

O cortejo segue na direção de Vila do Príncipe, atual cidade do Serro, cortando a Serra do Espinhaço com sua difícil topografia.

Numa forte besta, dois cestos se equilibram de um e de outro lado. Num deles, vêm-se sacos de bagagem, mas no outro acomoda-se o pequeno Honório (exatamente como viajavam crianças pequenas no século XVIII, pelos caminhos do Brasil-Colônia).

Ao lado da besta segue, montando um cavalo baio, o Alferes Miguel Lins comandando a pequena tropa que conduz o pequeno órfão à casa dos tios, em Vila do Príncipe, também integrada por alguns negros escravos e dois guardas da Extração.

Mais para trás seguem os carroções, sobre os quais estão ^(alojados) os móveis que guarneciam o solar do Intendente, alguns desmontados.

Câmera detalha o triste cortejo e, com mais ênfase, o carroção que transporta o belo leito Maria I, sobre o qual a tragédia se consumara.

Um sol forte reverbera no espaldar da cabeceira e bate em cheio

na talha e nos desenhos esculpidos pela mão de mestre do João Macedo.

A caravana passa rente à objetiva e segue seu caminho na trilha rochosa da Serra.

Câmera segue-a em panorâmica, até que se distancie no platô da montanha.

SEQUÊNCIA 13

EXTERIOR - ~~VILA DO PRÍNCIPE~~ SERRO FRIO - DIA

51. De um ponto elevado, câmera focaliza, em G.P.G. a cidade do Serro Frío, antiga Vila do Príncipe, "com suas escarpas, seus abismos, seus córregos e aquele solo desordenado e hostil".

Sobre esta imagem de localização geográfica, surge, em transparência, o letreiro explicativo: VILA DO PRÍNCIPE - SERRO FRIO - 1830.

52. De outro ângulo, agora no centro de Serro Frio, câmera focaliza uma rua em declive, centralizando-se na figura de um homem, a cavalo, chapéu à cabeça, que segue caminho, erecto, o ar enérgico, indiferente aos transeuntes e moradores que lhe cedem passagem, comentando uns com outros:

UM MORADOR: Lá vai o "Barriga de Ouro", cada vez mais rico, e o povo cada vez mais pobre!

Outros falam em Honório, herdeiro da grande fortuna deixada pelos tios, Manoel e Feliciano Vieira de Carvalho, falecidos ~~antes~~ ^{antes} atrás. E comentam, uns à janela de casas, outros nas calçadas, ou diante de casas comerciais, que a ganância implacável do filho de Rezende Freire, além de um tino extraordinário para os negócios, que abarcava fazendas, lavras e casas comerciais no Tijucó, Serro Frio, Vila Rica, etc., o haviam transformado num dos homens mais ricos de Minas Gerais:

HOMEM GORDO:

UMA MULHER:

UM MENDIGO:

UM COMERCIANTE:

Impassível, o olhar duro, Honório de Rezende Freire segue a cavalo e o único cumprimento que faz, tocando de leve na aba do chapéu, é para Freitas Ávila, proprietário do jornal "Tribuna do Serro", que conversa à porta da redação do jornal:

FREITAS ÁVILA:UM REDATOR:AUTORIDADE LOCAL:EXTERIOR - PRAÇA E EMPÓRIO DE HONÓRIO - DIA

53. Honório aproxima-se agora da pracinha onde se localiza o sobrado que tem, no térreo, o maior empório comercial da cidade, que herdou dos tios: "CASA VIEIRA DE CARVALHO & SOBRINHO".

Desmonta, amarra o animal no..... e, antes de entrar no estabelecimento, é abordado por um pequeno sitiante, "Seu" João de Brito, muito nervoso, amassando o chapéu de palha nas mãos, que lhe pede:

SITIANTE: Sor Honório...

Honório se volta, visivelmente aborrecido, e só responde, secamente:

HONÓRIO: Sim, "seu" Brito!

SITIANTE: Vim pedir para o senhor ^{espichar} ~~anunciar~~ o prazo da promissória...

O rico comerciante, vendo que outras pessoas começam a se aglomerar junto dele, retruca rispidamente:

HONÓRIO: Só converso sobre negócio no escri-

E vai entrando.

João de Brito fica parado, como se hesitasse. Depois se decide e, por sua vez, penetra no empório.

INTERIOR - EMPÓRIO DE HONÓRIO - DIA

54. Honório de Rezende Freire já está sentado à mesa de trabalho, sobre a qual se vêem livros contábeis, títulos, cartas e toda espécie de documentos de uma próspera empresa comercial.

João de Brito se aproxima e fica de pé, diante do comerciante que não o convida a sentar-se, e que lhe diz, com ~~uma~~ franqueza agressiva e cruel:

HONÓRIO: Não tem mais prazo, "seu" João de Brito! A promissória está vencida há cinco meses!

O sitiante ainda insiste, com voz suplicante:

SITIANTE: Mas... sor Honório, não tenho com que pagar, a colheita foi péssima!...

HONÓRIO: E vai ser sempre assim!...

Ao ver aproximar-se o contador da firma, com um documento à mão, Honório despede o devedor, com a derradeira concessão:

HONÓRIO: Dou 48 horas para a quitação da dívida. ^{Se não quitar} ~~Em caso contrário~~, executo a hipoteca! Passar bem, "seu" Brito!...

O sitiante se afasta, trêmulo, a expressão ~~de quem não tem mais saída~~ desalentada de quem não tem mais saída.

EXTERIOR - EMPÓRIO DE HONÓRIO - DIA

55. Quando João de Brito chega à calçada fronteira à casa comercial, avista na pracinha um aglomerado de pessoas paupérrimas, algumas vestindo trapos, esperando o desembarque de mercadorias que estão chegando

em carroças e carros-de-boi.

Negros escravos carregam para o interior do estabelecimento sacos de alimentos, arroz, feijão, batata, toucinho, linguiça, farinha, etc.

O carregamento provoca a queda de mercadorias na rua e na calçada. Sobre elas se precipitam mendigos e moradores famintos da cidade, gerando, inclusive, tumulto e até disputa.

Como de outras vezes, surgem alguns soldados do destacamento local, os quais, com violência, ~~espancadas~~, dispersam a multidão faminta.

Esta cena é presenciada por um jornalista do "Tribuna do Serro", jovem, vestido com certo apuro, que, contristado, sai a caminhar na direção do jornal.

Ao chegar, cruza com Freitas Ávila, a quem diz:

JORNALISTA: Está havendo outro tumulto diante da casa do Honório, doutor Freitas. A soldadesca está ~~espancando~~ ^{estancando} os famintos.

FREITAS ÁVILA: Faça um relato, Miguel. Um relato veemente, duro! Vou escrever um artigo de fundo sobre esses tristes acontecimentos.

INTERIOR - CASA DE HONÓRIO - NOITE

56. No pavimento superior do sobrado onde Honório de Rezende Freire tem seu negócio, realiza-se pequena reunião de amigos e convidados do comerciante.

No salão, que se abre para a varanda externa, conversam, bebem e comem umas quinze pessoas, inclusive um tipo nobre, a quem chamam de Barão, centro das atenções gerais.

Sentado numa poltrona de alto espaldar, o Barão belisca uma guloseima qualquer. Apoiado na mesinha ao lado, há um copo de bebida, que ele pega por alguns segundos, larga depois no mesmo lugar, sem, contudo, servir-se.

Repete isto algumas vezes, enquanto fala, com a empáfia dos nobres

BARÃO: Pois é que vos digo! Acabo de saber, por mensageiro de responsabilidade, chegado

da Corte, que Sua Majestade, Dom Pedro, está disposto a visitar Minas Gerais, tentando apaziguar os ânimos, muito exaltados pela propaganda federalista e republicana.

Deixando em off parte da fala do Barão, câmara passeia pela sala e focaliza outros convidados, até fixar-se na gorda mulher de Honório de Rezende Freire, Ernestina de Melo Leitão Freire.

Estrategicamente sentada perto de uma mesa repleta de guloseimas, Ernestina não pára de comer. Come de tudo, com uma rapidez e avidez incríveis, reveladoras de neurose compulsiva e incurável.

Convidados perto dela, inclusive uma mulher magra e ossuda, portadora de joias e penduricalhos, observam Ernestina com ~~um~~ malícia e ironia. Indiferente a tudo, a mulher de Honório devora doces, bonbons e guloseimas de toda espécie.

Um dos convidados, amigo íntimo de Honório, Sebastião de Figueiredo Mendonça, senta-se ao lado da esposa, Luiza, mulher linda e deleitável, com um decote que, vez e outra, atrai o olhar ambicioso de Honório e do próprio Barão, apesar de sua avançada idade.

Mendonça aproveita um intervalo da fala do Barão, que, finalmente, engole o licor ao lado, e intervém, a voz meio fanhosa:

MENDONÇA: Realmente, realmente, senhor Barão! Os ânimos estão exaltados, atiçados pela pregação republicana e subversiva do Freitas Ávila e seu jornaleco!...

O Barão, que não parece ter gostado da intervenção do Mendonça, retoma ~~a palavra meio~~ irritado:

BARÃO: Essas balelas de província não têm eco nem na esquina! Grave mesmo é a forte oposição da Câmara ao novo Ministério do Paranaguá.

Ao lado do Barão, Padre Mesquita, curvado pelos anos, solta um

pigarro, sinal infalível de que vai falar, e opina:

PADRE MESQUITA: É certo, senhor Barão, que o Imperador virá com Dona Amélia e alguns ministros? Não é uma temeridade?!...

BARÃO: Mais do que uma temeridade, Padre Mesquita, uma imprudência!...

INTERIOR - "TRIBUNO DO SERRO" - NOITE

57. Na redação do "Tribuno do Serro", Freitas Ávila, rodeado pelos companheiros de jornal, está lendo o artigo de fundo do próximo número:

FREITAS ÁVILA (lendo): "A fome continua a oprimir-nos, e a cessação das chuvas faz com que este flagelo nos seja inteiramente insuportável. Não vemos mais o que se deva fazer para que o povo não seja vítima de um mal ~~que~~ que a todos ameaça. Mal, inclusive, agravado pela ganância e cupidez de alguns comerciantes que ficam cada vez mais ricos, enquanto o povo cada vez mais pobre!"

INTERIOR - CASA DE HONÓRIO - NOITE

58. De volta ao salão de Honório de Rezende Freire, câmera focaliza agora a mulher do comerciante.

Dona Ernestina, após devorar mais um doce, mete-se também na conversa:

ERNESTINA: Em vez de plantar, de cuidar da terra, essa gente saiu por aí procurando ouro, diamantes^e pedras preciosas. E agora reclama, diz que passa fome, ~~quando~~^{que} as minas estão ~~esgotadas~~ esgotadas! Bem feito, a culpa é deles!

E volta a comer, incansável, enquanto Honório, por sua vez, pondera:

HONÓRIO: É o que sempre digo, e repito: quem não planta, não colhe! E quem não colhe, não come!... Nada temos com a fome do povo, não somos os culpados, não é mesmo? Soubessem economizar para as vacas magras!...

Padre Mesquita, com ar circunspeto, grave, então comenta:

PADRE MESQUITA: Peço sempre a Deus pela paz e o bem-estar de nosso pobre povo! Hoje, com a quebra da exploração das minas, até pão falta nas padarias...

HONÓRIO: Não nas minhas, Padre Mesquita!...

INTERIOR - "TRIBUNO DO SERRO - NOITE

59. No "Tribuno do Serro" voltamos a focalizar Freitas Ávila, concluindo a leitura do artigo de fundo.

Para evitar-se a monotonia do enquadramento imutável, de um mesmo personagem, câmera, com "flashes" expressivos e realistas, documenta a miserável situação econômica e social do Serro e região circundante, mostrando minas e garimpos abandonados, casebres, figuras esqueléticas, mendigos e crianças famintas na roça, vagando pelas estradas, nas ruas da cidade, pedindo esmolas.

Em voz off continua a ouvir-se a leitura do artigo de fundo por Freitas Ávila:

FREITAS ÁVILA: "Mais grave do que o despotismo do Imperador; mais dura do que a perseguição da Corte aos patriotas, liberais e republicanos; mais explosiva do que a situação política na velha Província mineira, é, sem dúvida, a calamitosa situação econômica e social no antigo e não opulento hemisfério das Minas! Só os cegos e insensíveis, os abastados e egoistas, aproveitadores da pobreza geral, não enxergam a fome, a escassez, a insuportável carestia de víveres!"

A sequência termina com o P.P. do rosto profético e veemente do grande jornalista, que conclui:

FREITAS ÁVILA: "Todos sofrem, principalmente os pobres, os desprotegidos da sorte, os que têm fome, os que perdem tudo o que têm, no turbilhão da miséria! Sua revolta pode ser o estopim de acontecimentos imprevisíveis! Que se cuide o "Barriga de Ouro"!"

SEQUÊNCIA 14

INTERIOR - CASA DE HONÓRIO - DIA

60. Câmera, inicialmente, focaliza a sala-de-jantar a residência de Honório de Rezende Freire, mostrando Dona Ernestina, cada vez mais gorda, à mesa de refeições, coberta por rica toalha rendada de linho branco.

Espalhado pela mesa, também fabricada pelo artífice João Macedo, no Tijuco, se vê todo tipo de guloseimas: doces, confeitos, bolos, pé-de-moleque, brevidade, suspiro, etc.

Uma negra-escrava chega da cozinha trazendo café com leite e duas ou três variedades de queijos, que deposita na grande mesa.

Ernestina parece excitar-se com os novos pratos e bules que a criada lhe trás, e continua a comer sem descanso.

Câmera, em Trav-Ávante, deixa a sala e, pela porta aberta, chega à sala-de-visita, aproximando-se de um conjunto de estar entre duas janelas de cortinas brancas.

No imponente sofá se encontra Honório de Rezende Freire. A seu lado, numa poltrona, Sebastião de Figueiredo Mendonça lhe fala, como em confidência:

MENDONÇA: Sabe, Honório, não queria falar-lhe em dinheiro, já que, com a crise, não posso lhe pagar aquela importância... E talvez necessite de um pouco mais, compreende? Um arredondamento... Os tempos estão bicudos...

Honório, preocupado em falar mais baixo, temendo que Ernestina o escute, então retruca:

HONÓRIO: Sobre isto, não se preocupe. Posso esperar mais algum tempo. Sobre o arredondamento, bem, prometo que vou pensar, estudar o assunto...

Mendonça aproxima a cadeira e, quase falando ao ouvido do amigo, acrescenta:

MENDONÇA: Outro dia a Luiza lembrou: "Se precisas ^{de} mais algum dinheiro, por que não te socorres do compadre Honório?"

HONÓRIO: Você sabe que pode contar sempre comigo, Mendonça.

Honório levanta-se, enche um copinho de licor, oferece-o ao visitante e continua:

HONÓRIO: Preciso de um favorzinho seu, Mendonça...

MENDONÇA: Favor nenhum, Honório! O que ~~me~~ ^{me} pedir, é ~~uma~~ ordem!...

HONÓRIO: Como não ^{posso} me ausentar do Serro, neste instante, gostaria que você fosse resolver para mim um negócio meio complicado na Vila Rica.

O diálogo é subitamente interrompido com o grito raivoso de Ernestina, chamando a empregada:

ERNESTINA: Mindinha! Vem cá, ~~"sua"~~ ^{"sua"} peste! Negrinha safada!...

~~ERNESTINA~~

EXTERIOR - CASA DE MENDONÇA E LUIZA - NOITE

61. Honório de Rezende Freire, meio escondido num comprido capote escuro, chapéu de feltro à cabeça, chega ao portão da bonita e florida residência de Sebastião de Figueiredo Mendonça e Luiza, no fim de uma rua

Após abrir um portãozinho de ferro, atravessa o jardim, com canteiros, muitas plantas e flores, e chega à varanda cheia de pássaros em gaiolas e samambaias choronas.

Nesse instante, abre-se a porta de entrada, surgindo, sorridente e linda, a mulher de Mendonça, que lhe fala, convidativa:

LUIZA: Vamos entrar, "seu" Honório, por favor!...

HONÓRIO: Boa noite, Luiza. Como vai passando?...

Sobe uma escadinha, atravessa a varanda e, ao entrar na casa, ouve Luiza dizer-lhe, insinuante:

LUIZA: O Mendonça viajou... Fique à vontade, "seu" Honório... A casa é sua!...

F U S ã O

EXTERIOR - RUAS DO SERRO FRIO - DIA

62. Câmera registra flagrantes das velhas ruas do Serro Frio: um escravo mercadejando legumes, negros-do-ganho esperando por biscates, mendigos, lavadeiras com roupas e bacias na cabeça, gente conversando numa esquina, numa tendinha, na porta de um biongo.

Observa-se um clima de agitação, de nervosismo e revolta.

Um popular, na calçada, lê para amigos o "Tribuna do Serro":

POPULAR (lendo): "Para avaliar-se o extremo da miséria pública, basta saber-se que todos os dias uma guarda de permanentes é destacada para as padarias e empórios do senhor Honório de Rezende Freire, a fim de conter o povo que, obrigado pela fome, parece disposto a romper todos os diques da moderação e do sofrimento".

OUTRO POPULAR: É isso mesmo! Afinal, ~~minha gente~~
o povo cansa!...

O popular que leu o jornal então opina:

POPULAR: Por muito menos, no Rio de Janeiro as
autoridades andaram a braços com a revolta do
vintém! Um descalabro! É a loucura do preço dos
transportes...

Duas outras pessoas, a aparência muito pobre e sofrida, vêm jun-
tar-se ao grupo, e também comentam, raivosas:

HOMEM POBRE: Quando o povo explode, meus amigos,
é pior do que ar comprimido!

VELHO MAGRO: Vejam a que ponto chegamos! É o
fim! Quem sabe aonde vamos parar?!...

O grupo começa a movimentar-se na direção do largo no qual se
~~encontra~~ ^{situa} o principal estabelecimento comercial de Honório de Rezende
Freire.

EXTERIOR - PRAÇA E CASA DE HONÓRIO - DIA

63. O grupo, visto na cena anterior, está chegando ao larguinho onde
se encontra a casa comercial de Honório de Rezende Freire, e vai juntar-
se à multidão que se adensa cada vez mais.

Diante do empório estão a postos 4 soldados armados, preocupa-
dos com a aglomeração popular, as expressões ~~seus~~ ameaçadoras.

Um dos soldados diz a outro:

1º SOLDADO: Tourinho, não 'stou gostando nada
~~d'isso aqui~~ ^{d'isso aqui}!... Não é melhor avisar ao Sargento,
pedir reforço?!...

2º SOLDADO: Nem precisa! Um tiro pro alto e essa
cambada sai correndo!...

64. Circulando em meio à multidão, cada vez mais numerosa, câmera descobre o sitiante João de Brito, barba por fazer, a expressão feroz, disposto a tudo.

Ele fala alto, insuflando os populares:

SITIANTE JOÃO DE BRITO: Este usurário, explorador do povo, especulador e ladrão, é o maior responsável pela miséria do povo! Enquanto o povo passa fome, não há pão e alimento pras crianças, na casa do "Barriga de Ouro" nada falta! Há comida pra todo lado, ~~e Dona Ernestina só sabe comer,~~ ~~e o povo esconde doces e~~ queijos até debaixo da cama!...

Muitos concordam, raivosos:

UM POPULAR: É isto mesmo!

OUTRO POPULAR: Rouba até da mãe! É um canalha!

Continuando a movimentar-se na praça, câmera vai focalizar, num canto, meio disfarçado numa roupa velha e surrada, o amigo íntimo de Honório, ~~o velho amigo~~ Sebastião de Figueiredo Mendonça, também insuflando a turba:

MENDONÇA: O que o Honório esconde de víveres daria para alimentar um exército! Guarda alimento para especular, forçar o preço, ganhar mais dinheiro!

A multidão, cada vez mais agitada e colérica, cresce minuto a minuto. Sebastião disso se aproveita e fala mais alto, ^(para ser) ouvido na praça ~~toda~~ ^{toda} ~~vez~~ ^{vez}:

MENDONÇA: Este homem merece um bom saque! Coisa sem sangue, é claro, em ordem! Vocês, afinal, vão buscar o que ~~o povo~~ ^{lhe} pertence! ~~o povo~~

INTERIOR - CASA DE HONÓRIO - DIA

65. Ao interior da residência de Honório de Rezende Freire só chega, distante, o vozerio da multidão que se aglomera diante do empório.

Na sala-de-jantar, ~~alheia~~ alheia ao que se passa, Dona Ernestina, à mesa de refeições, come sem parar.

À certa altura, voltando-se para os fundos da casa, berra:

ERNESTINA: Mindinha! Negra safada! Quéde a com-pota de figo?!

INTERIOR - EMPÓRIO DE HONÓRIO - DIA

66. No interior da casa comercial de Honório a agitação do povo começa a preocupar não só o comerciante, como seus empregados e alguns ~~se~~ fregueses que, muito assustados, ~~se~~ apressam ~~em~~ deixar o estabelecimento.

À certa altura, Honório chama o contador, "seu" Heliodoro, e ordena:

HONÓRIO: Heliodoro, dê um pulo à Chefatura e pede ao Capitão para mandar mais gente! ?

EXTERIOR - PRAÇA E CASA DE HONÓRIO - DIA

67. A multidão ~~revoltada~~ revoltada está prestes a invadir a casa comercial de Honório.

E quem dá o remate final é o João de Brito, que, bradando como ~~possesso~~ possesso, exclama:

JOÃO DE BRITO: Mãos à obra, minha gente! Vamos buscar comida para nossas famílias!...

Sebastião de Figueiredo Mendonça, ~~perto dele~~ ^{perto dele}, também conclama:

MENDONÇA: Toca pra casa do ladrão! Vamos, minha gente! Ao ataque!!!

A multidão se movimenta em massa, num burburinho de exclamações e palavras de incitamento.

Num canto, Sebastião de Figueiredo Mendonça, com uma expressão solerte e de falsidade, ~~atira mais ainda:~~ ~~atira mais ainda:~~

MENDONÇA: Tomem o que é ~~seu!~~ ^{seu!} Mas não façam exageros!

Depois toma a direção oposta à turba e dobra a primeira esquina, afastando-se do local.

Vendo a clara intenção do povaréu, Honório manda fechar as portas da casa comercial, enquanto os quatro soldados, meio assustados, pedem calma à multidão:

1º SOLDADO: Calma, minha gente!

2º SOLDADO: Vamos, vamos andando! Para casa!

Mas a turba não se afasta, e chega mais perto do empório. Ouvem-se gritos e exclamações de fúria e revolta:

UM POPULAR: Ladrão, cadê nossa comida?!

OUTRO: Abra esta porta senão arrebento tudo!

UM NEGRO: Cachorro! Apareça, miserável!

UMA MULHER: Temos com fome! Nossas crianças precisam comer, ladrão do povo!

Um dos soldados atira para o alto, causando certo pânico. Mas a multidão não recua e, repentinamente, avança ^{ndo} mais, arromba ~~as~~ as portas de madeira e ~~invade~~ ^{invade} o empório, levando tudo de roldão, ~~XXXXXXXXXX~~

INTERIOR - EMPÓRIO DE HONÓRIO - DIA

68. O que se passa no interior da casa comercial é difícil de descrever. Há um saque formidável. Tudo é, praticamente, destruído e roubado pela multidão ~~enfurecida~~ enfurecida.

Muitos deixam o estabelecimento carregando tudo o que conseguem apanhar. Outros, com porretes e cabo de vassoura, limitam-se a quebrar

vidraças, armários e prateleiras com toda sorte de mercadoria.

EXTERIOR - PRAÇA E EMPÓRIO - DIA

69. Um grupo numeroso, que não conseguiu entrar no empório, avança contra a porta ~~da escadaria~~ da escadaria que leva ao pavimento superior, ~~insuflado pelo~~ insuflado pelo ~~João de Brito~~ João de Brito:

JOÃO DE BRITO: Lá em cima ~~tem~~ tem comida, dinheiro e muita riqueza!

A porta é, imediatamente, arrombada e dezenas de populares, inclusive João de Brito, sobem correndo, em grande algazarra, a escadaria.

INTERIOR - CASA DE HONÓRIO - DIA

70.. Instalada em posição estratégica, num canto da sala-de-jantar, câmara enquadra quase todo o recinto, enfatizando a grande mesa de refeições, o "étagère" e outros móveis fabricados por João Macedo.

Repentinamente, pela porta ~~da~~ ^{da} escadaria, chega a multidão chefiada ~~por~~ ^{por} João de Brito.

Dona Ernestina, comendo sempre, põe-se de pé, assustadíssima, e brada ~~brada~~:

ERNESTINA: O que é isto, Santa Mãe de Deus?!...

A multidão não se intimida com a ~~gorda~~ gorda mulher de Honório e caminha na direção da mesa, obediente às ordens do João de Brito:

JOÃO DE BRITO: Aqui tem comida pra todos!

71. Acontece, então, uma ~~cena~~ ^{cena} inacreditável, que a objetiva da câmara, com ~~mob~~ mobilidade, irá captando em seus mínimos detalhes: a multidão, excitada pela visão da ~~grande~~ ^{grande} quantidade de doces, guloseimas, queijos, compotas, caldos e sopas, espalhados pela mesa, pelo ~~guarda-louça~~ guarda-louça, inicia uma luta patética ^(e furiosa) com dona Ernestina, que procura defender, com unhas e dentes, o que mais ama na vida.

É uma batalha tragi-cômica entre a fome e a gula: de um lado gente faminta, que talvez não coma há dias, tentando arrebatrar da gordíssi-

ma matrona os doces e quitutes que ela protege com tapas, empurrões, arranhões e socos, enquanto vocifera, transtornada:

ERNESTINA: Cachorros! Miseráveis! Mortos de fome! Larguem a comida, mendigos dos infernos!

No aceso da disputa, feroz e encarniçada, pratos de doces, sopas, caldos e compotas de toda espécie espatifam-se no chão, ou são atirados uns contra outros.

De repente, surgindo à porta da sala, Honório de Rezende Freire saca do bolso uma garrucha, berrando à multidão:

HONÓRIO: Canalias! Caiam fora daqui! Já! Já!
Fora, cachorros!!!

João de Brito avança alguns passos e, desafiante, brada ao homem que o arruinara:

JOÃO DE BRITO: Cachorro é você, "Barriga de Ouro"! Ladrão, usurário! Filho de uma égua!

Honório, fora de si, aperta o gatilho e atira no sitiante que, ferido de raspão, cai sentado numa cadeira, pálido de ~~espanto~~ ^{espanto}.

O tiro, contudo, não intimida a multidão que, temendo o desvario do comerciante, arroja-se contra ele e, com porretes, barras de ferro e até cadeiras, começa a espancá-lo brutalmente.

Dona Ernestina, apavorada, sai correndo e vai refugiar-se num dos quartos da casa. Apanha a filha de 10 anos, Maria Eugênia, e escapa pelo corredor, descendo as escadas.

Enquanto isto, na sala, o linchamento de Honório de Rezende Freire chega ao fim. Moído de pancadas, o crânio arreventado, esvaindo-se em sangue, o comerciante está estirado sobre a mesa de refeições, o rosto ~~mergulhado~~ ^{mergulhado} em pratos e restos de comida e guloseimas que, aos poucos, vão

se encharcando de sangue.

Quando percebe que o comerciante está morto, a multidão começa a se retirar, em silêncio, descendo a escadaria e se dispersando na rua.

A sala fica vazia, completamente destruída, com os tristes vestígios da sangrenta batalha.

Câmera, em "travelling", ganha a varanda e, de lá, focaliza a praça, pela qual transitam os últimos invasores, com as mercadorias saqueadas.

EXTERIOR - PRAÇA E EMPÓRIO - DIA

72. A praça agora está deserta e deixa ver, no chão e nas calçadas, o resto do saque formidável.

Reina um silêncio trágico ~~na~~^{na} cidade. Ouve-se, ao longe, o dobrar melancólico do sino de uma igreja.

FIM DO SEGUNDO EPISÓDIO - 31/3/1986.

(SÃO JOÃO DEL REI - 1880)

EXTERIOR - ESTRADA PARA SÃO JOÃO DEL REI - DIA

73. Numa estrada do interior de Minas, caminho entre o Serro Frio e São João del Rei, estrada rude e ensolarada, câmara focaliza um carretão de bois, cuja carga são os móveis fabricados, no Tijuco, pelo entalhador português João Macedo.

As peças, que guarneceram as residências do Intendente Rezende Freire, no Arraial do Tijuco, e de Honório de Rezende Freire, no Serro Frio, seguem para São João del Rei, onde Ernestina de Melo Leitão Freire e sua filha Maria Eugênia foram residir, em casa de parentes.

Os móveis, inclusive o belo leito Maria I, estão seguros por cordas nos fueiros do veículo, que vai chiando monotonamente sob o peso da cheda carregada.

Alguns escravos vão comboiando o carretão pelos caminhos de Minas, descendo a Serra do Espinhaço, subindo a Mantiqueira, ultrapassando Barbacena e chegando, finalmente, a São João del Rei.

São João del Rei - 1880

SEQUÊNCIA 15

INTERIOR - IGREJA DE SANTO ANTÔNIO - TIRADENTES - DIA

74. No interior da Igreja Matriz de Santo Antônio, em São José del Rei, atual Tiradentes, chega ao fim a cerimônia de casamento de José Manuel da Silva Alencastro e Bárbara Isabel Freire de Sousa.

Após a bênção sacerdotal, os noivos se beijam, descem dois degraus que levam ao altar e vão deixando a nave, passando entre as fileiras de bancos, nos quais se encontram os poucos convidados da cerimônia, realizada na intimidade, pelo fato, muito compreensível, de que os nubentes ^{Viviam} ~~estavam~~ maritalmente há quase cinco anos e têm uma filha encantadora, Maria Efigênia, de quatro anos, que chamam, carinhosamente, de "Princesa".

Câmera, em Trav-Atrás, acompanha o alegre e lento caminhar do casal e vai revelando os espectadores do ato nupcial: a própria filhinha do casal, Maria Efigênia, à beira do banco e ao lado do avô, pai de Bárbara Isabel, Tomaz Peixoto de Sousa e sua segunda esposa, Hortência Matos de Leme e Sousa e suas duas filhas menores; Jorge Silvino dos Reis e sua mulher Do-
rotéia, além de outros convidados, ~~amigos~~ ligados à família.

SOM - Dobrar festivo dos sinos da Igreja de Santo Antônio.

EXTERIOR - ESTRADA DE FERRO - DIA

75. Câmera, com a tele-objetiva, enquadra em P.P. a frente da locomotiva Maria Fumaça nos trilhos da estrada de ferro que liga Tiradentes a São João del Rei, uma das mais antigas do Brasil.

A locomotiva, soltando grossos rolos de fumaça escura, trepida nos trilhos de bitola estreita, balançando ligeiramente de um lado para outro.

SOM - Em corte sonoro direto, o som dos sinos, do plano anterior, é sucedido pelo silvo agudo da locomotiva.

76. Em nova angulação, câmera focaliza agora a locomotiva e seus três, ou quatro, ~~passageiros~~ ^{carros} de passageiros, passando rentes à objetiva.

A composição chega a uma curva e, seguida pela câmera em panorâmica, se afasta até desaparecer entre dois morros.

INTERIOR - VAGÃO DO TREM DE FERRO - DIA

77. No interior do primeiro ~~vagão~~ ^{carro} de passageiros da composição, focalizam-se os convidados ao casamento de Alencastro e Bárbara Isabel. O vagão está decorado com flores e nele se percebe ~~a~~ grande e ruidosa alegria que contagia todos os passageiros da curta viagem.

Câmera enfatiza a ~~maravilhosa~~ fascinante beleza de Bárbara Isabel, com o belíssimo vestido de noiva. A seu lado, o poeta Alencastro tem Maria Efigênia ao colo, e a acaricia com ternura.

Mais atrás, Jorge Silvino dos Reis e Dorotéia conversam sobre o acontecimento, e travam um diálogo elucidativo, com a seguinte e provisória redação:

Não há nenhum diálogo ou monólogo que diga que Alencastro é poeta

SILVINO: Finalmente, este casamento acabou se realizando! Termina, assim, a escandalosa mancebia de nosso ~~poeta~~ ^{poeta} ~~cu~~ ^{cu} Bárbara...

DOROTÉIA: Alencastro e Bárbara Isabel sempre foram muito independentes, Silvino! Nunca se preocuparam com o que dizem, ou deixam de dizer, com mexericos ou maledicências...

SILVINO: Ora, Dorotéia, ~~o homem~~ vive cercado de gente, ninguém se isola na sociedade. Há regras morais, hábitos, ~~e~~ costumes... *principalmente portas.*

DOROTÉIA: Os dois só se decidiram a casar quando a filha ~~se casou com ele~~ *ficou maiorzinha*. Exclusivamente por causa dela...

SILVINO: O Tomaz vivia acabrunhado com a situação irregular da filha!...

.78. O diálogo agora se desloca para Tomaz Peixoto de Sousa e sua mulher, Hortênsia, noutro banco do vagão:

TOMAZ: Vou sentir muita falta de Bárbara Isabel e Alencastro, quando se mudarem.

HORTÊNSIA: Você é mesmo um sentimental, Tomaz! Eles vão morar na praça da Igreja de São Francisco, que não fica ~~com~~ *nem a* metros distante de nossa casa...

TOMAZ: O Boanerges prometeu terminar a reforma e o envernizamento dos móveis na ~~próxima~~ sexta-feira...

79. Enquadra-se agora o casal de nubentes, nos primeiros bancos do vagão.

Alencastro beija o rosto de Bárbara, apaixonado, ~~e diz~~ lhe fala, amoroso:

ALENCASTRO: Hoje é um dia de muita felicidade, Bárbara! Outro será quando nos mudarmos para a casa da praça. Seu pai vai poder descansar um pouco, coitado!

*Este diálogo
poético de
Alencastro
declamando uma
poesia à Bárbara:
Para sem término
fundida no
dos raios
no túnel
e penagem*

pag 140 - Do Livro "Poesia do Ouro"

BÁRBARA: Ele vai é ficar muito triste quando fizermos a mudança, você vai ver. Papai sempre adorou a família, nunca vi ninguém mais caseiro!...

EXTERIOR - APROXIMAÇÃO DE SÃO JOÃO DEL REI - DIA

80. Depois de ultrapassar outra curva no caminho de ferro, a composição ganha uma reta, em parte elevada da estrada. Ao fundo surge o casario de São João del Rei, com suas igrejas e belos sobrados coloniais.

Surge, então, em sobreimpressão, novo letreiro indicativo:
SÃO JOÃO DEL REI, 1880.?

SOM - Silvo da locomotiva e, em segundo-plano sonoro, dobrar dos sinos das igrejas.

INTERIOR - CASA DE ALENCASTRO - NOITE

81. Empregados da carpintaria de Boanerges & Filho estão terminando a instalação dos móveis na nova residência de Alencastro e Bárbara Isabel.

Os dois fazem arrumação no cômodo reservado para a biblioteca e escritório do poeta.

Alencastro ajuda a colocar a escrivaninha num canto do quarto, enquanto Bárbara Isabel, com a filha ao colo, descansa na cadeira de balanço de palhinha, dizendo:

BÁRBARA: Seu escritório ficou lindo, Alencastro!
E esta cadeira é uma delícia!

Alencastro vem ao encontro da mulher e filha. Beija-as e, brincalhão, comenta:

ALENCASTRO: Acho que a casa toda está muito bonita. Você tem ~~uma~~ gosto, Bárbara!...

BÁRBARA: Os móveis é que são lindos! Foram fabricados em Diamantina há quase cem anos...E estão como novos!

Alencastro afaga os cabelos de Bárbara, beija novamente a filha e continua:

ALENCASTRO: A peça mais bonita, para mim, é a cama Maria I, que você preferiu deixar no quarto de hóspedes...

Bárbara Isabel, ouvindo a referência ao leito, fica repentinamente triste, perdida numa melancolia que a ~~envolve~~ ^{envolve} em sombras e reminiscências. Pára de balançar-se na cadeira, pensativa, o olhar meio vago, estranho.

O próprio Alencastro, vendo-a subitamente transfigurada, fica surpreendido, ~~sem~~ ^{sem} entender a modificação que ~~se opera~~ ^{nela} se operara. ~~Alencastro pergunta:~~

E pergunta, preocupado:

ALENCASTRO: Mas... Bárbara, o que aconteceu?... Não está se sentindo bem?...

Bárbara, então, procura voltar ao normal e deixa aflorar no rosto um sorriso que não ~~é~~ ^é convincente e nem exprime felicidade. E explica, ~~tristonha~~ tristonha:

BÁRBARA: Esta cama me traz reminiscências ~~tristes~~ ^{muito} tristes, acontecimentos estranhos ocorridos com meus antepassados. ~~Minha avó Ernestina morreu nela, e sua morte até hoje está envolta em mistério.~~ Minha mãe, Maria Eugênia, que veio com vovó do Serro Frio, morreu durante o parto, ~~quando~~ ^{quando} nasci, um parto doloroso, ~~realizado~~ realizado naquele leito...

Alencastro, comovido, retira ~~seus~~ carinhosamente Bárbara Isabel da cadeira, toma-a nos braços, beija-a e lhe diz, amorosamente:

ALENCASTRO: Não fale mais nessas coisas tris-

tes, amor. Se você quiser, a gente se desfaz do móvel, manda de volta para o porão da casa de seu pai...

BÁRBARA: Não, Alencastro, não quero ~~isto~~ isto.
~~A cama~~ fica conosco, em nossa casa, como uma tradição de família. Está muito bem no quarto dos hóspedes, ~~e~~ ^{E nós} continuamos com nosso velho leito de pobres...

E volta a sorrir, inundada de felicidade, linda e enternecida. Depois completa:

BÁRBARA: O importante é viver com você e com nossa "Princesa"!...

Alencastro afasta-a ligeiramente e, olhando-a nos olhos, com enorme carinho, começa a dizer ~~os~~ os versos:

ALENCASTRO: "Bárbara bela,
do Norte estrela,
que o meu destino
sabes guiar,
de ti ausente
triste somente
as horas passo
a suspirar.
Isto é castigo
que Amor me dá."

Bárbara então prossegue, a voz cheia de emoção e ternura:

BÁRBARA: "Eu bem queria
a noite e o dia
sempre contigo
poder passar;
mas orgulhosa
sorte invejosa
desta fortuna
me quer privar."

De repente, saltando da cadeira de balanço, Maria Efigênia pula nos braços do pai e, com sua linda voz infantil, termina os versos:

MARIA EFIGÊNIA: "Isto é castigo
que Amor me dá."

Os três, rindo muito, estremecidos de amor, ~~estremecidos~~, deixam abraçados o cômodo e vão para os fundos da casa.

SEQUÊNCIA 16

EXTERIOR - RUA DE SÃO JOÃO DEL REI - NOITE

82. Por uma rua estreita e íngreme de São João del Rei vêm vindo José Manuel da Silva Alencastro, Jorge Silvino dos Reis e mais duas destacadas pessoas da sociedade local.

É uma noite fria, o que os obriga a envergar capotes e chapéus. Passam rente à objetiva e se afastam, desaparecendo, mais adiante, numa esquina.

EXTERIOR - CASA DE TOMAZ PEIXOTO - NOITE

83. Alencastro e seus amigos chegam diante do solar de Tomaz Peixoto de Sousa, pai de Bárbara e figura de grande influência na cidade, presidente e fundador do Clube Tiradentes.

Alencastro bate à porta. Esta, segundos depois, se abre e o grupo entra.

INTERIOR - CASA DE TOMAZ PEIXOTO - NOITE

84. No principal salão do solar ^{Tomaz/} de Peixoto estão reunidos dezenas de partidários da causa abolicionista e republicana, em reunião do Clube Tiradentes.

~~Alguns~~ ^{Alguns} fumam, enchendo o local de fumaça. Duas criadas negras servem café e guloseimas.

A mesa que dirige os trabalhos estão sentados o anfitrião, Tomaz Peixoto, Alencastro e um jornalista, Antero Maciel, que fala aos presentes, eloquente:

JORNALISTA: A lei do ventre livre foi, efetivamente, uma grande conquista! Mas é somente o primeiro passo, e um primeiro passo não nos satisfaz. Queremos muitos outros, mais largos, avançando ~~mais~~ mais em nossas conquistas!

Tomaz Peixoto, interrompendo o orador, pondera:

TOMAZ PEIXOTO: A abolição virá com a República, isto é inegável! E nosso Clube é o melhor instrumento para a propagação de nosso ideário! Ele precisa de mais recursos, de mais partidários, de mais dedicação de todos nós! Este, afinal de contas, o motivo principal desta reunião.

José Manuel, por sua vez, também fala, com ~~certa~~ timidez, mas forte convicção:

ALENCASTRO: O exemplo de nosso presidente, meu estimado sogro e amigo, precisa ser ~~adotado~~ imitado e outros, muitos outros fazendeiros, comerciantes, donos de lavras e minerações devem dar o exemplo, libertando antecipadamente os escravos. Isto impressiona lá fora, é um grande exemplo!

INTERIOR - CASA DE VILAS BOAS DA GAMA - NOITE

85. Nesse mesmo instante, na rica e luxuosa residência do deputado Joaquim Vilas Boas da Gama, escravocrata e monarquista ferrenho, outros moradores de São João del Rei também se reúnem, com objetivos diametralmente opostos aos do Clube Tiradentes.

O deputado, que fuma charuto e bebe vinho tinto com biscoitos, está falando exaltadamente, a princípio enquadrado pela objetiva em P.P.:

VILAS BOAS DA GAMA: O Clube Tiradentes não é uma organização política idônea, legalmente consti-

tuída. É um centro subversivo, composto de carbonários soezes e perigosos, que necessita ser extinto para o bem de São João del Rei, da Província e da Nação!

Um velhote de nariz adunco, a voz fanhosa e irritante, intervém:

VELHO DE VOZ FANHOSA: Tem toda razão o nobre Deputado Vilas Boas da Gama! Acho até que nossas autoridades estão ~~excessivamente~~ ^{por demais} complacentes. O que os apaniguados do Clube Tiradentes pregam é contra a lei, contra a Constituição, contra a Monarquia, ^{contra} Dom Pedro II!

O deputado, levantando-se da cadeira, dá alguns passos pelo salão e, inflamado, como se ~~estivesse na tribuna~~ ^{estivesse na tribuna} da Câmara, retoma a palavra:

VILAS BOAS DA GAMA: Esmagar a hidra republicana é o objetivo básico do Gabinete e do Imperador! E isto, senhores, deve começar aqui mesmo, ~~em nossa~~ ^{em nossa} gloriosa São João del Rei, que não deixaremos mergulhar no caos e na subversão!

INTERIOR - CASA DE ALENCASTRO - NOITE

86. De volta da reunião na casa do sogro, José Manuel chega ao interior de sua residência. Entra silenciosamente, pisando de leve, acreditando que Bárbara Isabel esteja dormindo.

E vai a seu gabinete de trabalho. Abre a papaleira, um dos belos móveis fabricados por João Macedo, e começa a escrever ~~um~~ ^{um} poema.

Pouco depois, no entanto, chega ao cômodo Bárbara Isabel,  em traje de dormir:

BÁRBARA: Não vem dormir, Alencastro? É bem tarde...

ALENCASTRO: Acordei você, querida?... Fiz o

possível para não fazer barulho...

Alencastro vai ao encontro da mulher, beija-a e completa:

ALENCASTRO: Tivemos uma reunião ^{excelente,} ~~extraordinária~~ com decisões muito importantes!

Bárbara Isabel vai sentar-se na cadeira de balanço, sua preferida, e lhe diz, a princípio meio relutante:

BÁRBARA: Amor... você sabe que não gosto de me envolver em assuntos que o entusiasмам tanto... Mas... querido, tudo isto não é meio arriscado? Tenho certo receio... Agora que vamos ter mais um... filho!

A notícia causa ^{grande} ~~uma~~ surpresa e alegria ao poeta que vai sentar-se ao pé de Bárbara, perguntando:

ALENCASTRO: Um filho?!... É verdade, amor?

BÁRBARA: Doutor Aprígio garantiu... ^{acho que,} ~~nesta vez~~ vai ser homem, como você ^{tanto} ~~quer~~ ^{como tu convicção!} ~~queria~~...

não pode ser
cruela

acrescenta,
~~desvanecido~~

Alencastro enlaça a mulher, repousando a cabeça em seu colo. E

ALENCASTRO: ^{se for um filho se chamará Damasceno} ~~Um filho!~~... ^{concorda?} ~~que maravilha, Bárbara. Já tenho um nome para ele: Damasceno...~~

~~Você gosta?~~

BÁRBARA: ^{Sim, amor, vai se chamar Damasceno!} ~~Gosto muito~~ ~~querido~~ ~~meu filho~~

~~meu filho~~

SEQUÊNCIA 17EXTERIOR - PRAÇA DE SÃO JOÃO DEL REI - DIA

87. Numa das principais praças de São João del Rei realiza-se um comício de propaganda abolicionista e republicana.

Promovido pelo Clube Tiradentes, cuja efígie decora o palanque, a concentração atrai algumas dezenas de sãojoanenses, aglomerados diante de um palanque improvisado, sobre o qual se vêem os principais líderes do movimento republicano da cidade: Tomaz Peixoto de Sousa, José Manuel da Silva Alencastro, Jorge Silvino dos Reis, o jornalista Epaminondas Silveira e outras destacadas personalidades da vida política e social de São João del Rei.

Muito eloquente, emitindo a voz para a pequena multidão (não havia microfone à época, evidentemente...), o poeta Silva Alencastro está falando aos adeptos da causa abolicionista e republicana:

ALENCASTRO: O povo de São João del Rei, o povo de Minas Gerais e de todo o Brasil não se ilude mais: a abolição da escravatura está mais próxima do que se pensa, a República está feita, só lhe falta a consagração nacional!

88. Câmera, circulando entre os participantes do comício, capta expressões de entusiasmo, gestos e aplausos ^(como os de Bárbara Isobel) significativos, enquanto, em voz off, Alencastro continua, com voz possante, cada vez se entusiasmando mais:

ALENCASTRO (voz off): "Nossa causa é justa, é sagrada, é patriótica, é humanitária! Ela existe, de facto, em todos os espíritos, em todos os corações brasileiros. Seria arrojada temeridade, ou rematada loucura, pretender impedir essa torrente caudalosa da idéia nova..."

89. Através de primeiro-plano, câmera detalha o final da fervorosa declaração de princípios de nosso herói, cuja voz ecoa pela praça:

ALENCASTRO: ... "que invade todos os espíritos e se derrama, pujante, em todo o solo da Pátria! Abolida a escravidão, que nos envergonha, será indispensável abolir o poder que nos oprime e esmaga!"

Ao terminar sua oração, Alencastro recebe entusiásticos aplausos, vivas e gritos da multidão.

90. Meio escondido entre árvores, num canto da praça, o Deputado Vilas Boas da Gama e mais um grupo de escravocratas e monarquistas, observam, entre irônicos e ~~antipáticos~~ ^{revoltados}, o comício republicano.

Quando os aplausos começam a amainar, o parlamentar comenta para os companheiros:

DEPUTADO VILAS BOAS: Os senhores estão vendo, e ouvindo! Isto é uma provocação intolerável, um desafio ao Governo, à Constituição, à ordem pública!

AMIGO DE DEPUTADO: O que me admira, Vilas Boas, é a presença, nesses conchavos, do primo de sua esposa, o Silvino dos Reis...

DEPUTADO VILAS BOAS: O Jorge é um homem facilmente influenciável, um ingênuo, que parece estar perdendo o juízo! Está encalacrado de dívidas, deve fortuna ao fisco, e se mete com esses radicais!...

INTERIOR - CASA DO DEPUTADO - NOITE

91. No luxuoso salão do imponente solar do Deputado Vilas Boas da Gama, conversam o parlamentar, sua mulher, Dona Inês, e Jorge Silvino dos Reis.

O deputado diz, com voz firme, de censura, ao visitante e parente de Dona Inês:

DEPUTADO VILAS BOAS: Nunca pretendi meter-me em sua vida, Jorge, mas, por dever de amizade e, posso dizer isso, até de parentesco, sou obrigado a alertá-lo para o risco que está passando ao se meter com esse grupelho do Clube Tiradentes.

Silvino não retruca, limitando-se a ouvir, fechado em si mesmo. Vilas Boas, encorajado, continua, mais veemente:

DEPUTADO VILAS BOAS: O que está se passando consigo, Jorge?! Aliou-se a esses carbonários, ~~aqueles~~ contestadores do regime?!

Bate amistosamente a mão no ombro de Jorge Silvino, que continua calado, enigmático. Depois continua, persuasivo:

DEPUTADO VILAS BOAS: Esta é uma causa perdida, meu caro! E você se prejudica cada vez mais, participando de reuniões clandestinas, de concentrações públicas, dessa solerte propaganda subversiva!...

Eis quando, com voz mansa e cordial, Dona Inês intervém:

DONA INÊS: Respeito suas convicções, Jorge. E esse é um problema de consciência. Mas acho que você deve pensar em Dorotéia, em seus filhos...

Depois, ~~como~~ hesitante, completa:

DONA INÊS: E se você for preso?!...

A indagação, desta vez, causa uma ^{forte} impressão ~~de impacto~~ em Silvino, que estremece e olha espantado para a prima, enquanto o Deputado Vilas Boas ^{lhe diz:} ~~continua a falar~~

DEPUTADO VILAS BOAS: Sei de seus problemas financeiros, Jorge, de suas dívidas, das pressões que lhe faz o ^{Fisco} ~~Estado~~. E se o executarem?! Perderá seus bens, ficará ~~arruinado~~ arruinado!...

Câmera inicia lento Trav-Avante até enquadrar Jorge Silvino dos Reis em P.P.

Depois de alguns instantes de silêncio, um silêncio contrafeito e incômodo, Silvino comenta, abatido:

SILVINO DOS REIS: Ando pensando nisto tudo... De fato, Deputado, envolvi-me demais nesse movimento, nessa... conspiração!...

SEQUÊNCIA 18

INTERIOR - SOLAR DE ALENCASTRO - NOITE

92. No solar de Alencastro e Bárbara Isabel comemora-se, com elegante e alegre recepção, o quinto aniversário de Maria Efigênia e o nascimento de Damasceno da Silva Alencastro.

O salão está cheio de amigos, parentes e correligionários da causa abolicionista e republicana, inclusive Tomaz Peixoto de Sousa, sua mulher, Jorge Silvino dos Reis, sua mulher Dorotéia, e ~~outras~~ outras personalidades da vida social, cultural e política da cidade.

Silvino, refastelado numa poltrona, num canto da sala, tem a fisionomia fechada, bebendo vinho e observando tudo com ar desinteressado. ~~Observando~~

Enquanto isto, ~~no~~ ^{no} centro festivo da recepção, Alencastro e Bárbara Isabel desdobram-se em gentilezas, recebendo os convidados, que chegam continuamente, participando de rodas de conversa, mandando os criados servirem doces e bebidas.

A certa altura, pedindo silêncio, o anfitrião toma a filha no colo e começa a dizer-lhe os versos que compusera para a data:

ALENCASTRO:

"Amada filha, é já chegado o dia,
em que a luz da razão, qual tocha acesa,
vem conduzir a simples natureza,
é hoje que o teu mundo principia."

A cena ~~inesperada~~ ^{inesperada} atrai ~~as~~ as atenções. Um silêncio cheio de emo-

ção e surpresa deixa ouvir a oferenda poética de Alencastro à filha.

93. Câmera circula pelo salão, fixa flagrantes da festa e dos convidados, enquanto, em voz off, o poeta prossegue:

ALENCASTRO (voz off):

"A mão que te gerou teus passos guia,
despreza ofertas de uma vã beleza,
e sacrifica as honras e a riqueza
às santas leis do filho de Maria."

O movimento de documentação da câmera termina no P.P. de Jorge Silvino dos Reis que, em seu canto, ~~está~~ ^{está} alheio ao que se passa, concentrado em si mesmo.

Enquanto isso, comovido, ~~com~~ com voz audível em todo o recinto, Alencastro continua:

ALENCASTRO (voz off):

"Estampa na tua alma a caridade,
que amar a Deus, amar aos semelhantes,
são eternos preceitos da verdade."

94. Em nova angulação, câmera focaliza o salão em P.G. Depois avança, em Trav-Avante, lentamente, até P.A. de Alencastro, Maria Efigênia, Bárbara Isabel e outros convidados que ouvem, tocados pela singeleza do instante poético, os versos finais de José Manuel:

ALENCASTRO:

"Tudo o mais são idéias delirantes;
procura ser feliz na eternidade,
que o mundo são brevíssimos instantes."

Debaixo de aplausos, Alencastro estreita a filha nos braços, beija-a carinhosamente, enquanto Bárbara Isabel, chorando, muito emocionada, vem abraçá-lo e beijá-lo.

F U S ã O

[Handwritten signature]

SEQUÊNCIA 19INTERIOR - CASA DO DEPUTADO - DIA

95. Jorge Silvino dos Reis aguarda, no sofá da sala-de-visitas do Deputado Vilas Boas da Gama, que o parlamentar monarquista venha atendê-lo.

Mostra-se inquieto, nervoso, segurando um envelope que, à certa altura, abre, dele retirando um documento que lê, talvez pela décima vez.

Antes de terminar a leitura, ouve passos e, erguendo os olhos, avista o Deputado que, metido num elegante "robe-de-chambre", vem ao seu encontro:

DEPUTADO VILAS BOAS: Muito bom dia, meu caro Jorge!...

SILVINO DOS REIS: Boa dia, Deputado. Como está passando?...

DEPUTADO VILAS BOAS: Bem... Bem!

Depois, impaciente, pergunta:

DEPUTADO VILAS BOAS: É a carta?...

SILVINO DOS REIS: Sim. Redigi esta noite. Quer lê-la?...

DEPUTADO VILAS BOAS: Claro, claro! Deixe-me ver!

Silvino entrega-lhe a carta, que Vilas Boas abre e começa a ler. De vez em quando lê alguns trechos em voz alta, exprimindo contentamento e aprovação:

DEPUTADO VILAS BOAS (lendo): "Beijo as mãos de Vossa Majestade, pedindo que acredite em minha lealdade de súdito e cidadão... Confesso-me vítima de envolvimento e traições, de insinceridade e mentira... Rogo ~~o~~ de Vossa Majestade, o perdão misericordioso, ~~a~~ clemência do Soberano amado e venerado pelos brasileiros... Das reuniões aos "meetings" do aliciamento à sedição, membros do Clube e do

organizações similares rebelam-se contra o poder constituído, contra a legitimidade da Coroa. São principais sediciosos e membros proeminentes do Clube Tiradentes, foco principal da subversão, o Advogado e fazendeiro Tomaz Peixoto de Sousa, seu genro, poeta e proprietário de jazidas minerais, José Manuel da Silva Alencastro, o jornalista Epamônondas Silveira...

Entusiasmando-se com o teor da carta, o Deputado, vez e outra, deixa escapar expressões de inteira concordância:

DEPUTADO VILAS BOAS DA GAMA: Ótimo! Ótimo! Esta carta provocará o perdão do Imperador! Mais do que perdão, reconhecimento, meu caro, reconhecimento!

Depois continua a leitura:

DEPUTADO VILAS BOAS DA GAMA: Vossa Majestade, com sua magnanimidade, saberá perdoar o comportamento insensato a que fui levado pela influência deletéria de falsos amigos...

96. Escondida num canto do corredor, com a porta da sala entreaberta, Dona Inês escuta a leitura do documento pelo marido. Em vez de demonstrar alegria, a prima de Silvino dos "eis ^{tem a} expressão ~~de~~ desalentada e triste. Antes ~~que~~ ^{termine} que a leitura ~~termina~~, exclama, ^{ao} afastar-se do local:

DONA INÊS: Infeliz!...

97. Voltando à sala, câmara enquadra Silvino e Vilas Boas em P.A., sentados, lado a lado, no grande sofá.

Depois de avançar, em "travelling", câmara vai, em seguida, enquadrá-los em P.P., quando Vilas Boas, terminando a leitura da carta, bate

amistosamente a mão no ombro de Silvino e diz:

DEPUTADO VILAS BOAS: Dentro de alguns dias esta carta estará nas mãos do Imperador!

Silvino compreende que a entrevista chegou ao fim. Levanta-se, seguido pelo parlamentar, e se encaminham para a porta. Vilas Boas, voltando-se para os fundos da casa, chama Dona Inês:

DEPUTADO VILAS BOAS: Inês!... O Jorge está de saída...

Dona Inês não responde e nem vem à sala. Vilas Boas, sem perder a tranqüila empáfia, tenta justificar:

DEPUTADO VILAS BOAS: Deve ter ido ao pomar...

Antes que Silvino parta, o deputado ~~representa~~ aconselha, prudente:

DEPUTADO VILAS BOAS: Talvez fosse conveniente, Jorge, que você deixe São João por algum tempo. Por que não vai à Vila Rica e fica com seu irmão Antero?...

SILVINO DOS REIS: De fato, de fato... Estive pensando nisto...

INTERIOR - "GARE" DA ESTAÇÃO DE SÃO JOÃO DEL REI - DIA

98. A locomotiva "Maria Fumaça", fumegante, ruidosa, está entrando na estação de São João del Rei.

SOM - Na trilha sonora dominam os ruídos da locomotiva e da sineta em toque de chegada.

Na "gare" estão Bárbara Isabel, com o filho Domasceno ao colo, Maria Efigênia, linda, de vestido novo, Tomaz Peixoto de Sousa, sua mulher e filhas, além de amigos e correligionários. Todos se movimentam para abraçar José Manuel que desce de um vagão, regressando do Rio. Bárbara, feliz, radiante, abraça-o, beija-o e pergunta:

BÁRBARA ISABEL: Fez boa viagem, querido? Correu tudo bem no Rio de Janeiro?...

Alencastro ergue Maria Efigênia e beija-a, o mesmo fazendo, em seguida, com Damasceno. E responde, excitado, exprimindo fadiga:

ALENCASTRO: Correu tudo muito bem, melhor do que eu esperava!

Voltando-se para o sogro, exclama:

ALENCASTRO: Trago excelentes notícias, Doutor Tomaz! Pode convocar o Clube para hoje à noite?

Bárbara, meia aflita, intervém:

BÁRBARA ISABEL: Hoje à noite?... Mas, meu bem, você deve estar exausto da viagem!...

Alencastro enlaça a mulher e responde, amorosamente:

ALENCASTRO: Descanso depois, querida! Tenho coisas urgentes a transmitir aos companheiros!

SEQUÊNCIA 20

INTERIOR - CLUBE TIRADENTES - NOITE

99. Na sala de reuniões do Clube Tiradentes, repleto de correligionários, José Manuel da Silva Alencastro faz um relatório aos ~~seus~~ amigos, que o escutam em silêncio:

ALENCASTRO: Participei de uma reunião no escritório de Aristides Lobo, um dos centros de ~~encontro~~ ^{tro} dos republicanos civis, e que fica numa espécie de sótão, no mesmo prédio onde Saldanha Marinho tem seu ~~gabinete~~ gabinete de trabalho.
~~Os participantes se reuniram no escritório de Aristides Lobo, no sótão do prédio onde Saldanha Marinho tem seu gabinete de trabalho.~~

100. Através de "travelling", câmera registra a grande atenção dos membros do Clube Tiradentes, ouvindo o relatório, em voz off, de seu companheiro:

ALENCASTRO (voz off): O importante, meus amigos, o importantíssimo, é que caminha com a maior rapidez o entrosamento dos civis com os militares, única forma de ~~consolidar~~ consolidar a conspiração contra o Governo. E nisso tudo, o papel da imprensa republicana é, naturalmente, primordial!

101. P.P. de Alencastro que retira de uma pasta um documento de algumas páginas, dizendo:

ALENCASTRO: Redigimos no Rio, com a colaboração de correligionários da Capital, um manifesto que ~~se intitula~~ ^{se intitula} "Ao Povo Republicano de São João del Rei!"

Nesse exato instante, ouve-se, off, um grande estrondo.

SOM - Ruído forte de porta arrombada.

102. Câmera focaliza todo o recinto, no instante em que a porta de entrada é violentamente arrombada por soldados governamentais, comandados pelo Capitão Meirelos.

A tropa, mais de 50 militares, traz ~~em~~ fuzis e baionetas embaladas, em posição de combate.

O Capitão, com voz poderosa, ordena aos participantes da reunião:

CAPITÃO MEIRELES: Em nome de Sua Majestade, o Imperador Dom Pedro II, ~~estão~~ ^{estão} presos!

Os soldados tomam posição, cercando inteiramente o recinto, enquanto ~~o~~ ^o comandante completa:

CAPITÃO MEIRELES: Se tentarem fugir, ou resistir à ordem de prisão, serão sumariamente fuzilados!

103. Câmera enquadra, em P.A., a mesa que dirigia os trabalhos, e seus ocupantes.

Depois inicia lento Trav-Avante até fixar José Manuel da Silva Alencastro em P.P.

Atônito, transtornado, o rosto recoberto de palidez, não faz nenhuma reação. Limita-se a balbuciar, ~~para~~ para si mesmo:

ALENCASTRO: Deus do céu!...

F U S ã O

SEQUÊNCIA 21

EXTERIOR - ESTAÇÃO DE SÃO JOÃO DEL REI - NOITE

104. Todos os pontos circunvizinhos à estação da estrada de ferro estão tomados por soldados da guarnição local.

Há também, silenciosa, com a revolta estampada em todos os rostos, uma multidão que veio assistir ao embarque dos presos.

A objetiva enfatiza, num canto da praça, próximo à entrada principal da estação, a figura pungente de Bárbara Isabel. Está com os dois filhos: Damasceno no colo, Maria Efigênia, com enorme tristeza e incredulidade, calada, ao lado da mãe.

Quando, num carro puxado por cavalos, chegam e descem os prisioneiros, a multidão se agita, procurando vê-los.

Inicialmente descem dois correligionários do Clube Tiradentes. Só depois surgem à porta do veículo José Manuel e Tomaz Peixoto, acorrentados, colocados em fila indiana pelos militares.

105. Ocorre, nesse instante, uma cena ~~de extrema dor e angústia~~ ^{inesperada} Maria Efigênia, soltando um grito que ecoa ~~por toda a~~ ^{pela} praça, sai correndo na direção do pai:

MARIA EFIGÊNIA: Papai! Papaizinho!!!!...

Na confusão que se estabelece, a menina consegue, efetivamente, aproximar-se de Alencastro, que a toma nos braços, chorando, beijando-a

desesperadamente.

Um dos militares aproxima-se rapidamente e, com dificuldade, consegue retirar Maria Efigênia dos braços do pai, apesar dos gritos que a criança solta, comovendo a multidão:

MARIA EFIGÊNIA: Larguem meu pai! Larguem, larguem, ~~bandidos!~~ Papai, papáizinho querido, não vá embora!

Os presos, empurrados com violência pelos soldados, seguem na direção do trem que, na "gare", ~~se~~ espera para a viagem ao Rio.

Antes de embarcar, ~~quando~~ José Manuel se volta e procura com os olhos Bárbara Isabel e os filhos. Avista-os e neles fixa um olhar pungente de despedida.

106. P.P. de Bárbara Isabel, o olhar de grande sofrimento fixado no marido. Além do espanto ^{do} sofrimento, ~~se~~ também exprime ~~uma expressão~~ perturbação mental, prenúncio de um desequilíbrio que, posteriormente, ~~se~~ se agravará.

SOM - O forte som ambiental, que mistura ruídos da multidão, do trem e do movimento dos soldados, subitamente desaparece, cedendo lugar a dramático silêncio.

Ouve-se, então, no inesperado silêncio, a voz sussurrada e pungente de Bárbara Isabel, como se ~~disse~~ ^{dissesse} para Alencastro:

BÁRBARA ISABEL:

"Bárbara bela,
do Norte estrela...

Fica alguns instantes calada, distante, o olhar vago, impreciso. Depois balbucia:

BARBARA ISABEL:

"Isto é castigo
que Amor me dá..."

SOM - A triste reminiscência poética de Bárbara Isabel é, repentinamente, cortada pelo silvo muito forte da locomotiva que inicia viagem.

Câmera continua a fixar o rosto sofrido da mulher de Alencastro. Um rosto vazio, estranho, enlouquecido.

SEQUÊNCIA 22

INTERIOR - CASA DE ALENCASTRO - NOITE

107. Depois de enquadrar Bárbara Isabel em P.P., câmera recua, em Trav., abrindo até P.G. e mostrando o escritório de Alencastro, com as prateleiras cheias de livros, a escrivaninha com tampa sanfonada e, ao fundo, perto de uma janela, Bárbara Isabel na cadeira de balanço, os olhos cerrados.

Pela porta dos fundos chega ao recinto Maria Efigênia, cujos passos ~~fazem~~ fazem Bárbara abrir os olhos.

A linda criança, em ^{traje} ~~traje~~ de dormir, vai abraçar-se à mãe, recostando ^{nela} o rosto, ~~sentindo a temperatura abençoada da~~ ^{Barbara} ~~sentindo a temperatura abençoada da~~ ^{filha}, tem um estremecimento, preocupada, coloca a mão ^{à sua} ~~na~~ ^{fronte} ~~na~~ ^{(e pergunta:}

BARBARA ISABEL: Filhinha, Princesinha... Você sente alguma coisa?... Está quentinha, deve ter febre...

MARIA EFIGÊNIA: Estou um pouquinho tonta, mamãe... A senhora vai chamar o doutor?...

Bárbara, levando a filha no colo, deixa a cadeira de balanço e ~~vai~~ ^{vai} ao quarto de dormir, enquanto lhe diz:

BÁRBARA ISABEL: Vamos pra caminha, Princesa... Vai tomar um remedinho, vai ficar boa depressa. Vamos, filhinha...

F u s ã o

EXTERIOR - LADEIRA DE SÃO JOÃO DEL REI - NOITE

108. Bárbara Isabel, com vestido preto, a cabeça parcialmente coberta por um chale, vem descendo uma ladeira típica de São João del Rei, a sombra esguia projetada pelos lampiões na calçada branca das casas.

Com passos levemente vacilantes, o olhar perdido na distância, vem pouco a pouco se aproximando da objetiva, e passa diante de uma residência de um só pavimento. Numa das janelas que se abrem para a rua conversam duas velhas moradoras. Quando avistam e reconhecem Bárbara Isabel, param de conversar e a fitam com piedade, ouvindo-a dizer, com voz de ~~me~~ ^{enor} tristeza, os versos de Alencastro:

BÁRBARA ISABEL:

..."do ingrato Amor seguir não deves, quando já não podes amar sem vil baixeza..."

Depois que Bárbara sai do campo ótico da objetiva, desaparecendo pelo lado direito, câmera faz lenta panorâmica e vai enquadrar, em P.A., as duas mulheres à janela, comentando, penalizadas:

1a. MULHER: Pobre mulher! Perdeu completamente o juízo!...

2a. MULHER: Soube disso em Barbacena... Ficou assim depois que a filha morreu?...

EXTERIOR - RUA DE SÃO JOÃO DEL REI - NOITE

109. Bárbara Isabel caminha agora por outra velha rua de São João del Rei, cantarolando uma cantiga tradicional da região.

Na trilha sonora, além de seus passos, ferindo o calçamento de pedra, ~~continua~~ ^{fala} continua a ouvir-se a ~~conversa~~ das duas mulheres do plano

anterior:

Perdeu a)
 1a. MULHER: ~~a~~ filha é o marido! A menina, que era linda, e que os pais chamavam de "Princesa", teve uma febre cerebral, *(dizem que)* mas ~~morreu~~ mesmo foi de desgosto, de saudade do pai, que ela adorava. O marido suicidou-se na prisão! *De remorso e vergonha pois* ~~ele~~ *delatou* os amigos. *Que coisa triste!...*

EXTERIOR - PRAÇA DA IGREJA DE SÃO FRANCISCO - AMANHECER

110. Bárbara Isabel atravessa agora a praça da Igreja de São Francisco de Assis, aproximando-se de ~~uma~~ casa.

Na trilha sonora ainda se ouve a ~~voz~~ ^{voz} das duas mulheres:

2a. MULHER: Mas que desgraça, Mãe de Deus! Perder marido e filha assim, em pouco tempo!

1a. MULHER: Ficou louca, a coitada, ~~a~~ passa a noite inteira perambulando pela cidade, *dizendo* ~~dizendo~~ versos do marido, cantarolando cantigas! ~~ela~~ Só volta para casa quando ~~amanhece~~ *amanhece!*...

EXTERIOR - PRAÇA E CASA DE ALENCASTRO - AMANHECER

111. Começa a amanhecer na praça da Igreja de São Francisco de Assis. Um funcionário público vai apagando os lampiões. Um homem segue a cavalo pela rua. Passam algumas mulheres para a primeira missa *matinal* ~~matinal~~.

Bárbara Isabel chega à sua casa, abre a porta e entra.

INTERIOR - CASA DE ALENCASTRO - MANHÃ

112. Depois de atravessar o salão principal, ~~depois de~~ Bárbara Isabel chega ao escritório de Alencastro e, como se a movesse ~~uma~~ força atávica, vai abrir a escrivaninha. Depois vasculha alguns papéis, até encontrar, em envelope fechado, uma carta endereçada a Sua Majestade o Imperador D. Pedro II.

Abre o envelope, senta-se e começa a ler, ~~então~~.

Na trilha sonora começa a ouvir-se a voz inconfundível de José Manuel da Silva Alencastro, lendo a carta, como se fosse a própria Bár-

para Isabel:

ALENCASTRO (voz off): "Magnânimo Imperador. Sú-
dito de Vossa Majestade; admirador das nobres e
excelsas virtudes de nosso ~~amado~~ Soberano,
venho pedir sua clemência ~~para as~~ faltas
e iniquidades que cometi."

113. Câmera, pelo movimento de aproximação da lente "Zoom", vai en-
quadrar, numa parede, o retrato ~~de~~ do Alferes Joaquim José da Silva
Xavier, o Tiradentes.

Enquanto isto, Alencastro prossegue a leitura da carta:

ALLENCASTRO (voz off): "Não nego, nem escondo,
meu vergonhosa crime de lesa-majestade, parti-
cipando de movimentos ~~subversivos~~ que, na ver-
dade, atraíam a causa de nossa sagrada Mo-
narquia. Fui traído em minha boa-fé por compa-
nheiros cuja influência ~~hoje repudio~~ ^(perniciosa) ~~hoje repudio~~."

~~Eu não nego, nem escondo, meu vergonhoso crime de lesa-majestade, participando de movimentos subversivos que, na verdade, atraíam a causa de nossa sagrada Monarquia. Fui traído em minha boa-fé por companheiros cuja influência hoje repudio.~~

114. P.P. de Bárbara Isabel, atônita, ~~profundamente~~ profundamente deprimi-
da com a ~~carta~~ carta que, à certa altura, lhe cai das mãos, enquan-
to ~~ela~~ murmura, para si mesma:

BÁRBARA ISABEL: Deus do céu!...

Em seguida, com movimento lentos e pesados, Bárbara se abaixa,
apanha a carta, acende uma vela e a queima, deixando as cinzas caírem
no chão.

E fica sentada, diante da papaleira aberta. É quando, ocasio-
nalmente, seus olhos se fixam numa espátula fina, com a qual Alencastro
cortava as páginas dos livros.

115. Deixando Bárbara Isabel em 3/4 de perfil, à esquerda do quadro,

câmera focaliza, no centro e à direita, a esquivaninha aberta e, sobre um livro, a espátula pontiaguda.

Bárbara, em decisão inesperada, estende a mão e apanha a espátula. Depois levanta-se.

116. Em nova angulação, câmera focaliza Bárbara Isabel que completa o movimento de levantar-se e se encaminha para a cadeira de balanço. E nela se senta, cansadamente, com a espátula à mão.

De repente, decidindo-se, corta rapidamente o pulso da mão esquerda. Imediatamente, passando a espátula para a mão esquerda, abre o pulso da mão direita.

A espátula tomba no assoalho, enquanto Bárbara Isabel, balançando-se na cadeira, repete, com voz débil, os versos queridos:

BÁRBARA ISABEL:

"Eu bem queria
a noite e o dia
sempre contigo
poder passar;
mas orgulhosa
sorte invejosa
desta fortuna
me quer privar.
Isto é castigo
que Amor me dá."

117. De outro ângulo, câmera aproxima-se lentamente de Bárbara Isabel, deixando ver o sangue que lhe escorre pelas mãos e vai encharcando o vestido.

Na trilha sonora agora se ouve a voz off de Alencastro, que continua os versos:

ALENCASTRO (voz off):

"Eu, entre os braços,
ternos abraços
da filha amada
podes gozar."

118. Depois de enquadrar a cadeira e Bárbara Isabel de perfil, com

o balançar lateral do móvel, pouco a pouco diminuindo, câmera faz lento movimento de grua para baixo, até focalizar, quase à altura do assoalho, a parte inferior da cadeira.

Através da palhinha perfurada, câmera mostra o sangue, que vem dos pulsos abertos de Bárbara Isabel, pingando no chão.

O movimento de balanço da cadeira diminui cada vez mais, enquanto, na trilha sonora, ainda se ouve, cada vez mais débil, a voz de Bárbara, balbuciando:

BÁRBARA ISABEL:

"Priva-me a estrela
de ti e dela,
buscas dois modos
de me matar."

O lento balançar da cadeira agora chega ao fim. E termina, inteiramente, com as duas últimas estrofes do poema famoso, com a voz extremamente fraca de Bárbara Isabel:

BÁRBARA ISABEL:

"Isto é castigo...
... que Amor... me dá."

A cadeira fica imóvel, enquanto ainda se vê o sangue descendo da palhinha.

SOM - Os sinos da Igreja de São Francisco de Assis dobram, chamando para a missa da manhã.

FIM DO TERCEIRO EPISÓDIO

Rio, 14/4/1986.

Frederico

SEQUÊNCIA 23

EXTERIOR - PRAÇA E RUAS DE MARIANA - NOITE

119. O farmacêutico Damasceno Freire da Silva Alencastro, filho de José Manuel da Silva Alencastro e de Bárbara Isabel Peixoto Alencastro, homem de 57 anos de idade, deixa um bar na Praça da Sé, no centro de Mariana e, acompanhado pelo amigo inseparável, companheiro de cerveja, cachaça e uma boemia mais ou menos bem comportada, Jesuíno Moreira "aposo, sai a caminhar por ruas e vielas quase desertas da antiga Vila do Ribeirão do Carmo, em dia indeterminado do outono de 1935.

Sobre essa caminhada, documentada pela objetiva, surge, em sobre-impressão, o letreiro indicativo: MARIANA, 1935.

Damasceno, meio embriagado, como, de resto, seu companheiro, faz confidências nostálgicas ao amigo:

DAMASCENO: Está uma merda, Jesuíno, esta minha vida de viuvo solitário, sem grandes perspectivas e ambições! Uma merda, uma boa merda!...

JESUÍNO: Por que você não busca seu filho, o Afonsinho?... Seria uma boa companhia para você.

DAMASCENO: Já pensei nisto, Jesuíno. Mas o menino está muito bem com a avó, em Ouro Preto. Aqui ele seria criado por uma babá, ~~passa~~ passo o dia inteiro na farmácia...

JESUÍNO: É, não daria certo não.

Caminham mais alguns metros, em silêncio. Até que Jesuíno propõe:

JESUÍNO: E se você casasse de novo?... Ainda dá no couro, não é?...

DAMASCENO: Dar no couro, dou! Quer experimentar?!... Mas, casamento?!... Deus me livre! Não quero estragar a boa lembrança que tenho da Eponina, que Deus a tenha em sua ^(santa) paz!...

Aproximam-se de um muro baixo, no fim de uma ladeira, ¹ sentam-se por algum tempo, continuando o dedo de prosa:

DAMASCENO: O pior é que meu auxiliar na farmácia pediu as contas, vai morar em Belo Horizonte!

JESUÍNO: O Raimundo, vai embora?! Mais essa?!

DAMASCENO: Você vê o azar?! O Raimundo, que foi criado por meu tio, meu braço direito, vai embora! Quem vai me ajudar na farmácia?!

Aspia o céu estrelado e começa a dizer os versos da Alphonsus:

DAMASCENO (declamando, com voz empostada):

"Estrela solitária que me espia
Na desolada paz do ermo silente,
Talvez penses nas suaves alegrias
Que nos meus olhos viste antigamente."

Jesuino, que o ouvia embevecido, opina entusiasmado:

JESUINO: Que beleza, Damasceno! Grande poeta, o
Alphonsus, grande poeta!

Damasceno dá um tapinha nas costas do amigo e recomenda, despedindo-se, à porta de casa:

DAMASCENO: Vá para casa, Jesuino! Vá dormir, che-
ga de botequim! Sua mãe fica preocupada, não dor-
me antes de você chegar, a ~~boa~~ boa velhinha!...

Abre a porta de casa e entra, fechando-a por dentro. O Jesuino, res-
mungando "Grande poeta! Grande poeta!", toma, por sua vez, o caminho de casa.

F U S ã O

EXTERIOR - FARMÁCIA SÃO LUCAS - DIA

120. Depois de enquadrar uma das portas da "Pharmacia São Lucas", na Rua Direita, câmera recua, em "travelling", deixando ver a porta que se abre e o farmacêutico Damasceno Freire da Silva Alencastro, de avental branco, iniciando novo dia de trabalho.

Recuando sempre, câmera mostra as outras duas portas da farmácia, que também se abrem, a calçada e parte da Rua Direita, com alguns transeuntes que se cruzam na principal rua comercial de Mariana.

A primeira cliente do dia é uma velha ossuda, que desce a rua e, ven-
do aberta a farmácia, entra no estabelecimento.

INTERIOR - FARMÁCIA SÃO LUCAS - DIA

121. A velha chega ao balcão da farmácia, na qual se vêem duas tradicionais ânforas grandes, cheias de água, uma tingida de vermelho, outra de verde, além das prateleiras típicas de uma velha farmácia do interior mineiro, e ^{diz} ~~pergunta~~ ao Damasceno:

VELHA OSSUDA: Bom dia, "seu" Damasceno!

DAMASCENO: Bom dia, Dona Carminha. Está passando bem?...

VELHA OSSUDA: Que nada, "seu" Damasceno!... Agora é esse defluxo que me deixa aperreada!... Tem um bom remédio para ele?...

DAMASCENO: A melhor coisa, Dona Carminha, é limão, cachaça quente e chá de erva-doce, com bastante alho. Mas como esses ingredientes não se vendem em farmácia, posso recomendar alguns comprimidos de Cafiaspirina...

Apanha o remédio, que entrega à velha. Depois que ela lhe estende o dinheiro, aciona a velha caixa registradora, faz o troco e o entrega à freguesa que, ao partir, cruza com o Jesuíno, que mal a cumprimenta e vai direto falar ao farmacêutico:

JESUINO: Bom dia, Damasceno.

O Damasceno, que faz arrumações na farmácia, responde de onde se encontra:

DAMASCENO: Bom dia, Jesuíno. ^{que} ~~que~~ você manda, tão cedo assim?...

Vem para perto do amigo, que então lhe diz:

JESUINO: Acho que ~~encontrei~~ ^{encontrei} um bom substituto para o Raimundo. Aliás, falando melhor, uma substituta.

DAMASCENO: Substituta?... Uma mulher, Jesuíno?! Não vai embaralhar as receitas, trocar as bulas?!..

JESUINO: Ora, "seu" Damasceno, tem preconceito com as mulheres? Ela é moça, tem prática de farmácia, cursou três anos a Escola de Ouro Preto. Não custa nada experimentar!...

Depois, baixando a voz, completa, malicioso:

JESUINO: Além disso, ~~ela~~ é muito bonitinha!...

DAMASCENO: De nada me serve a boniteza, se não for competente!

JESUINO: Dou garantia, homem! Não se esqueça que estudou na mais antiga Escola de Farmácia do Brasil!

Entra outro cliente, um mulato alto e magro, de óculos, pedindo:

CLIENTE: Tem Elixir de Inhamé, "seu" Damasceno?

DAMASCENO: Tenho.

E ~~ele~~ ^{vai} apanhar o remédio, enquanto o Jesuíno ~~está~~ ^{vai} à porta espiar o movimento da rua.

Depois que ~~o~~ ^{sai} cliente, ~~ele~~ Jesuíno volta para perto do farmacêutico, que lhe diz:

DAMASCENO: Está bem, Jesuíno. Mande-me sua prescrição amanhã cedo, às 8 horas.

F U S ã O

SEQUÊNCIA 24

EXTERIOR - RUAS DE MARIANA - DIA

122. Câmera documenta a apressada caminhada de Celeste, a partir da casa onde mora, pelos lados da Igreja do Rosário, com Dona Marieta, tia idosa e cozinheira famosa em toda a cidade.

Celeste, mocinha bonita, frágil e delicada, veste um casaco de lã, com um xale no pescoço, e caminha apressadamente. Atravessa ruas e vielas, desce e sobe ladeiras e, ao ouvir o relógio de uma igreja soar as 8 horas da manhã, apressa ~~ela~~ mais o passo, preocupada com o atraso.

~~Ela~~ chega à Rua Direita só 10 minutos atrasada.

INTERIOR - FARMÁCIA SÃO LUCAS - DIA

123. Damasceno, nos fundos da farmácia, avia receitas e, distraído, não percebe a chegada de Celeste que, intimidada, pára diante do balcão, esperando.

Pouco depois, indo apanhar qualquer coisa na loja, o farmacêutico ~~avista~~ ^{avista} a moça que, embaraçada, lhe fala:

CELESTE: Bom dia... O senhor me desculpe o atraso... Sou a Celeste...

Damasceno aproxima-se, curioso, observa a recém-chegada com olhos argutos, enquanto lhe diz, tranquilizador:

DAMASCENO: Ah, muito bem, você é a Celeste, recomendada do Jesuíno...

CELESTE: Meu pai, Ubaldino, foi muito amigo de "seu" Libório, pai do Jesuíno...

Procura alguma coisa na bolsa, enquanto acrescenta:

CELESTE: Trouxe umas cartas de recomendação, do professor Arduino Matias, do Promotor...

DAMASCENO: Olha aqui, minha filha, há três coisas que a recomendam muito bem: ter sido aluna do Professor Arduino, ser conhecida do Jesuíno e, principalmente, chamar-se Celeste...

Vai apanhar o recipiente, com o qual avia uma receita e, voltando para perto de Celeste, declama, enquanto mistura os preparados:

DAMASCENO (declamando):

"Celeste... É assim, divina, que te chamas,
Belo nome tu tens, Dona Celeste...

Que outro terias entre humanas damas,
Tu que embora na terra do céu vieste?"

Câmera inicia lent o Trav-Avante até fixar Celeste em P.P. A moça cria coragem e, inesperadamente, continua a dizer os versos de Alphonsus de Guimaraens:

CELESTE (declamando):

"Celeste... E como tu és do céu não amas:
Forma imortal que o espírito reveste..."

124. Em movimento idêntico, câmera avança, em Trav., até enquadrar Damasceno em P.P.

Feliz, muito admirado, deixando aflorar no rosto um sorriso ~~conivente~~ conivente, Damasceno fica ouvindo Celeste, que continua, em voz off:

CELESTE (prossequindo, e em voz off):

"...De luz, não temes sol, não temes chamas,
Porque és sol, porque és luar, sendo celeste."

125. Mudando a angulação, câmera focaliza Celeste e Damasceno em P.A. Depois circula em torno dos dois, centralizando ora um, ora outro. Terminada a estrofe, dita por Celeste, Damasceno, por sua vez, fe-

liz e surpreendido, continua:

DAMASCENO (declamando):

"Incoercível como a melancolia,
Andas em tudo: o sol no poente vasto
Pede-te a mágoa do findar do dia."

E Celeste conclui, com voz delicada, de harmoniosa inflexão:

CELESTE (declamando):

"E a lua, em meio à noite constelada,
Pede-te o luar indefinido e casto
Da tua palidez de hóstia sagrada."

Terminado o soneto, tocados pela substância poética, Damasceno e Celeste ficam algum tempo em silêncio.

Depois o farmacêutico fala, comovido:

DAMASCENO: O lugar é seu, minha filha! Mesmo que eu não venda muitos remédios, vamos ter, pelo menos, bons versos para declamar! E poesia é a melhor cura para almas sofridas e solitárias, como esta minha...

EXTERIOR - SINOS DE IGREJAS - ANOITECER

126. Câmera enquadra, em primeiros-planos expressivos, alguns sinos de igrejas de Mariana, dobrando às 6 horas da tarde.

SOM - Soar variado, de timbres diversos, de sinos de velhas igrejas de Mariana.

EXTERIOR - PONTE DE MADEIRA - NOITE

127. Damasceno e Jesuíno estão parados no centro da velha ponte de madeira sobre o Ribeirão do Carmo, a mesma que Alphonsus de Guimaraens cantou em versos.

Os dois amigos conversam, observando o deslizar macio das águas:

DAMASCENO: Não sei não, Jesuíno, mas acho que este levante ~~com~~ comunista, vai ter consequências dramáticas para o Brasil... Você não vê aí um bom pretexto para ~~a~~ ditadura?...

~~XXXXXXXXXX~~
JESUINO: Vejo e, pior ainda, estou certo de que Getúlio, grande vocação de caudilho, não tem nenhum interesse em eleições, *ou em democracia!*...

DAMASCENO: Acho esse gaúcho muito esperto. Não fica com comunismo, nem com integralismo. Dá golpe num e noutro, e cria o getulismo. E vai ficando no poder!...

Atira uma pedra no rio e, após um instante de silêncio, acrescenta:

DAMASCENO: Mudando de assunto, Jesuíno, sabe que a Celeste vai indo melhor do que eu imaginava? Trabalha bem, é caprichosa, de temperamento ótimo, discreta e sensível...

JESUINO: Não lhe disse, Damasceno, não lhe disse?... Viu como acertei em cheio?...

DAMASCENO: Me convidou para almoçar na casa da tia, domingo. Estou meio em dúvida, talvez não fique bem...

JESUINO: Que besteira, homem! Não fica bem, por quê?...

Damasceno dá alguns passos na ponte. Depois se volta para o amigo e explica:

DAMASCENO: Sou meio velhusco, Jesuíno, patrão da menina, logo começam a falar...

Jesuíno vai ao encontro do farmacêutico e argumenta:

JESUÍNO: E você liga pra mexerico?... Se não for vai se arrepender! A comida de Dona Marieta é ~~maravilhosa~~ ^{maravilhosa} a melhor da região!

INTERIOR - CASA DE DONA MARIETA - DIA

128. Câmera detalha um prato fumegante no fogão de lenha da casa de Dona Marieta, próxima à Igreja do Rosário.

Depois recua, abrindo o quadro e mostrando a simpática tia de Celes-

te, de avental, temperando um frango ao molho pardo. Perto dela, uma preta gorda, que a ajuda na cozinha, atiza o fogo e depois mexe na panela de feijão.

129. Na sala de visitas Damasceno e Celeste conversam, sentados em cadeiras de palhinha. Câmera, em P.G., revela a decoração e os móveis modestos do recinto, bem típico do interior mineiro, ~~mas~~ muito limpo e agradável.

Celeste acaba de encher dois cálices com o licor caseiro. Volta a sentar-se ~~junto~~ ^{perto} do farmacêutico, meio constrangida, mas feliz pela honrosa visita. E lhe diz:

CELESTE: É licor de jabuticaba, feito por tia...

Damasceno bebe dois goles e depois exclama, sincero, com entusiasmo:

DAMASCENO: Uma delícia, Celeste! Nunca bobi um licorzinho tão gostoso!...

A conversa, nesse ponto, é interrompida pela chegada de Dona Marieta, já sem avental, que vem avisar:

DONA MARIETA: O almoço está na mesa, "seu" Damasceno. Celeste, traga o patrão para a sala, querida...

INTERIOR - SALA DE JANTAR - DIA

130. O almoço está chegando ao fim. À cabeceira da mesa antiga, Damasceno saboreia o resto de frango e seus acompanhamentos. Bebe um gole de vinho e, meio empanturrado, comenta para Dona Marieta e Celeste, uma à sua direita, outra à esquerda:

DAMASCENO: O Jesuíno tem toda razão, Dona Marieta! Nunca comi nada mais delicioso! A senhora tem mão de mestre!...

Dona Marieta, lisonjeada, prodigamente recompensada pela trabalhadeira e na cozinha, exclama, muito feliz com o elogio, bastante sincero, por sinal:

DONA MARIETA: Bondade sua, "seu" Damasceno!... Comidinha caseira, de gente pobre...

DAMASCENO: Que nada, Dona Marieta, nem o Barão de Rothchild comeria melhor no "Maxim's" de Paris!...

DONA MARIETA: Está falando difícil, "seu" Damasceno!... Que gente é essa?...

Damasceno deixa a mesa, põe a mão na barriga, demonstrando enorme satisfação gastronômica e, copo à mão, vai à janela, espia a cidade, enquanto explica:

DAMASCENO: Rothchild é o homem mais rico do mundo, e o "Maxim's" é o restaurante mais famoso de Paris...

CELESTE: O senhor já esteve lá, "seu" Damasceno?

DAMASCENO: Sou um mineirão empedernido, Celeste, nunca saí do Brasil, aliás, de Minas Gerais... Bem que gostaria, bem que gostaria!...

Caminha na direção de Celeste, que ajuda a tia a retirar os pratos, desfazendo a mesa, coloca carinhosamente a mão no ombro da auxiliar e, com a voz meio pastosa, por influência do vinho, lhe diz:

DAMASCENO: Celeste, vou lhe pedir uma coisa: não me chame mais de senhor, de "seu" Damasceno, de patrão. Pode fazer isto? Eu ficaria muito feliz...

Celeste, na ausência da tia, que fora à cozinha, recosta-se ligeiramente no farmacêutico que, excitando-se, comovido, ~~aproxima-se~~ atrai-a ~~para~~ para si, e lhe fala, amorosamente, quase em sussurro:

DAMASCENO: Gosto de você, Celeste... Sua presença jovem, meiga, de tanta doçura, traz alegria e

lirismo à minha vida... "Porque és sol, porque és luar, sendo celeste"...

Celeste recosta amorosamente a cabeça no ombro do farmacêutico que, contendo a emoção, lhe afaga os cabelos.

Quando ouvem os passos de Dona Marieta, retornando à sala, separam-se e vão à sala de visitas, para o cafezinho tradicional.

SEQUÊNCIA 25

INTERIOR - "PHARMACIA SÃO LUCAS" - DIA

132. No interior da farmácia, Damasceno atende a três moradores, enquanto Celeste, na parte dos fundos, avia receitas.

Chega à loja, caminhando vagarosamente, um homem de meia-idade, os cabelos grisalhos, o rosto pálido e escavado.

Damasceno atende-o com solicitude, perguntando:

DAMASCENO: Como está passando, professor? Está melhor?...

PROFESSOR: Melhorei um pouquinho, Damasceno, mas continua essa dor de estômago enjoada, renitente!

Damasceno apanha, numa prateleira, um remédio da época, e o estende ao freguês, dizendo:

DAMASCENO: Por que o senhor não vai fazer uma consulta em Belo Horizonte, professor?...

PROFESSOR: Já fui, Damasceno, não adiantou nada!

Neste instante, Celeste aproxima-se do farmacêutico, pedindo:

CELESTE: Onde o senhor... você guarda o magnésio, Damasceno?...

DAMASCENO: Naquela gaveta, Celeste. Vai apanhar.

O cliente se afasta, com o remédio, enquanto o farmacêutico vai aos

84.
85

fundos da farmácia, ~~mas~~^e comenta com Celeste:

DAMASCENO: Veja você, Celeste, que coisa triste: aquele homem, que acabou de sair, está com câncer, não sabe de nada, pensa que é problema de estômago... Ninguém tem a coragem de lhe ~~contar~~^{dizer} a verdade, nem a família, nem os amigos.

CELESTE: Coitado! A vida tem dessas coisas, seu.. Damasceno...

Damasceno aproxima-se mais da auxiliar e, tomando-lhe a mão, faz o convite:

DAMASCENO: Celeste: quer ir comigo, neste domingo, à Cachoeira das Andorinhas? A gente faz um pic-nic... Se quiser, pode levar Dona Marieta...

CELESTE: Titia sempre diz que não gosta de fazer o papel de pau-de-cabeleira...

Recosta-se no farmacêutico e lhe diz, com voz de grande doçura:

CELESTE: Vamos só nós dois, Damasceno... Não precisa ir mais ninguém...

SOM - Ruído antecipado de um carro modelo 1932, subindo a serra que leva à cachoeira.

EXTERIOR - SERRA E CACHOEIRA DAS ANDORINHAS - DIA

133. "Flashes" de cobertura para o passeio de Damasceno e Celeste. ~~Adm.~~
O farmacêutico guia um Ford armário, modelo de 1932, com o ruído característico do motor da época.

Câmera documenta, em planos expressivos de cobertura, a subida da serra e a chegada à majestosa região da Cachoeira das Andorinhas, entre Mariana e Ouro Preto, de onde se avista o pico do Itacolomi.

Perto da cachoeira, uma das mais belas da região, Damasceno e Celeste preparam o pic-nic sob grande e copada árvore, em local de onde se avista o maciço imponente do Itacolomi.

Celeste estende a toalha, sobre a qual deposita o farnel trazido de Mariana. Damasceno abre uma garrafa de vinho, enche dois copos e, antes de beber, faz um brinde:

DAMASCENO: Um brinde à moça que está trazendo alegria e felicidade ao cinquentão solitário...

Os dois sorvem um gole. Depois Celeste retribue:

CELESTE: Retribuo o brinde e presto homenagem ao melhor patrão do mundo!...

Damasceno faz um gesto e impede Celeste de beber, dizendo:

DAMASCENO: Queira mudar o brinde, senhorita! Não gosto que me chame de patrão... É cerimonioso, dá idéia de hierarquia, acho uma bobagem!...

CELESTE: Concordo com você e ~~faço outro~~ ^{faço outro} brinde: brindo ao homem generoso, ao amigo solidário, ao poeta sensível, ao companheiro gentil...

DAMASCENO: Melhorou muitíssimo, Celeste!...

Os dois bebem, felizes. Depois Damasceno acrescenta:

DAMASCENO: Foi o brinde mais bonito que ouvi!

Bebe outro gole, recosta-se no tronco da árvore, toma a mão de Celeste e a atrai mais para junto de si. Em seguida, envolvido pelo instante de ternura e lirismo, enlaça-a amorosamente, beija os cabelos, as mãos, o rosto de Celeste, com delicadeza e emoção. Ficam algum tempo em silêncio, contemplam a paisagem majestosa, a serra, a mata, as nuvens com desenhos

caprichosos.

Câmera documenta o instante emotivo, passeia em torno dos dois, descobre a paisagem deslumbrante.

Depois de alguns momentos de silêncio, Damasceno, acariciando ternamente a companheira, confessa, comovido:

DAMASCENO: A melhor coisa que me aconteceu, nestes últimos tempos, foi sua chegada, com ligeiro atraso, à "Pharmacia São Lucas", lembra-se?

CELESTE: Nunca vou me esquecer, Damasceno: em vez de 8 horas, cheguei às 8 e 10... Nervosa, o coração batendo depressa...

Damasceno volta-se para Celeste e, muito próximo dela, contempla-a amorosamente. E não resiste mais: beija-a na boca, demoradamente. Celeste abraça-o com força, prolonga o beijo inesperado.

Os dois, em seguida, abraçados, unidos pela emoção e o desejo, ficam calados, num silêncio cúmplice e cheio de entrega.

Depois Damasceno fala, ~~enternecido~~ ^{enternecido} ~~com a voz abafada~~.

DAMASCENO: Gosto muito de você, Celeste! Gosto tanto que a quero comigo, hoje, amanhã, para sempre...

Meio encabulado, mas com ~~uma~~ decisão, o farmacêutico ~~está~~ completa:

DAMASCENO: Estou lhe fazendo um pedido de casamento...

134. Câmera inicia lento Trav-Avante e vai enquadrar Celeste em P.P., revelando-lhe o rosto tímido e surpreendido, mas feliz. Nada diz, limitando-se a ouvir Damasceno, que prossegue, em voz off:

DAMASCENO ^{((voz off))} Sei que há esta grande diferença de

idade, vão dizer que você poderia ser minha filha, ou minha neta...

134. P.P. de Damasceno, continuando:

DAMASCENO: Isto não me incomoda. Não dou importância a diz-que-diz e falatório. Mas, se você pensar diferente, minha filha, fica o dito por não dito!...

Câmera recua, em Trav., abrindo o quadro, até enquadrar o casal em P.A., favorecendo Celeste. A moça, emocionada, responde, graciosamente:

CELESTE: Também gosto muito do sen... de você, Damasceno. Como avô, como pai, como amigo!...

A acrescenta, olhando-o expressivamente nos olhos, com doçura e

simplicidade/
~~expressividade~~:

CELESTE: E como marido...

SEQUÊNCIA 26

INTERIOR - IGREJA DAS MERCÊS - DIA

136. Na velha Igreja das Mercês, em Mariana, termina a cerimônia de casamento de Damasceno e Celeste, tendo como padrinhos, entre outros, Jesuíno e Dona Marieta.

No templo há poucos convidados, destacando-se, na primeira fila, Dona Belmira e o neto, Afonsinho, filho de Damasceno e da falecida Eponina, além de Dona Maria do Carmo, irmã da primeira mulher de Damasceno, e sua filha Elisa, pouco mais velha do que Celeste, moça de grande beleza.

O sacerdote dá a bênção final, Damasceno beija Celeste e, em seguida, ~~os dois vão~~ *os dois vão* para os cumprimentos na sacristia.

137. Na sacristia, na fila de cumprimentos, Elisa aproxima-se de Celeste, beija-a e a ~~fit~~ *fit* com ~~um~~ *um* olhar envolvente, de brilho intenso, do

qual flui uma sensualidade que deixa Celeste ligeiramente perturbada.

Elisa, ao beijar a noiva, confessa com grande ternura:

ELISA: Você está linda, Celeste!...

E se afasta, enquanto outros convidados chegam para cumprimentar os nubentes. A certa altura, o olhar de Celeste fixa-se em Elisa que também a observa, discretamente.

INTERIOR - CASA DE DAMASCENO - NOITE

138. Na residência de Damasceno, pintada de novo e guarnecida com os velhos móveis do Tijuco, realiza-se íntima e simpática recepção aos convidados do casamento.

Ali estão praticamente as mesmas pessoas vistas na Igreja, ocupadas com o succulento jantar preparado por Dona Marieta, com o vinho de Caldas e a boa cachaça de Januária.

Câmera documenta a festa alegre e ruidosa, musicada pela vitrola que Damasceno havia comprado.

Celeste, sempre com o bonito traje de noiva, está sentada diante de Elisa e sua mãe.

Damasceno tem o filho, menino de 4 anos, a seu lado, enquanto Jesuíno, já meio embriagado, pergunta, a certa altura:

JESUÍNO: Então, mano velho, te enforcaram, hein?... Quem diria, sô!...

DAMASCENO: Agora só falta você, Zé do Mato!... Quando chega sua vez?...

JESUÍNO: Nunca, homem! Cruz credo, te arrene-go!...

Bebe mais alguns goles. Depois acrescenta:

JESUÍNO: E onde é que vai ser a lua-de-mel?...

DAMASCENO: Aqui mesmo, Jesuíno. No fim do ano levo a Celeste ao Rio de Janeiro.

JESUÍNO: E os móveis, chegaram?

DAMASCENO: Chegaram. Atrasou um pouco, pois o caminhão do Euclides quebrou na estrada.

Neste instante, pedindo silêncio, Padre Marinho, que celebrara o casamento, propõe o brinde:

PADRE MARINHO: Brindo pela felicidade eterna de nossos queridos amigos! Que Deus os abençoe!

Um velho, freguês tradicional da farmácia, interfere, com voz roufenha, ~~com~~ a brincadeira tradicional, que provoca ~~barulho~~ barulho e gargalhadas:

VELHO DE VOZ ROUFENHA: Aos dois e aos filhos, que espero venham logo!...

Damasceno então se levanta e, copo à mão, agradece:

DAMASCENO: Agradeço penhoradamente, em nome de Celeste e do meu. Vocês são amigos muito queridos. Ergo também minha taça pela saúde e felicidade de vocês todos!

139. Todo o grupo deixa a mesa de refeição e se espalha pela casa e o jardim.

Elisa vai ao encontro de Celeste e as duas ~~passoiam~~ ~~no~~ bonito e florido jardim. ~~Elisa fala~~ com um sorriso cativante:

ELISA: Quero muito ser sua amiga, Celeste, e peço a Deus por sua felicidade...

CELESTE: Obrigada, Elisa...

ELISA: As pessoas que mais estimo me chamam de Lili...

Toma-lhe a mão, que beija delicadamente, e completa:

ELISA: Quero que me chame de Lili...

Damasceno aproxima-se das duas e, enlaçando Celeste, comenta:

DAMASCENO: Fico satisfeito ~~ao ver~~ ^{ao ver} que vocês estão se tornando amigas...

Elisa então responde, encantadora:

ELISA: Celeste é linda, tio Damasceno! Você é um homem de sorte, um felizardo!...

Damasceno faz um carinho em Celeste, e retruca:

DAMASCENO: Também acho, Lili...

Os três se afastam, voltando à sala e aos convidados.

Câmera faz panorâmica e enquadra uma das janelas que dão para a varanda e o jardim.

Depois avança, em Trav, ou pelo movimento da lente Zoom, e penetra no quarto.

INTERIOR - QUARTO DE CELESTE E DAMASCENO - NOITE

140. Instalada no interior do quarto do casal, câmera completa o movimento de aproximação e enquadra, ligeiramente à direita, o velho e belíssimo leito do Tijuco, deixando à esquerda do quadro a porta que liga o cômodo ao corredor da casa.

Chegam ao quarto, neste instante, Damasceno e Celeste. A festa terminara, e reina silêncio na vivenda.

Celeste, ao avistar a cama famosa, tem um movimento de espanto e i-
deslumbramento, enquanto Damasceno, repentinamente, empalidece e fica
parado à soleira da ~~porta~~. Celeste caminha alguns passos, aproximando-se
do leito e dizendo, com enorme admiração:

CELESTE: Que cama lindíssima, Damasceno!...
Onde você comprou esta maravilha?...

Não escutando a resposta do marido, Celeste se volta e avista Damasceno parado à porta, as feições transtornadas, lívidas e atônitas. Vai ao encontro dele e pergunta, surpreendida:

CELESTE: O que houve, Damasceno?!...

Recosta-se nele, tentando acalmá-lo, e acrescenta, meigamente, como se brincasse:

CELESTE: Parece que viu fantasma!...

Damasceno começa a voltar ao normal e, abraçando Celeste, responde:

DAMASCENO: E vi mesmo...

Aponta para a cama e completa, já se refazendo do susto:

DAMASCENO: Me pareceu ver, no medalhão da cama, dois olhos estranhos...

Câmera avança, em Trav., e vai enquadrar o casal em P.P., enquanto Celeste diz:

CELESTE: Eu não vi nada...

DAMASCENO: É imaginação minha... Acho que bebi ~~demais~~ demais! Nesta cidade muita gente avista fantasmas e almas do outro mundo...

141. De outro ângulo, câmera enquadra Celeste e Damasceno, próximos à porta de entrada.

Celeste, levando consigo o farmacêutico, aproxima-se do velho leito e, alisando-lhe a madeira secular, comenta, fascinada:

CELESTE: O que eu vejo, Damasceno, é uma cama lindíssima, como nunca vi igual!...

Aproxima-se da cabeceira e, passeando as mãos pelos desenhos do

medalhão, circulando os dedos nas duas talhas, os "olhos" da cama, acrescenta, com meiguice e sensualidade:

CELESTE: Que bom a gente passar a primeira noite numa maravilha como essa!...

Câmera, através de Trav-Avante, vai ~~enquadrar~~ ^{focalizar/} Celeste, posicionada atrás da cabeceira da cama, em P.P., a cabeça delicadamente apoiada no espaldar, destacando-se, no enquadramento, as talhas do medalhão.

SOM - Na trilha sonora, além de ruídos característicos da noite, também se ouve, distante, o bater das horas na Igreja da Sé.

F U S Ã O

INTERIOR - QUARTO DE DAMASCENO - NOITE

142. A imagem de Celeste e do medalhão funde-se com o P.P. de Damasceno, sentado à beira da cama, a expressão sombria e melancólica.

Câmera recua, abrindo o quadro, e mostra parte do leito e, colocada à direita do quadro, Celeste, deitada, sob as cobertas, fitando-o sem entender muito o que se passa.

Damasceno ~~comenta~~ comenta, ~~constrangido~~ constrangido:

DAMASCENO: Bebi de mais... Nunca me aconteceu isto, antes...

CELESTE: ~~Não ligue para isso,~~ ^{Não ligue para isso,} ~~XXXXXXXXXX~~ Damasceno. Vem, vem dormir, já é muito tarde...

Damasceno volta a deitar-se, enquanto diz, apaziguado:

DAMASCENO: Não tenho ~~nenhum~~ sono, Celeste...

Afaga-lhe os cabelos e o rosto. Depois ~~completa~~ ^{completa/} ~~o rosto~~:

DAMASCENO: Durma, meu bem. Não se incomode comigo. Você deve estar exausta!...

CELESTE: Estou sim... Estou exausta!... E com muito sono!...

SEQUÊNCIA 27

INTERIOR - QUARTO DE DAMASCENO - NOITE

143. Depois de focalizar Damasceno e Celeste, abraçados, na cama matrimonial, câmera recua, em Trav., no instante em que o farmacêutico, muito nervoso, afasta-se da mulher e, com desespero, ~~de repente~~, senta-se à beira da cama ^e exclama ~~isso~~:

DAMASCENO: Não adiante, Celeste! Estou doente, esta é a verdade, estou doente!...

Celeste, penalizada, abraça-o e, recostando o rosto nas costas de Damasceno, comenta:

CELESTE: Você se preocupa demais com isto, Damasceno, fica nervoso, impaciente, faz um cavalo de batalha...

Damasceno, ^{meio} ~~para~~ irritado, retruca, com ~~uma~~ aspereza:

DAMASCENO: Para você não é nada, mas para mim é muito desagradável, muito chato!

Celeste, chocada, afasta-se do marido que, com remorso, ^a ~~de repente~~ ^{detém e lhe diz:} ~~de repente, dizendo:~~

DAMASCENO: Desculpe, desculpe, Celeste! Não quis ser grosseiro.

Dá um beijo na mulher, ~~de repente~~ veste a calça do pijama, deixan-

do o leito, enquanto diz:

DAMASCENO: Assim que Lili chegar, para te fazer companhia, vou a Belo Horizonte. Quero conversar com o Doutor Anielo, fazer um exame completo, ver o que tenho!...

INTERIOR - CASA DE DAMASCENO - DIA

144. Celeste e Elisa, no corredor da casa, chegam diante da porta do quarto de hóspedes. Elisa, que acaba de chegar de viagem, traz pequena mala e tem o ar fatigado.

Celeste abre a porta e as duas entram no cômodo, que é espaçoso, com uma janela ~~aberta~~ ^{dando} para o jardim.

No centro do quarto se ~~encontra~~ ^{encontra} uma velha cama de solteiro, com cortinados e bela colcha de Damasco. Celeste lhe diz:

CELESTE: Não sei se você vai gostar desta cama, Lili. É um pouco dura...

Elisa se joga no leito, exausta, enquanto responde:

ELISA: Vou gostar sim, Celeste! É uma cama muito bonita... Uff, estou cansada e moída! A estrada tem buraco demais!

Celeste senta-se à beira da cama e a melancolia que exprime é percebida por Elisa que, depois de observá-la, indaga:

ELISA: Você está tristonha, Celeste... Aconteceu alguma coisa?...

Toma carinhosamente a mão da amiga, e prossegue:

ELISA: Me diga, querida... O que está deixando você tão ~~triste~~ ^{triste}?...

Nesse exato instante, chega ao quarto Damasceno. Elisa salta da cama e vai ao encontro do tio, abraçando-o e beijando-o:

ELISA: Ôi, titio! Aqui estou de volta!...

DAMASCENO: Como está você, Lili? Fez boa viagem?...

ELISA: Mais ou menos, tio. Muito burado!...

Elisa volta a estender-se na cama, enquanto o farmacêutico lhe diz:

DAMASCENO: Estava esperando você chegar, para dar um pulo a Belo Horizonte, ~~de volta~~

Aproxima-se de Celeste, acaricia-lhe o rosto e continua, dirigindo-se à sobrinha:

DAMASCENO: Posso viajar sossegado, pois a Celeste toma conta da farmácia melhor do que eu!

F U S ã O

EXTERIOR - RUA DIREITA - DIA

145. Elisa vem descendo a Rua Direita, no dia de sol forte. Aproxima-se da "Pharmacia São Lucas" e, seguida pela câmera em panorâmica, entra no estabelecimento comercial.

INTERIOR - "PHARMACIA SÃO LUCAS" - DIA

146. Celeste, de avental branco, está atendendo alguns fregueses da farmácia. Elisa, depois de saudá-la com um gesto, vai sentar-se num banco de madeira e fica observando a amiga ao trabalho, a maneira cordial com que atende aos clientes, sua simpatia e segurança, ~~profissionalidade~~

Depois que os fregueses se afastam, Elisa aproxima-se do balcão, dizendo:

CELESTE: Muito trabalho hoje, Celeste?... Está cansada?...

Celeste faz uma arrumação na prateleira, ~~espanta~~^e responde:

CELESTE: Estou um pouquinho cansada, Lili. Daqui a pouco está na hora de fechar. Vamos juntas para casa. Você pode esperar?

ELISA: Claro que posso. Gosto de ver você com este avental... Parece ~~uma~~ médica...

EXTERIOR - RUA DE MARIANA - TARDE

147. Depois de fixar Celeste e Elisa em P.P., caminhando numa rua de Mariana, câmera recua, abrindo o quadro para P.A., enquanto as segue em Trav-Atrás.

Elisa está dizendo à amiga:

ELISA: Tenho certeza de que há alguma coisa séria entre você e Damasceno. Você está diferente, tensa, seu rosto exprime aflição, desalento...

De repente, incontinente, Celeste ~~se~~^{se} joga nos braços de Elisa, ~~cho~~^{cho} rando; ~~ela~~

CELESTE: Sim, Lili, você tem razão, meu casamento é um desastre!... Damasceno está doente... Foi um erro este casamento, um grande erro!...

Recostam-se num muro, em recanto isolado. Elisa procura acalmar a amiga, dizendo-lhe, carinhosamente:

ELISA: Fique calma, querida... Por favor, procure acalmar-se, meu bem!...

Estende um lençinho a Celeste, que enxuga as lágrimas. Ficam alguns instantes em silêncio. Depois Celeste propõe:

CELESTE: Quero ir para casa, Lili...

E se afastam.

INTERIOR - CASA DE DAMASCENO - NOITE

148. Celeste está estendida ~~na~~^{na} cama, muito abatida ainda. Elisa chega ao quarto com um copo de água e um calmante, que estende à amiga, dizendo:

ELISA: Bebe, querida, vai te fazer bem...

Celeste obedece. Depois fecha os olhos, enquanto Elisa afaga-lhe a mão, o rosto, delicadamente:

ELISA: Vai se acalmar, vai dormir um pouco...

Quando percebe que Celeste adormeceu, Elisa, sem fazer ruído, vai sentar-se na cadeira de balanço e, por sua vez, também cerra os olhos.

E fica ~~se~~^{se} balançando ~~em~~, vagarosamente, ouvindo os ruídos da noite, um sino distante, latidos de cão.

149. Horas depois, acordando, Celeste avista Elisa, adormecida na cadeira. E, pé ante pé, sem acordá-la, deixa o quarto e vai à varanda, aspirando o perfume das flores do jardim, ~~repentino~~^{pensativa}, observando a noite que escoia.

Pouco depois ouve passos e avista Elisa, que vem sentar-se ~~em~~^{a seu} lado, ~~dizendo~~, dizendo:

ELISA: Não quis descansar mais, Celeste?...

CELESTE: Acordei sem sono... Vim para aqui. Gosto muito deste lugar...

Elisa enlaça a amiga, que recosta a cabeça em seu ombro. E continua, ternamente:

ELISA: Também adoro este recanto, estes pátios este jardim...

Câmera passeia pela varanda, pelo jardim, captando detalhes ex-

pressivos, imagens características e poéticas, enquanto Elisa prossegue, com voz off:

ELISA (voz off): Sempre gostei de casas antigas, como esta, com varanda e balcões, jardim, muro de pedra, coberto de musgo e samambaias, sala forrada com papel azul, desbotado, fechada com o prolongamento do telhado, portas de vinhático, uma escadinha levando ao sótão...

150. Câmera, lentamente, avança em Trav. até enquadrar Celeste e Elisa em P.P.

Estão comovidas, unidas pelo instante poético, de grande intimidade e ternura. Agora é Celeste quem fala, com grande doçura:

CELESTE: No sótão há velhas canastras, onde mulheres tristes guardam ^{com} segredos, roupas velhas, lembranças do passado, de ^{uma} ~~uma~~ vida vazia e infeliz...

Celeste abraça ~~abraça~~ fortemente a amiga e, em certo momento, afa-lhe os cabelos, o rosto, a boca, enquanto diz:

ELISA: Dentro da casa, alguém... como você, esta luz delicada, este ar puro e perfumado, como seu rosto, sua pele, estas mãos tão lindas...

Beija as mãos de Celeste e ~~abraça~~ meigamente ^(murmura) os versos de Alphonsus:

ELISA: "Mãos que os lírios invejam, mãos eleitas..."

Recostada na amiga, Elisa parece captar-lhe as emoções, ^o provoca-as com delicadeza, de forma sutil e insinuante. ^{E lho diz:} ~~abraça~~

ELISA: Gosto muito daqui, desta casa, deste ambiente... Principalmente de você, Celeste... Gosto muito de você!...

INTERIOR - QUARTO DE CELESTE - MANHÃ

151. Transferindo-se para o interior do quarto de Celeste, câmera focaliza a mulher de Damasceno estendida no leito colonial, com Elisa, sentada à beira da cama, acariciando-lhe com doçura os cabelos, os braços, o colo palpitante.

Celeste, cerrando os olhos, entrega-se a um prazer indefinido, abrindo-se como flor, algo como um sentido latente, cheio de delícia.

Elisa lhe diz, enlevada, com inebriante ternura:

ELISA: Você é linda, Celeste, linda, linda!... Adoro você, amor!...

De repente, acordando do torpor sensual, Celeste é dominada por um inesperado sentimento de culpa e vergonha. Com um gesto brusco, afasta Elisa e exclama, rispidamente:

CELESTE: Não, não, Lili!... Vá embora, vá embora!...

Elisa, confusa, ~~enlevada~~ nervosa, levanta-se, atravessa o quarto e sai, fechando a porta com certa violência.

F U S ã O

INTERIOR - QUARTO DE CELESTE - TARDE

152. Recolhida ao leito, horas depois, Celeste ouve abrir-se a porta do quarto e avista Elisa, com ~~a~~ mala de viagem.

~~A moça~~ parada à porta, diz a Celeste, fria, distante:

ELISA: Estou indo embora, Celeste. Vim despedir-me...

De súbito, em pânico, Celeste salta do leito e corre na direção

de Elisa, exclamando:

CELESTE: Você vai embora?!...

ELISA: Não era isto o que você queria, Celeste?!

Celeste, desesperada, abraça-se à amiga e responde, chorando nervosamente:

CELESTE: Eu?!... Querendo que você vá embora?!

Nunca, Lili, nunca quis isto!...

Elisa, comovida, deposita a mala no chão e, envolvendo Celeste num abraço apertado e aflito, responde:

ELISA: Quer então que eu fique aqui, com você?...

CELESTE: Quero, meu bem, quero, preciso que fique, suplico para ficar!...

As duas, abraçadas, aproximam-se do leito e tombam nele, chorando, com desespero, com paixão, com carinho arrebatado e ~~afrito~~ ^{afrito}:

CELESTE: Lili, Lilizinha, não vá embora, meu bem,
não vá embora, pelo amor de Deus!...

Câmera, versátil, registra o abraço ~~desesperado~~ desesperado das duas amigas, que se acariciam, se beijam, soluçando, murmurando palavras de amor e ternura:

ELISA: Meu bem!... Meu amor!...

CELESTE: Não vá embora, Lili, não me deixe sozinha, meu bem, meu bem!...

Elisa beija os olhos de Celeste, sorve-lhe as lágrimas e, com as mãos, acaricia-lhe o rosto, o colo, os seios. Depois beija-a na boca, longamente, apaixonadamente.

~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~

EXTERIOR - ESTAÇÃO RODOVIÁRIA - DIA

153. Damasceno está chegando de volta a Mariana. O ônibus, que liga a cidade a Belo Horizonte, estaciona na Estação Rodoviária, e o farmacêutico, com mala, capa e jornais do dia, ^(deseja e) toma o caminho de casa, fatigado, ^{cheio de poeira.}
~~cheio de poeira.~~

SOM - Ruídos ambientais.

INTERIOR - CASA DE CELESTE - DIA

154. No quarto de Celeste e Damasceno, nesse mesmo instante, prossegue o ritual amoroso de paixão e erotismo.

Celeste e Elisa, ~~nuas~~ nuas, estão caladas, desfrutando o prazer intenso do sexo e da carícia. Em volta delas há um silêncio penetrante, e todo o cômodo, dominado pelo ~~leito~~ belíssimo leito colonial, parece envolvido por um encanto singular, quase irreal.

Um desejo excitante vai sendo desfrutado, voluptuosamente, pelas duas, enquanto a câmera, ágil, versátil e minudente, registra a abrasada cena de amor, a emoção ~~profunda~~ profunda que ^{estremece} ~~estremece~~ as duas moças.
~~as duas moças, a emoção profunda que as duas moças.~~

Elisa, a certa altura, posta-se aos pés de Celeste, beija-lhe lascivamente as pernas, as coxas, o púbis deliciado. Celeste, num gozo indizível, que cresce do fundo de si mesma, entrega-se, como uma flor fecundada, à carícia física que a estremece até o orgasmo.

EXTERIOR - RUA DE MARIANA - DIA

155. Ligeiramente em "contre-plongé", câmera, em movimento de Trav-Atrás, enquadra Damasceno em P.P., deixando ver, ao fundo, o casario barroco da ~~cidade~~ cidade.

Aproxima-se da Rua das Mercês, ~~do~~ ^o rosto exprimindo alívio e satisfação. ~~ela~~ Caminha apressadamente, impaciente pelo reencontro com Celeste.

SOM - Ruído, ligeiramente ampliado, dos passos de Damasceno, ferindo o calçamento de pedra.

INTERIOR - CASA DE CELESTE - DIA

156. ^(No quarto) Apesar de experimentar uma inquietude irreprimível, ardendo no coração, Celeste quer mais, pede mais, como se a dominasse um narcótico, circulando no sangue.

As duas se beijam, se acariciam, frementes de amor, ~~de amor~~

EXTERIOR - RUA DAS MERCÊS - DIA

157. Damasceno atravessa ~~a rua~~ a Praça da Sé, sobe a Rua Conde de Conceição e ganha a Rua das Merês, aproximando-se de casa, ^{na outra} ~~na outra~~ extremidade.

INTERIOR - CASA DE CELESTE - DIA

158. Os lábios de Celeste pedem mais beijo, buscam a boca de Elisa, beijam-se com força e ^{ansiedade} ~~ansiedade~~. E exclama, inebriada de prazer:

CELESTE: Te adoro, Lili, te adoro, te adoro!...

EXTERIOR - RUA DAS MERCÊS - DIA

159. Damasceno chega à residência, apanha na algibeira a chave e abre a porta de entrada. ^{Depois} ~~Depois~~ entra.

INTERIOR - CASA DE DAMASCENO - DIA

160. Colocada no alto da escadaria, que leva ao pavimento superior, câmera focaliza Damasceno que sobe os degraus, pisando a passadeira e, com isso, abafando o ruído dos passos.

161. O farmacêutico ^{depois} ~~depois~~ cruza a sala-de-visitas, ganha o corredor e se aproxima do quarto. Diante da porta, coloca a mala no assoalho e, ouvindo vozes abafadas, gemidos e expressões de prazer, fica por alguns instantes imobilizado, dominado pela surpresa.

Estende, então, a mão, torce a maçaneta e abre vagarosamente a porta, avistando, na grande cama colonial, banhada pela luz do crepúsculo, a cena insólita que o deixa paralisado de assombro.

A princípio, como se nada entendesse, fica imóvel, no mesmo lugar, apenas olhando, idiotizado, enquanto as duas moças, sem pressentir-lhe a presença, continuam a beijar-se, murmurando expressões de prazer

e sensualidade.

Câmera, em campo e contra-campo, ora focaliza o farmacêutico, em P.P. e P.A., ora o leito, como visto pelos olhos assombrados de Damasceno.

Compreendendo, finalmente, o que ~~está~~ ^{ocorre}, Damasceno, silenciosamente, afasta-se do quarto e caminha novamente pelo corredor.

162. Através de Trav-Atrás e P.P., câmera enquadra Damasceno e segue-o pelo corredor, captando-lhe a expressão atônita, os passos trêmulos, o olhar vago, no qual se percebem espanto e tristeza, vergonha e revolta.

163. Chegando ao cômodo, que lhe serve de escritório, com prateleiras de livros e uma mesa de trabalho, Damasceno abre uma gaveta e dela retira um revólver, ~~que está~~ que está carregado.

Em seguida,
~~ele~~ retorna lentamente ao quarto.

164. Aproxima-se da porta e, desta vez, abre-a ^{com violência.} ~~com violência.~~ Caminha apressadamente e pára ao pé do leito, diante das duas moças que, ^{vendo-o} ~~aterrorizadas~~, aterrorizadas, separam-se instintivamente, olhando-o com enorme espanto.

Damasceno ergue, então, o revólver e, apontando-o para as duas infelizes, ordena, com voz terrível:

DAMASCENO: Continuem! Vamos, continuem o que estavam fazendo!!!

165. Imobilizadas pelo assombro, Celeste e Elisa nada conseguem fazer, olhando, desesperadas, para o farmacêutico que, com ~~seu~~ vigor e cólera, repete:

DAMASCENO: Vamos, continuem! Continuem, desgraçadas!

Elisa e Celeste, então, com enorme constrangimento, voltam a se abraçar, os corpos gelados como cadáveres.

Damasceno, no entanto, não se satisfaz com o gesto tímido e contrafeito das ~~duas~~ moças, e volta a ordenar, enfurecido, quase aos berros:

DAMASCENO: Não era o que estavam fazendo!

Vamos! Quero que façam exatamente o que estavam fazendo!!!

166. P.P. de Elisa e Celeste que voltam a se beijar e, com mãos trêmulas, ~~então~~ se acariciam de forma contrafeita e maquinal, enquanto, em voz off, Damasceno ~~grita~~ ^{grita}, alucinado:

(voz off):
DAMASCENO, Mais! Vamos, mais! Façam exatamente o que estavam fazendo!

167. Depois de enquadrar Elisa e Celeste em P.A., câmera recua, em Trav., abrindo o campo visual e nele incluindo a figura patética do farmacêutico, o revólver à mão, trêmulo, banhado em suor.

Suas feições ~~de angústia~~ exprimem uma enorme piedade. ~~Re~~ Repentinamente, trespassado por uma angústia irreprimível, rasgando-lhe as fibras da alma, desvia o cano do revólver ~~e o encostando~~ na têmpora. ~~E quando, de súbito,~~ ^{E quando, de súbito,} ~~ecoando~~ pela casa inteira, ouve-se um terrível estampido.

O corpo do farmacêutico tomba para a frente e vai cair sobre as duas moças, espargindo sobre elas e a colcha ~~mediana~~ sangue e partes arreventadas do crânio.

Celeste e Elisa, num desespero histérico, começam a ~~gr~~ gritar, enquanto o sangue ^{lhes} ~~escorre~~ ~~para~~ pelo colo, o ventre, as pernas, infiltrando-se no colchão.

São, exatamente, seis horas da tarde e, do crepúsculo, emerge uma luz cambiante e poética.

168. Câmera avança em Trav., ultrapassa o leito, a cabeceira e alcança a janela aberta, através da qual ~~mostra~~ ^{mostra}, ao fundo, as torres da Igreja das Mercês.

SOM - Sinos batendo as seis horas, misturados com gritos e soluços de Celeste e Elisa.

FIM DO 4º EPISÓDIO

Rio, 29/4/1986.
Geraldo Santos Pereira.

SEQUÊNCIA 28EXTERIOR - IGREJA E TREVO DE OURO PRETO - DIA

169. Depois de focalizar, em P.P., a torre e sino de uma igreja de Ouro Preto, a objetiva "Zoom" abre o campo e, conjugada com o movimento de panorâmica da câmera, vai enquadrar, em G.P.G., a paisagem montanhosa e a Rodovia dos Inconfidentes, na altura do trevo que leva à cidade, pela esquerda, e a Saramenha, pela direita.

Pela estrada vem vindo, em alta velocidade, um carro do ano, com marca e motorista ainda indeterminados.

SOM - Bater de sino e, em segundo-plano, de vento e carro na estrada.

170. Em nova angulação, câmera focaliza, de mais perto, o carro que se aproxima do trevo, diminuindo a marcha até parar.

171. Enquadra-se, em P.A., o carro e o motorista, o engenheiro-eletricista Paulo Roberto de Almeida Cintra. No quadro também se vê a placa de sinalização do trevo, perto do qual o automóvel se imobiliza. Ne-la se vêem as indicações: Ouro Preto, na direção de esquerda, e Saramenha, à direita.

Câmera inicia Trav-Avante, até focalizar o motorista em P.P.

O engenheiro, hesitante, murmura para si mesmo:

PAULO ROBERTO: Ouro Preto... ou fábrica de Saramenha?...

Consulta o relógio de pulso. Depois decide:

PAULO ROBERTO: Ainda é cedo. Saramenha!...

172. De um ponto elevado, câmera mostra o trevo, o carro e a bifurcação da estrada. Tomando a decisão, Paulo Roberto vira à direita e ganha a estrada do contorno de Ouro Preto, rumando para a fábrica de alumínio de Saramenha. Câmera segue-o, em panorâmica, até que, mais adiante,

o carro desaparece numa curva.

EXTERIOR - ESTRADA E OURO PRETO = DIA

173. Instalada no interior de um carro em movimento, câmera focaliza a estrada asfaltada que faz o contorno de Ouro Preto.

Depois de uma curva, surge à frente, e à esquerda do quadro, o casario barroco de Ouro Preto, com suas velhas igrejas e a topografia acidentada da cidade.

Sobre esta imagem de localização geográfica, surge o letreiro indicativo: OURO PRETO, ATUALIDADE.

174. Deixando Paulo Roberto à esquerda, câmera enquadra, de outro ângulo, a cidade de Ouro Preto, como vista da estrada do contorno.

O engenheiro contempla ~~uma~~ expressiva paisagem, enquanto, no rádio do veículo, se ouve música contemporânea, de sucesso nas paradas.

SOM - Música atual: "rock", etc.

O carro chega a nova curva e deixa ver, à frente e à direita, as altas chaminés da fábrica de alumínio de Saramenha.

SOM - Apito distante da fábrica.

EXTERIOR - FÁBRICA DE SARAMENHA - DIA

175. O carro de Paulo Roberto aproxima-se do portão e guarita da fábrica de alumínio. Um guarda faz sinal para ~~que~~ parar.

Paulo Roberto, parando diante da cancela, estende ao guarda um documento de identidade. Depois ~~segue~~ ^{segue} caminho. O carro, mais adiante, vai encostar em vaga no pátio de estacionamento.

INTERIOR - FÁBRICA DE SARAMENHA - DIA

176. Paulo Roberto chega diante de uma porta que indica: "William Thompson, Diretor Administrativo". Bate à porta e entra.

Aproxima-se de Thompson, norte-americano, gordo, louro, meio calvo, e pergunta:

PAULO ROBERTO: Doutor William Thompson?...

THOMPSON: Yes, Yes! Mas, por favorr, "without the doutor, please! Só William, please!...

PAULO ROBERTO: "As you wish, William, with pleasure"!

THOMPSON: Good, good, you speak English?...

PAULO ROBERTO: Como todo brasileiro, "more or less"...

Apertam-se as mãos, sorridentes. Depois o recém-chegado completa:

PAULO ROBERTO: Sou o engenheiro Paulo Roberto de Almeida Cintra...

THOMPSON: "Exact, I know, I know! Estava esperando o senhorr..."

PAULO ROBERTO: Já que cortei o Doutor, peço-lhe que corte o senhor. Please!

Thompson levanta-se, toma o engenheiro pelo braço e vai dizendo, jovial, com seu forte sotaque:

THOMPSON: "Perfectly!" Venha comigo, Paulo Roberto, vou levá-lo ao Chefe do Departamento do Pessoal! Me diga uma coisa: já se instalou na cidade?...

PAULO ROBERTO: "Not yet", Thompson. Estou chegando de viagem. Vim de carro.

177. Caminham por um corredor, seguidos pela câmara em Trav-Atrás, enquanto o norte-americano continua, gárrulo, bem-humorado:

THOMPSON: Traz família?...

PAULO ROBERTO: Não, sou solteiro.

THOMPSON: Good, very good! Solteiro trabalha ~~melhor~~ sem aporrin...como é mesmo?... aporrinha-
çon!...

Solta uma sonora gargalhada. Antes de entrarem na sala do Pessoal, completa, dando tapinha nas costas do engenheiro:

THOMPSON: Homem casado, chato! Homem mal casado, ~~Piorrrr/~~!... Bem, my friend, o Lustosa, chefe do Pessoal, vai lhe arranjar uma boa "república"!... Aqui os solteiros moram em "repúblicas", you know?...

EXTERIOR - RUAS E PRAÇAS DE OURO PRETO - DIA

178. Câmera documenta a passagem do carro de Paulo Roberto por ruas, ladeiras e praças de Ouro Preto.

Ao som forte do rádio do automóvel, a objetiva ora representa o ponto-de-vista do engenheiro, ora focaliza o veículo que atravessa a velha cidade, observada com curiosidade pelo motorista.

A certa altura, comprovando num papelzinho o nome da rua, na qual se localiza a "república" onde vai residir, Paulo Roberto murmura para si mesmo, após diminuir a ~~velocidade~~ e ler a placa numa esquina:

PAULO ROBERTO: Rua Costa Sena... 112... É aqui mesmo...

EXTERIOR - RUA COSTA SENA - DIA

179. O carro de Paulo Roberto estaciona diante do endereço que a fábrica lhe dera. Ali se localiza um sobrado, bem característico da antiga Vila Rica. Uma placa desenhada, com letras imitando barroco, está fixada na varanda, indicando: "Pulgatório"...

Paulo Roberto, divertido, ~~abrimo~~ ^{abrindo} um sorriso, comenta para si mesmo:

PAULO ROBERTO: "Pulgatório"?!... Mau, mau!...

Ao desligar o motor, ~~de repente~~ no entardecer da cidade, começa a ouvir dois sons nostálgicos e característicos de Ouro Preto: o dos sinos das igrejas e o de um piano.

SOM - Sinos das igrejas e som de um piano, com o "Prelúdio" nº 4, de Chopin.

Paulo Roberto fica parado, diante do carro, por alguns instantes, seduzido pela atmosfera poética provinda dos sons. Ergue a vista, buscando o ^{local} ~~o~~ de onde ^{Sai} ~~saia~~ a música romântica de Chopin. Nesse instante, uma voz, ^{vindo} ~~da~~ da "república", explica:

ADROALDO QUINTÃO (voz off): Quem está tocando é a Vera Lúcia, aluna do Conservatório, ^{moça} vizinha...
~~EEEEEE~~

180. Deixando Paulo Roberto à esquerda do quadro, em 3/4 de perfil, câmera mostra, ao centro e à direita, a fachada da "república" e, numa das janelas do térreo, um jovem, meio gordo, de óculos e bigodes espessos, que prossegue:

ADROALDO QUINTÃO: Pode entrar, companheiro! É aqui mesmo, o "Pulgatório"...

Paulo Roberto aproxima-se do colega, aperta-lhe a mão, ouvindo:

ADROALDO QUINTÃO: Também trabalho em Saramenha.

Sou o Adroaldo Quintão, engenheiro-químico...

PAULO ROBERTO: Muito prazer. Paulo Roberto de Almeida Cintra, engenheiro-eletricista.

ADROALDO: Espere aí. Vou ajudar você a trazer a bagagem.

SOM - Solo de piano.

INTERIOR - CASA DE VERA LÚCIA - TARDE

181. Enquadra-se, na sala-de-visitas do sobrado fronteiro à "república", com a velha mobília dos interiores típicos de Ouro Preto, a executante do "Prelúdio" nº 4, de Chopin, Vera Lúcia Andrade Freire. Depois, em lento Trav-Avante, câmera se aproxima da pianista, uma moça muito jo-

vem, de expressão delicada, traços finos, longos cabelos soltos, muito bonita, concentrada na interpretação, ainda não muito segura, da pequena obra-prima de Frederico Chopin.

SOM - "Prelúdio" nº 4, de Chopin. Sinos distantes, em segundo-plano.

Em certo momento, errando o compasso, Vera Lúcia repete o trecho, um pouco mais lentamente.

Nesse instante, uma velha de cabelos brancos, simpática, pisando de leve, para não incomodar a neta, que estuda, chega à sala com um vaso de flores, que coloca na mesinha de centro de um conjunto ~~de~~ de móveis antigos.

Vera Lúcia ~~parava~~ não ~~para~~ ^{a ré}, e continua calmamente o estudo de piano.

SOM - O "Prelúdio" está chegando ao fim, agora no andamento certo.

INTERIOR - "REPÚBLICA" - TARDE

182. Paulo Roberto ~~chega~~ ao quarto, que lhe fora reservado, na ~~república~~ "república" "Pulgatório". Carrega, como também o companheiro de pensão, Adroaldo Quintão, várias caixas de som, o que leva o colega de fábrica, a certa altura, a ~~perguntar~~ perguntar:

ADROALDO QUINTÃO: Gosta de música?

PAULO ROBERTO: Muito, mas não exatamente do gênero que estamos ouvindo...

Coloca o ^{amplificador, toca-discos,} "receiver", "tape-deck", o ^{sintonizador} ~~tuner~~, amplificadores, ~~toca-discos~~, caixas-acústicas numa prateleira, enquanto o Adroaldo, observando a parafernália eletrônica, comenta:

ADROALDO: Um som da pesada, hein, colega?...

Paulo Roberto ajeita as caixas acústicas, enquanto responde ao colega:

PAULO ROBERTO: Nunca me separo deste som, nem de meus discos e fitas.

ADROALDO QUINTÃO: E qual o gênero que prefere?

PAULO ROBERTO: Jazz, os contemporâneos, Pink Floyd, Stevie Wonder, Led Zepelin, os Eagles, os metaleiros, Chico, Caetano, Gil...

Antes mesmo de abrir a mala, e colocar a roupa nos cabides, Paulo Roberto instala a aparelhagem de som, observando cuidadosamente cada detalhe. E comenta para Adroaldo:

PAULO ROBERTO: Me diga uma coisa, companheiro: há bons ambientes por aqui?...

ADROALDO: Tem de tudo, depende do freguês, boates, barzinhos, discoteca, motel... Mas, com esse som, vamos organizar aqui mesmo boas noites!...

Paulo Roberto liga tomadas, acopla elementos, com perícia e segurança, acostumado às mudanças. Enquanto isto, glosa a previsão do colega:

PAULO ROBERTO: Boas noites... na companhia de fantasmas?...

Adroaldo vai sentar-se numa cadeira, perto da janela, e retruca:

ADROALDO: Meu caro: a cidade é velha, mas as meninas são jovens, e lindas! Há por aqui muitas gatinhas que curtem um "rock", um "soul" como ~~em~~ cidade grande!...

Olhando para fora, pela janela, Adroaldo avista, no prédio em frente, a figura ~~da pianista~~ ^{postica} da pianista, que viera regar as plantas da varanda. E adverte Paulo Roberto:

ADROALDO: A pianista é aquela! ~~Paula Roberto~~

183. Câmera acompanha, em paronâmica, a caminhada de Paulo Roberto até a janela, na qual se debruça para observar a vizinha.

EXTERIOR - RUA COSTA SENA - NOITE

184. De fora, câmera focaliza Paulo Roberto e Adroaldo que chegam à janela para observar Vera Lúcia.

ADROALDO: ~~É a~~ ^{É a} Vera Lúcia...

INTERIOR - CASA DE PAULO ROBERTO - NOITE

185. Em ponto de vista de Adroaldo e Paulo Roberto, câmera focaliza, em "contre-plongé" e P.G., o sobrado fronteiro à "república", centralizando Vera Lúcia que, distraidamente, rega as plantas da varanda. Ouve-se, em off, a voz de Adroaldo Quintão, que prossegue:

ADROALDO (voz off): Mora com a avó, Dona Olga, e descende de uma família muito antiga, de Diamantina, os Freire...

Nesse instante, Vera Lúcia percebe que os dois engenheiros a observam. Fica perturbada, [↑] faz um ligeiro cumprimento ~~de~~ ^{de} cabeça.

186. Deixando, no enquadramento, Adroaldo e Paulo Roberto, à janela da "República", câmera focaliza Vera Lúcia na varanda, regando as plantas. Adroaldo lhe ~~fala~~ ^{fala}, elevando a voz:

ADROALDO: Ôi, Vera Lúcia... Estudou muito hoje?

VERA LÚCIA: O de sempre...

ADROALDO: Este é o Paulo Roberto, novo engenheiro da fábrica, meu colega de "república".

VERA LÚCIA: Muito prazer...

PAULO ROBERTO: Da mesma forma.

Depois completa:

PAULO ROBERTO: Gostei muito do piano. O que estava tocando?

EXTERIOR - CASA DE VERA LÚCIA - NOITE

187. Instalada na varanda da casa de Vera Lúcia, câmera enquadra-a em P.P., olhando na direção de Paulo Roberto, na casa em frente. A pianista, meio intimidada, responde ao engenheiro:

VERA LÚCIA: Um "Prelúdio" de Chopin.

PAULO ROBERTO (voz off): Pois tocou muito bem!

VERA LÚCIA: Obrigada. Ainda estou estudando...

INTERIOR - CASA DE PAULO ROBERTO - NOITE

188. Como plano 186: P.P. de Vera Lúcia que, da varanda do sobrado, se despede:

VERA LÚCIA: Com licença, tenho que ajudar vovó. Até logo.

ADROALDO: Até logo, Vera Lúcia.

Os dois engenheiros vão para dentro. Câmera recua, em Trav., acompanhando os dois amigos que chegam ao barzinho:

ADROALDO: Quer experimentar uma cachacinha local?

PAULO ROBERTO: Vamos lá. É das boas?...

ADROALDO: Não é a Januária, mas esquentar bem!

Servem-se de bebida. Depois Paulo Roberto opina:

PAULO ROBERTO: Legal!

Toma mais um gole. Depois comenta:

PAULO ROBERTO: Linda gatinha, esta nossa vizinha!

ADROALDO: Muito tímida, caseira, apegada demais à avó. Acho que ainda é virgem...

PAULO ROBERTO: Não me diga! Raridade! Agora sim, começo a me interessar!...

ADROALDO: Não vai ter muita chance! Vá com

calma, companheiro!...

Paulo Roberto serve-se de cachaça. Caminha, depois, até a janela, observa a casa de Vera Lúcia e comenta:

PAULO ROBERTO: A moça descende dos Freire, de Diamantina?... Curioso: também descendo de diamantinenses. Tive um antepassado que foi Fiscal de diamantes, mas acabou na forca, acusado de furto ~~o~~ ~~capetão~~

Vai de novo beber e, copo na mão, aproxima-se de Adroaldo, que o escuta atentamente, e conclui:

PAULO ROBERTO: Uma história ~~estranha~~ esquisita, e trágica! Depois de morto, descobriram que era inocente! Quem roubava os diamantes era a mulher do português manda-chuva!

ADROALDO: Pôxa vida, sô! Que ~~estranha~~ tragédia! Aconteceu de verdade?!

PAULO ROBERTO: Em Minas acontece de tudo, companheiro! Coisas do arco da velha!

SOM - O som de um sino, da Igreja ~~estranha~~ próxima, funde-se com o apito, antecipado, da fábrica de alumínio.

SEQUÊNCIA 29

INTERIOR E EXTERIOR - OURO PRETO - DIA

189. A nova seqüência abre-se com "flashes" do trabalho de Paulo Roberto na fábrica de Saramenha. Câmera, em planos de cobertura, focaliza-o em plena atividade profissional, mexendo em máquinas, percorrendo os grandes galpões da usina, fazendo cálculos e ligações elétricas, con-

ferenciando com técnicos e operários.

SOM - Sons ambientais da fábrica.

Alternando os "flashes" de documentação profissional, câmera também focaliza Paulo Roberto, de carro, a caminho da "república" da Rua Costa Sena, cruzando ruas e praças de Ouro Preto e, finalmente, no interior do sobrado, ocupando-se com suas coisas e, principalmente, com a aparelhagem de som.

O último plano da seqüência mostra Paulo Roberto, em seu quarto, preparando-se para ouvir uma gravação do "hit parade". Chega-lhe aos ouvidos o som do piano de Vera Lúcia, estudando ou executando peças do repertório romântico.

O engenheiro, abstraindo-se da vizinha, coloca a fita no aparelho e aumenta o volume.

SOM - A música de sucesso, no "hit parade", irrompe fortíssima, abafando totalmente o piano de Vera Lúcia.

Depois põe whisky e gelo num copo e vai à janela, de onde avista Vera Lúcia, que interrompera o estudo de piano ao ouvir o som tonitroante do "rock", ~~deitada~~. Desta vez não dirigiu o olhar para a "república", limitando-se a regar as plantas.

Paulo Roberto tenta entabolar conversa, dizendo-lhe:

PAULO ROBERTO: Ôi, grande pianista!...

Mas a moça não lhe dá resposta e, voltando-lhe as costas, retorna ao interior da casa.

Paulo Roberto vai
~~Vai~~ (então, ao quarto de Adroaldo, espichado na cama, descansando, e lhe diz:

PAULO ROBERTO: Acho que a pianista não aprecia a música popular...

ADROALDO: Não dá para abaixar um pouco o volume? Talvez ~~através do~~ ^{atrapalhe} o estudo ~~de~~ ^{da} minha.

PAULO ROBERTO: Vou abaixar um pouco.

E volta ao quarto onde, de fato, ~~abaixa~~ ^{diminui} o volume. Em seguida, fecha a porta a chave, retira de uma prateleira, guardada atrás dos livros, uma caixa de madeira, que deposita ~~debaixo~~ ^{na} mesa. Apanha, depois, ~~o~~ o chaveiro, que carrega ~~consigo~~ consigo e, com uma pequena chave, abre cuidadosamente a caixinha.

Nesse exato instante, contudo, Adroaldo, depois de torcer a maçaneta e constatar que a porta está fechada, chama-o do corredor:

ADROALDO: (voz off): Paulo Roberto, está deitado?...

O engenheiro fecha imediatamente a caixa, que volta a depositar atrás dos livros, na prateleira. Em seguida, vai abrir a porta, dizendo ao colega:

PAULO ROBERTO: Por distração, fechei a porta. Vamos entrar, companheiro!

ADROALDO: Só vim comentar com você, que ouvi hoje, na fábrica, murmúrios de greve. Soube de alguma coisa?

PAULO ROBERTO: Apenas boatos! Não vai dar em nada! Acho que os operários estão até bem pagos!... Deve ser movimento político, de algum candidato ~~de~~ ^{às} eleições!

Vai apanhar o whisky e oferece ao colega:

PAULO ROBERTO: Toma um whisky, Adroaldo?

ADROALDO: Vou ~~me~~ aceitar uma dose.

Serve Adroaldo e, após beber um gole, acrescenta:

PAULO ROBERTO: Vou amanhã a Belo Horizonte, para umas compras. ~~Vamos~~ ^{Vamos} ~~de compras?~~

ADROALDO: Obrigado, mas amanhã tenho um programa com a Raquel...

PAULO ROBERTO: Bom programa, companheiro, bom programa! A Raquel é muito interessante. É pra casar?...

ADROALDO: Casar pra separar?... Não, colega, sou de outra escola. Casamento é pra essa aí, nossa vizinha...

PAULO ROBERTO: Você acha?

ADROALDO: Acho não, tenho certeza!

EXTERIOR - RODOVIA DOS INCONFIDENTES - DIA

190. Câmera, instalada em praticável, focaliza em P.G. a Rodovia dos Inconfidentes, à saída de Ouro Preto. Como um bólido, entrando no quadro pela esquerda, o carro de Paulo Roberto surge e se distancia na estrada asfaltada, a caminho de Belo Horizonte.

191. Tele-objetiva detalha uma das rodas do automóvel de Paulo Roberto, rodando em alta velocidade no asfalto da rodovia.

SOM - Em lugar do ruído do carro rodando na estrada, ouve-se, na trilha sonora, o som de uma gravação, reproduzindo o "Prelúdio" nº 4, de Chopin.

192. Detalhe de um disco, rodando no aparelho de som de Paulo Roberto.

SOM - Ouve-se, agora, ~~agora~~ ^{agora} fortemente, o "Prelúdio" nº 4, de Chopin, em gravação estéreo.

INTERIOR - CASA DE VERA LÚCIA - DIA

193. Vera Lúcia, varrendo o assoalho da sala de visitas do sobrado, onde reside, com a avó, ouve a gravação da peça de Chopin. Surpreendida, recosta a vassoura na parede e vai à varanda, observando, curiosa, a "república" "Pulgatório".

INTERIOR - "REPÚBLICA" - DIA

194. Paulo Roberto aumenta um pouco o volume do toca-disco e vai à janela, de lá avistando Vera Lúcia no alpendre do sobrado. Os dois se fitam, ~~ambos~~ felizes ^{com a} surpresa, Paulo Roberto percebe ~~que~~ ~~de~~ apesar da distância, a alegria que Vera Lúcia exprime, ouvindo a melodia que ^{vem} ~~está tocando~~ estudando.

Paulo Roberto, alçando o tom da voz, diz à pianista e vizinha:

PAULO ROBERTO: Uma modesta homenagem a você, Vera Lúcia...

VERA LÚCIA: Muito obrigada... Mas é uma homenagem cruel!...

195. P.P. de Paulo Roberto, sempre à janela, e que pergunta, meio espantado:

PAULO ROBERTO: Cruel?!... Por que cruel?!

196. Câmera enquadra, em "contre-plongé", a pianista que explica, sorridente:

VERA LÚCIA: Porque o que estamos ouvindo é o verdadeiro Chopin, e não o executado por uma principiante...

Depois de ~~uma~~ pequena pausa, pergunta:

VERA LÚCIA: É o Malkuzinsky?

PAULO ROBERTO (voz off): Não. O Rubinstein.

EXTERIOR - VARANDA DA CASA DE VERA LÚCIA - DIA

197. Deixando Vera Lúcia em 3/4 de perfil, câmera enquadra, em "plongée", parte da fachada da "república", centralizando a figura de Paulo Roberto.

Vera Lúcia prossegue, dirigindo-se ao engenheiro, divertida:

VERA LÚCIA: Logo o Rubinstein?... Então já não é maldade, é sadismo!...

EXTERIOR - "REPÚBLICA" - DIA

198. P.P. de Paulo Roberto, à janela da "república", respondendo à pianista:

PAULO ROBERTO: De forma alguma! Escute, Vera Lúcia: gostaria muito de ouvir você tocar. De mais perto.

EXTERIOR - CASA DE VERA LÚCIA - DIA

199. Em ligeiro "contre-plongée", câmera enquadra Vera Lúcia em P.P., olhando na direção de Paulo Roberto, em off, e dizendo:

VERA LÚCIA: É só atravessar a rua... Assim fica conhecendo minha avó.

PAULO ROBERTO: Daqui a pouco estou aí!

INTERIOR - "REPÚBLICA" - DIA

200. Paulo Roberto troca depressa a roupa, penteia os cabelos, borrifa o rosto com água de Colônia.

Ao passar pela sala, o Adroaldo, que lê um jornal, ironiza:

ADROALDO: Assim começam as grandes paixões!

Paulo Roberto responde, já saindo:

PAULO ROBERTO: Ou as grandes amizades...

INTERIOR - CASA DE VERA LÚCIA - DIA

201. Chegando à varanda da casa, Paulo Roberto aperta a mão de Vera Lúcia, que o espera ~~de~~, sorridente, e lhe diz:

VERA LÚCIA: Vamos entrar, Paulo Roberto. Não repare, é uma casa modesta, de pobre...

A sala, na qual entram, a seguir, está decorada como tantos interiores de Ouro Preto, contendo sofás e cadeiras de palhinha, canapés, consoles, mesinhas ovaladas, relógio de pêndulo, retratos de família, presos por cordões amarelos, pendendo da cimalha, um oratório com imagem de santo e, num canto, perto da janela que se abre para o alpendre, o velho piano de armário, com bibelôs e vasos sobre a toalha rendada, cobrindo a tampa.

Paulo Roberto vasculha com os olhos o ambiente muito limpo e ~~de~~ cuidado. E exclama, sincero, cheio de admiração:

PAULO ROBERTO: Que sala bonita!

Caminha até o piano e desliza a mão sobre o verniz da madeira, comentando:

PAULO ROBERTO: Então, este é o famoso piano!... Parece um velho amigo...

Vera Lúcia, seguida pela câmera em Trav-Atrás, vai para perto do engenheiro, dizendo:

VERA LÚCIA: Está ~~desafinado~~ ^{meio} desafinado...

PAULO ROBERTO: Toque um pouco.

Vera Lúcia abre o instrumento, retira o pano vermelho de feltro, puxa a banquetta e, após ajeitar-se diante do piano, pergunta:

VERA LÚCIA: O que prefere ouvir?

PAULO ROBERTO: Aquele "Prelúdio" de Chopin, acho que de número 4...

VERA LÚCIA: Foi tocado no enterro de Chopin, em Paris... É o que eu mais gosto! Mas não repare, ainda estou estudando...

Abre a partitura e começa a tocar, a princípio com certa insegurança, um nervosismo que a deixa pouco à vontade. Depressa, contudo, recupera o domínio técnico e o executa com sensibilidade e correção.

SOM - "Prelúdio" nº 4, de Chopin.

Antes de terminá-lo, Vera Lúcia avista a avó, que chega à sala, silenciosamente, fazendo-lhe um gesto para que continue.

202. P.P. de Dona Olga, uma velha simpática e magrinha, o olhar de grande doçura, pousado na neta, que, em off, continua a tocar, até terminar a peça romântica. ~~até o fim~~

SOM - "Prelúdio" de Chopin, até conclusão.

203. Abrindo o quadro, câmera focaliza a sala em P.G.

Paulo Roberto levanta-se e, seguido por Vera Lúcia, vai ao encontro de Dona Olga, enquanto comenta:

PAULO ROBERTO: Parabéns, Vera Lúcia. Tocou muito bem! Tem muita sensibilidade, muita musicalidade!...

VERA LÚCIA: Ainda estou estudando...

Depois apresenta:

VERA LÚCIA: Esta é minha avó, Paulo Roberto. Vovó, este é o Paulo Roberto, engenheiro da

fábrica de Saramenha, e companheiro de "república" do Adroaldo.

Apertam-se as mãos, enquanto Paulo Roberto diz à senhora:

PAULO ROBERTO: Muito prazer, minha senhora.

DONA OLGA: Como vai, meu jovem? Por favor, sente-se.

Paulo Roberto vai sentar-se no sofá, ficando de pé Dona Olga e a netta, que lhe diz:

VERA LÚCIA: Aceita um chá, um café?

PAULO ROBERTO: Não se incomode, Vera Lúcia. Muito obrigado.

INTERIOR - "REPÚBLICA" - DIA

204. Chega à "república", recebida na sala por Adroaldo Quintão, uma moça ligeiramente gorda, de cabelos anelados, o rosto bonito e sardento, o ar petulante e sensual. O engenheiro recebe-a efusivamente:

ADROALDO: Ôi, Raquel!...

Os dois se beijam com gana e vontade. Depois vão fechar-se no quarto de Adroaldo.

205. No quarto vão diretamente à cama, sobre a qual ~~se~~ se beijam e se acariciam ~~efusivamente~~ efusivamente. ~~entre~~ ^{Despem-se} ~~entre~~ ~~beijos~~ ~~e grandes carícias~~, ~~gemendo~~ ~~murmurando~~ ~~expressões~~ ~~de desejo e sensualidade~~.

INTERIOR - CASA DE VERA LÚCIA - DIA

206. Na sala de visitas da casa de Vera Lúcia, a conversa segue animada entre Paulo Roberto, Vera Lúcia e Dona Olga. A certa altura, Dona Olga pergunta:

DONA OLGA: Então o senhor nasceu no Rio de Ja-

neiro?...

PAULO ROBERTO: Nasci, mas papai é mineiro, de uma ~~velha~~ família de Diamantina.

207. P.P. de Dona Olga, que parece assustar-se ao ouvir a revelação. Com certa preocupação, volta a inindagar:

DONA OLGA: De Diamantina? Nós também!...

208. P.P. de Paulo Roberto, alheio à ligeira perturbação que deixa a voz de Dona Olga ~~quase~~ trêmula, e que comenta:

PAULO ROBERTO: Meu ramo mineiro é tão mineiro que teve até Fiscal de diamantes no Tijuco!...

209. Campo: Paulo Roberto, à direita do quadro, em 3/4 de perfil, com Dona Olga de frente, em P.P., perguntando:

DONA OLGA: Este Fiscal de diamantes, o que era seu?...

210. Contra-campo: Dona Olga, à esquerda, ~~em~~ em 3/4 de perfil, com Paulo Roberto de frente, em P.P. O engenheiro responde:

PAULO ROBERTO: Não sei bem, Dona Olga, talvez meu tataravô...

211. P.A. dos três, em silêncio durante alguns segundos, até que Paulo Roberto, percebendo o constrangimento que se instalara na sala, levanta-se e anuncia:

PAULO ROBERTO: Bem, preciso ir. ^{Foi} ~~Muito~~ agradável estar aqui.

DONA OLGA: Bom dia, moço.

Dona Olga vai para o interior da casa, enquanto Vera Lúcia acom-

panha Paulo Roberto à saída. Lá se despedem:

PAULO ROBERTO: Gostei muito de ouvir você, Vera Lúcia. Gostaria muito de ~~presentear~~ ^{lhe dar} ~~o~~ o álbum completo dos "Prelúdios", que comprei em Belo Horizonte.

VERA LÚCIA: Meu aparelho de som é velho, vai ~~estragar~~ estragar os discos...

PAULO ROBERTO: Quando é seu aniversário?...

VERA LÚCIA: No mês que vem... Por que?

PAULO ROBERTO: Vai ganhar de presente um bom aparelho de som. Enquanto isto, você vem ouvir na "república".

VERA LÚCIA: Não, não. Não fica bem!

SEQUÊNCIA 30

INTERIOR - FÁBRICA DE SARAMENHA - DIA

211. No refeitório da fábrica de alumínio, Paulo Roberto e Adroaldo Quintão terminam de almoçar e conversam. O assunto é Vera Lúcia, que Paulo Roberto cada vez mais admira, confessando ao colega:

PAULO ROBERTO: Essa moça me intriga, Adroaldo! Ela me atrai muito, não só por ser bonita ~~e~~ ^e ~~ser~~ ^{ser} sensível. ~~Tem~~ ^{Tem} mistério, qualquer coisa que me ~~perturba~~ ^{perturba}, ^{que} ^{tem} ^a ^{mu} ^{ito} ^a ver com minha vida!...

ADROALDO: Vai com calma, Paulo Roberto! ^{Ela} ^é ^{uma} artista e, como todo artista, tem vida interior intensa, um temperamento diferente do ~~comum~~ ^{comum}...

PAULO ROBERTO: Veja se consegue levá-la à festa de ^{seu} aniversário, no sábado, ~~na república~~. Ela e a avó gostam muito de você. Uma velha amizade, não é?...

ADROALDO: Vou tentar. Não prometo nada, mas vou tentar. A Vera Lúcia não é muito de dança, não freqüenta boates. Vamos ver.

Os dois se levantam. Paulo Roberto bate-lhe no ombro e insiste:

PAULO ROBERTO: Faça força, companheiro! Vamos prender a Vera Lúcia no "Calabouço"...

INTERIOR - BOATE "CALABOUÇO" - NOITE

212. Com a boate lotada, ~~os~~ amigos e convidados, da cidade e da fábrica, comemora~~m~~ o aniversário do Adroaldo Quintão, no "Calabouço". Câmera documenta o ambiente, capta flagrantes ~~da festa~~ da festa, musicada por fita com músicas do "hit-parade".

Numa das mesas estão Paulo Roberto, o aniversariante, ^(Raquel) e Vera Lúcia.

Paulo Roberto, já na terceira ou quarta dose de uísque, convida Vera Lúcia para dançar. A pianista tenta se esquivar:

VERA LÚCIA: Não sei dançar, Paulo Roberto...

Mas o engenheiro insiste:

PAULO ROBERTO: Hoje em dia ^{não se precisa} ~~precisa~~ dançar!
~~Venha, Vera Lúcia, é fácil, você vai ver!...~~ (Venha, Vera Lúcia, é fácil, você vai ver!...

Vão para a pista, ~~de dança~~ abraçam-se, como é de moda, e vão, como podem, seguindo o ritmo do "soul" que a aparelhagem ~~faz~~ faz estrondar na boate.

Câmera segue-os, em P.P. e registra o instante em que o engenheiro, excitado pelo abraço e a bebida, atrai Vera Lúcia mais fortemente para si, dizendo-lhe ao ouvido:

PAULO ROBERTO: Gosto muito de você, Vera Lúcia! Apesar de não ser uma exímia dançarina!...

1-1.
VERA LÚCIA: Desculpe as pisadelas...

E seguem dançando, Paulo Roberto atraindo Vera Lúcia ~~com mais~~ ^{força} ~~forte e com mais~~, excitado, quase agressivo. A certa altura, tenta beijar a pianista na boca. Vera Lúcia, contudo, recusa ~~o beijo~~ e, afastando-se, ~~ela~~ diz, ~~ela~~ irritada e amedrontada:

VERA LÚCIA: Já é tarde, Paulo Roberto, quero ir para casa! Esta música tão alta me deixa ~~ela~~ tonta!...

EXTERIOR - RUA COSTA SENA - NOITE

213. O carro, conduzido por Paulo Roberto, surge na esquina da Rua Costa Sena e, seguido pela câmera em panorâmica, vai estacionar diante da "república".

Ali, ainda sob o efeito da bebida, o engenheiro tenta ^{outra vez} abraçar ~~ela~~ Vera Lúcia, ~~ela~~ ^{e convulsa} ~~apavorada~~:

PAULO ROBERTO: Vem, Vera Lúcia, vamos entrar! Lá dentro a gente conversa um pouco!...

Vera Lúcia desvencilha-se do ~~rapaz~~ ^{irritada} ~~apavorado~~, ~~ela~~:

VERA LÚCIA: Não, Paulo Roberto! Vou para casa, está ~~ela~~ tarde!...

E se afasta, ^{dizendo} ~~apavorada~~:

VERA LÚCIA: Boa noite!...

Paulo Roberto fica parado, ~~ela~~ vendo-a atravessar a rua deserta. E murmura, frustrado, ~~ela~~ com raiva:

PAULO ROBERTO: Ainda te pego, gatinha!...

Depois entra.

INTERIOR - "REPÚBLICA" - NOITE

214. Chegando ao quarto, Paulo Roberto fecha a porta a chave. Em seguida, meio trêmulo, ^(fecha a janela) vai apanhar a caixa de madeira, guardada atrás dos livros, e a deposita na mesa. Com a pequena chave, abre-a com mãos trêmulas e suadas.

Câmera avança, em Trav., e detalha o interior da caixa, no qual se vêem seringa, agulha hipodérmica, pequenos vidros com cocaína e papélotes com o narcótico.

215. Fixado em P.P., Paulo Roberto deixa ver o rosto transfigurado, subjugado pelo vício e o insopitável desejo de saciá-lo.

Câmera recua, em Trav., e mostra o engenheiro que começa a despir-se: primeiro a camisa, depois a calça esporte, os sapatos, a cueca. Fica inteiramente nu, enche a seringa com o narcótico e, em seguida, enquadrado de costas, caminha até o leito, encharcado de suor, trêmulo e desfigurado, a respiração acelerada.

INTERIOR - CASA DE VERA LÚCIA - NOITE

216. Preparando-se para dormir, Vera Lúcia vê chegar a avó que, como de costume, nunca dorme antes da neta chegar. Dona Olga, amorosamente, pergunta-lhe:

DONA OLGA: Então, Vera Lúcia, gostou da festa?...

VERA LÚCIA: Não gostei muito, vovó. A boate estava repleta, muita fumaça de cigarro, a música arrebatando os tímpanos!...

Dona Olga acaricia os cabelos da neta, e comenta:

DONA OLGA: Faço idéia, coitadinha!... Mas você, ao menos, se divertiu, dançou com alguém?

VERA LÚCIA: Dancei com o Paulo Roberto, ^{mas} ~~que~~ ^{fui um fiasco, pois não sei dançar} bebei demais, quase ficou inconveniente!

Enquanto conversa, Vera Lúcia vai se despindo, deixando ver o corpo jovem, muito branco e delicado. Veste depois a camisola de seda. Dona Olga senta-se à beira da cama e comenta:

DONA OLGA: Estava querendo falar com você sobre ~~isso~~ ^{este rapaz,} Vera Lúcia. ~~Não gosto desse rapaz,~~ ^{Acho que você não lhe deve dar muita importância. Hei que fazer com que} tenho a impressão de que não presta, é mau elemento! ~~Acho melhor você se afastar dele!...~~ ^{que lhe desagrada, não me inspire confiança...}

VERA LÚCIA: ~~Pode ficar sossegada, vovó.~~ ^{Não se preocupe! Não vou sair mais com este rapaz!...}

DONA OLGA: ~~Pode ser, mas é difícil me esquecer, minha filha~~

Dona Olga se levanta, beija ~~verdade~~ a neta e, antes de deixar o quarto, ainda diz:

^{Tem cuidado, minha filha,}
DONA OLGA: Não é boa bisco, não é boa bisco!...
^{Tem cuidado!}
~~Durma bem, minha filha!...~~

INTERIOR - "REPÚBLICA" - NOITE

216. Paulo Roberto, inteiramente nu, está estendido na cama, no quarto da "república".

~~Paulo~~ Tem os olhos abertos, as feições desfiguradas, estranhas, sob o efeito do narcótico.

O quarto está imerso na obscuridade, o que impede a câmera de revelar-lhe o sexo.

Câmera focaliza-o, silhuetaado contra a luz fraca que, vindo da rua, atravessa a cortina da janela e ~~deixa ver com mais nitidez,~~ ^{deixa ver com mais nitidez,} o rosto do engenheiro, ~~marcado por~~ ^{marcado por} uma tristeza profunda, ~~pelo efeito~~ ^{pelo efeito} alucinógeno que o narcótico ~~provoca.~~

NOVA CENA - Paulo Roberto segue uma ~~luz~~ ^{luz} ~~co~~ ^{co} ~~Carro.~~ ^{Carro.} ~~Página 185 do Livro.~~ ^{Página 185 do Livro.} ~~Na volta, profundo~~ ^{Na volta, profundo} ~~consciência.~~ ^{consciência.} ~~Fazem um~~ ^{Fazem um} ~~posterior~~ ^{posterior} ~~do~~ ^{do} ~~gênero~~ ^{gênero} ~~coluna.~~ ^{coluna.}

SEQUÊNCIA 31

INTERIOR - "REPÚBLICA" - DIA

217. De calça "jean" e camisa esporte, Paulo Roberto está deitado na cama e, pela janela, avista a casa de Vera Lúcia, silenciosa e, aparentemente, deserta.

Com expressão fatigada, Paulo Roberto avista Adroaldo que ~~está~~ ^{está} ~~portanto~~ ^{portanto} vem saudar o colega:

ADROALDO: Então, Paulo Roberto, está se curando da ~~ressaca?~~ ^{ressaca?} ~~carra~~ ^{carra} ~~carra~~ ^{carra}

PAULO ROBERTO: É isso aí, companheiro! Já estou ~~estando~~ pronto para outra!...

Olha na direção da casa de Vera Lúcia, e ~~pergunta~~ ^{pergunta}:

PAULO ROBERTO: Nossa amiga hoje não estuda?...
Está tudo muito silencioso...

ADROALDO: No domingo ela ~~estuda~~ ^{não} estuda piano. Passa o dia fora, ~~mas não sei onde vai~~ ^{Não sei onde vai}.

Adroaldo vai à janela, observa a rua e, em seguida, volta-se para Paulo Roberto, dizendo:

ADROALDO: Ela está saindo de casa, sozinha.

Paulo Roberto salta da cama e, antes de sair, avisa ao colega:

PAULO ROBERTO: Hoje banco o detetive. Vou descobrir o mistério.

E sai.

EXTERIOR - RUAS, PRAÇAS E VIELAS DE OURO PRETO - DIA

218. O próximo conjunto de planos documenta a caminhada de Vera Lúcia e Paulo Roberto por ruas, vielas, praças e ladeiras de Ouro Preto.

O engenheiro, a certa distância, evitando ser visto, ~~segue-a~~ ^{segue-a}, intrigado com o ~~mistério~~ ^{mistério} do itinerário que, aos domingos, ~~faz~~ ^{faz} pela cidade.

Vera Lúcia, perseguida teimosamente pelo rapaz, cruza a Praça Tiradentes, desce a rua Tomaz Antônio Gonzaga e, mais adiante, passando pelo Chafariz de Marília, sobe a rua do Vira-Saia, passa em frente à Igreja de Santa Efigênia e, na extremidade da cidade, aproxima-se de uma casa térrea, meio abandonada, com o jardim invadido por capim e erva daninha.

Escondendo-se no desvão de um muro, Paulo Roberto avista a moça que atravessa ~~o~~ o jardim, sobe ~~os~~ os degraus da varanda e, após retirar da bolsa, uma chave, ~~abre~~ ^{abre} a porta ~~da~~ da vivenda, ~~e entra~~ ^{E entra}.

219. P.P. de Paulo Roberto, muito intrigado, observando os passos de Vera Lúcia.

Depois que a moça entra na casa, ~~deixa~~ o engenheiro ~~abanda~~ ^{segue} o recanto, onde se escondera, e ~~segue~~ na direção da vivenda.

220. P.G. do jardim e da casa ao fundo. Paulo Roberto abre o portãozinho e, evitando rumor, atravessa o jardim, sobe ao alpendre, meio indeciso, fica parado diante da porta. ~~espera~~

EXTERIOR - CASA ABANDONADA - DIA

221. Instalada na varanda, câmera focaliza Paulo Roberto parado à porta da casa, indeciso.

Nesse instante, vindo do interior da casa, começa a ouvir ~~o~~ som de uma melodia antiga, ~~como~~ ^{como} de uma pianola, ou ~~de~~ caixinha de música.

SOM - Melodia antiga, de caixinha de música.

De mistura com a música, também ouve ruídos estranhos, como se alguém estivesse varrendo, arrastando móveis, lavando copos e talheres.

Até que, tomando uma decisão, Paulo Roberto aperta a campainha da porta.

Depois de alguns instantes, a porta se abre, surgindo a figura, muito surpreendida, de Vera Lúcia; ~~esperando~~

VERA LÚCIA: Paulo Roberto?!... Mas, o que está fazendo aqui?!

PAULO ROBERTO: Eu é que pergunto! O que você faz nesta casa?!

Câmera inicia lento Trav.Avante, até enquadrar Vera Lúcia em P.P. Ouvindo a indagação do engenheiro, a pianista ~~irrita-se~~ ^{irrita-se} pergunta:

VERA LÚCIA: Com que direito?! É um assunto meu, particular! Não ~~de~~ ^é sua conta!

222. P.P. de Paulo Roberto, Surpreendido com a reação de Vera Lúcia, tenta ~~de~~ acalmá-la, explicando-lhe ~~o~~ comportamento:

PAULO ROBERTO: Não precisa zangar-se, Vera Lúcia. Não é questão de direito, trata-se de um ~~desejo~~ desejo meu de esclarecer o mistério de sua presença nesta casa! Você me desculpe, mas tudo isto é muito esquisito, me ~~preocupa~~ preocupa...

223. P.A. dos dois, à porta da vivenda.

As palavras de Paulo Roberto, ~~humilde~~ humilde, parecem acalmar Vera Lúcia. Volta à sua tranqüila melancolia e, pacificada, faz o convite:

VERA LÚCIA: Entre, Paulo Roberto. Assim você desfaz o mistério, descobre ~~o~~ segredo...

INTERIOR - CASA ABANDONADA - DIA

224. No interior da casa, Paulo Roberto aspira um aroma de coisas velhas, de ambiente fechado, pouco arejado. Chegam à sala de visitas, com duas janelas dando para o alpendre, decorada com os velhos móveis do Tijuco, com objetos e retratos antigos, tudo muito limpo e cuidado.

Quando chegam à sala, Vera Lúcia esclarece:

VERA LÚCIA: Nasci nesta casa. Aqui morreram meus pais...

Esfrega o pano numa cadeira, ~~continua~~^e continua:

VERA LÚCIA: Toda semana venho limpar a casa, tirar a poeira, lustrar os móveis...

Aproxima-se de um console, sobre o qual se vê uma caixinha de música com incrustações de marfim e madrepérola, que ela apanha, dá corda e abre.

SOM - Música antiga (melodia vienense), com som ligeiramente destorcido.

Vera Lúcia, então, explica, enternecida:

VERA LÚCIA: Ganhei de mamãe quando tinha três anos...

225. P.P. de Paulo Roberto. Comovido, cheio de remorso, Paulo Roberto enlaça delicadamente a moça, dizendo:

PAULO ROBERTO: Me perdoe, Vera Lúcia!... Me perdoe a suspeita idiota!

226. Deixando no quadro, à direita, a caixinha de música, câmera, em ligeiro "contre-plongée", enquadra Paulo Roberto e Vera Lúcia, ouvindo, enternecidos, a melodia antiga. Depois o engenheiro pergunta:

PAULO ROBERTO: Não entendo, Vera Lúcia, porque você foi morar com sua avó, noutra casa, com esta aqui, linda, cercada por jardins, com móveis e objetos tão bonitos!...

VERA LÚCIA: Eu nunca seria feliz nesta casa, Paulo Roberto! Ela me traz recordações muito tristes.

PAULO ROBERTO: Tristes?!...

VERA LÚCIA: Tristes e trágicas...

Vera Lúcia caminha até a janela, seguida pela câmera, que sobe até alcançar nível normal, ^a panoramizando De lá a pianista, com voz emocionada, ^{acrescenta:} ~~explica:~~

VERA LÚCIA: Meus pais se mataram nesta casa!

Paulo Roberto vai ^{a seu} ~~ao~~ encontro, ~~ela~~ toma-lhe a mão e indaga, atôn-

nito:

PAULO ROBERTO: Mas, Vera Lúcia, por que se mataram?!....

VERA LÚCIA: Nunca soube o motivo! Ninguém soube!

Ficam em silêncio, por alguns instantes. Depois a moça pergunta, tentando afugentar a triste reminiscência:

VERA LÚCIA: Não quer conhecer o resto da casa?...

EXTERIOR - RUA COSTA SENA - DIA

227. Dona Olga desce do sobrado e ganha a rua, a caminho da Igreja do Carmo, para a missa de domingo.

Na rua, avista Adroaldo à janela da "república" e o cumprimenta:

DONA OLGA: Bom dia, Adroaldo. Como vai?...

ADROALDO: Bom dia, Dona Olga. Vou bem, obrigado, e a senhora?

DONA OLGA: Mais ou menos, mais ou menos... Estou indo à missa...

ADROALDO: A Vera Lúcia saiu cedo hoje. O Paulo Roberto, muito bisbilhoteiro, foi atrás dela, para (ver o que ia fazer...

228. P.P. de Dona Olga, ~~está~~ assustada ao ouvir ~~a revelação~~ ^{a revelação} final do vizinho. Atônita, ~~está~~ ^{meio} trêmula, pergunta:

DONA OLGA: Foi atrás dela?!.... Tem certeza?!

ADROALDO (voz off): Pelo menos é o que me disse, ao sair...

DONA OLGA: (para si mesma): Santa Mãe de Deus!

Depois alça a voz, ~~despedindo-se~~ ^{despedindo-se} ~~despedindo-se~~

DONA OLGA: Até logo...

Em vez de subir a rua, na direção da igreja, dobra a esquina, a caminho da Praça Tiradentes.

INTERIOR - CASA ABANDONADA = DIA

229. Paulo Roberto e Vera Lúcia caminham pelo corredor, visitando a casa, que possui vários cômodos.

Entram num dos quartos, enquanto a pianista explica:

VERA LÚCIA: Era meu quarto. O berço é aquele, no canto...

PAULO ROBERTO: Bonitinho...

Não entra no ~~quarto~~^{aposeito}, impaciente por chegar ao último quarto, no fim do corredor, e que ~~parecia~~ parecia atraí-lo.

Mas Vera Lúcia lhe diz:

VERA LÚCIA: Não tem mais nada para ver...

PAULO ROBERTO: ~~Falta~~ Falta aquele quarto, ~~vez~~ Lúcia.

VERA LÚCIA: Está vazio, não vale a pena...

Paulo Roberto insiste e ~~caminha~~^{vai} até o cômodo, constatando que a porta está fechada. E pergunta:

PAULO ROBERTO: Por que está trancado?... Talvez valha a pena ver, Vera Lúcia. Você tem a chave?

230. P.P. de Vera Lúcia, ~~confusa~~^{meio}, negando:

VERA LÚCIA: Não, não tenho! Acho que sumiu...

231. P.A. de Paulo Roberto, diante da porta, tentando abri-la, forçando a fechadura. Vera Lúcia, ~~entra~~ nervosa, aproxima-se e ~~exclama~~^{exclama}, irritada:

VERA LÚCIA: Já disse, Paulo Roberto! Não tem nada aí dentro!...

Dominado por intensa curiosidade, movido por força estranha, Paulo Roberto não atende Vera Lúcia e empurra ~~para~~ fortemente a porta que, ~~está~~ ^{a final}, se abre. O engenheiro, com entusiasmo, então comenta:

PAULO ROBERTO: Viu, Vera Lúcia?... Foi fácil!

E entra no quarto.

232. O ~~quarto~~ ^{cômodo}, bastante espaçoso, está ^(imerso) na obscuridade, e dele exala ~~um~~ um cheiro forte de mofo, de ar viciado. Paulo Roberto exclama, indo abrir uma ~~uma~~ janela:

PAULO ROBERTO: Deve estar fechado há anos!

Uma luz intensa se apossa do aposento, devassando tudo o que contém.

Quando o engenheiro avista, no centro, diante de outra janela, o belíssimo leito colonial do Tijuco, exclama, com euforia, ~~está~~ muito excitado:

PAULO ROBERTO: Não disse?!... Aqui há coisas lindas ~~das~~, Vera Lúcia, como esta cama maravilhosa! Nunca vi ~~quase~~ ^{nada} igual!...

Vai examiná-la, de mais perto, enquanto Vera Lúcia explica, na soleira da porta:

VERA LÚCIA: Era o quarto de meus pais...

Paulo Roberto, entretido com o que vê e admira, ~~parece não ouvir~~ ^{não a ouve}. Apanha uma toalha, sobre a cômoda, e vai limpar o leito, dizendo:

PAULO ROBERTO: ~~Não vi nada mais bonito aqui!~~ ^{Esta muito empoeirada...}

Ao olhar para a moça, ~~percebe~~ ^{constata} que está pálida, desfigurada, como se fosse desmaiar.

Paulo Roberto vai depressa ao seu encontro, ampara-a e pergunta,

assustado:

PAULO ROBERTO: O que houve, Vera Lúcia?!...

Vera Lúcia quer partir, mas o engenheiro a detém. E indaga:

PAULO ROBERTO: Não está passando bem?!...

VERA LÚCIA: Vamos embora daqui, Paulo Roberto!

Tenta acalmá-la, mas sua voz denota aflição e impaciência, de ~~grande~~ ^{grande} ~~excitação~~ ^{excitação}:

PAULO ROBERTO: Venha, Vera Lúcia, venha aqui!...

Apesar de sentir ~~uma~~ resistência, Paulo Roberto consegue arrastar Vera Lúcia para ~~para~~ ^{junto} do leito, ~~insistentemente~~ ^{insistindo}, nervosamente:

PAULO ROBERTO: Como você deixou esta cama ~~suja~~ ^{suja} cheia de poeira?! ~~suja, cheia de poeira~~

Vera Lúcia fica ~~indolente~~ ^{indolente}, como se uma força ~~estranha~~ ^{estranha} a ~~detivesse~~ ^{detivesse} junto ao leito. Paulo Roberto ~~caminha~~ ^{caminha} em torno do móvel, alizando ~~a~~ a madeira e, com mais intensidade, afagando ~~a cabeceira~~ a cabeceira, ~~o~~ o medalhão, as duas talhas. E repete, cada vez mais excitado ^e eufórico; ~~estremecendo~~

PAULO ROBERTO: É cama para rei e rainha! Parece que tem alma, coração, sangue!...

233. Ao ouvir a última palavra, Vera Lúcia estremece e, para não cair, ampara-se no esteio do ~~leito~~ ^{leito}. Paulo Roberto, em off, ~~continua~~ ^{continua} com entusiasmo crescente:

PAULO ROBERTO ^{(voz off)-} É cama para ~~você~~ ^{você}, ~~Vera Lúcia~~ ^{Vera Lúcia}, para ~~nds~~ ^{nds}, para ~~lua-de-mel~~ ^{lua-de-mel}!

234. P.A. de parte da cama, Paulo Roberto e Vera Lúcia.

O engenheiro aproxima-se, ~~abraça-a~~ ^(Vera Lúcia e) abraça-a e lhe diz, excitadíssimo:

PAULO ROBERTO: Amo você com loucura, Vera Lúcia!

Envolve-a num abraço nervoso, quase violento e, a certa altura, beija-a na boca.

Vera Lúcia, percebendo que o beijo contém um arrebatamento estranho, de ~~forte~~ desejo quase frenético, tenta esquivar-se. Mas, em vez de ceder, o engenheiro atrai-a com mais força, acaricia-lhe o rosto, o colo, os seios, as coxas, com um frêmito crescente de sensualidade.

A pianista, passando do susto à indignação, tenta afastá-lo, irritadíssima. Mas seu gesto só serve para exacerbar ainda mais o rapaz que, erigido de desejo, consegue retê-la num abraço voraz, murmurando, fremente:

PAULO ROBERTO: Quero você, Vera Lúcia! Você é maravilhosa! Gosto ^{muito} ~~de~~ de você!...

De repente, sem que ela possa impedi-lo, Paulo Roberto ergue-a ^{do} ~~do~~ ^{chão} e a estende no leito, continuando a acariciar-lhe o corpo, com ímpeto desenfreado.

Câmera avança, em Trav., e vai detalhar o abraço frenético com o qual Paulo Roberto ~~prende-a~~ imobiliza a pianista.

Vera Lúcia, em pânico, começa a sentir ódio e repulsa, e exclama, com fúria:

VERA LÚCIA: Não, Paulo Roberto, me largue! Não quero, me solte, covarde! ~~abraça-a~~

Em vez de obedecer, o rapaz estende-se sobre ela, beija-a na boca ~~abraça-a~~ tenta despí-la.

Vera Lúcia, contudo, resiste com furor, luta para afastá-lo, e isto o deixa em tal estado de exasperação que, de súbito, leva-a rasgar e arrancar com brutalidade a roupa que ela veste.

Câmera, versátil, circula em torno dos dois, fixando a luta feroz e desigual, intensa e dramática.

EXTERIOR - RUAS DE OURO PRETO - DIA

235. Enquanto isto, passando da aflição ao desespero, Dona Olga atravessa Ouro Preto, a caminho da casa onde, tem certeza, a neta corre perigo de vida.

Passa pelos mesmos locais, ruas e ladeiras vistas, anteriormente, durante a perseguição de Paulo Roberto a Vera Lúcia, a caminho da casa abandonada.

Câmera, em Trav-Atrás, fixa a ~~perseguição~~ ^{feições aflitas} da velha, ~~cuja~~ ^{rápidos} cujos passos se tornam cada vez mais ~~rápidos~~, fatigando-a e encharcando-lhe o rosto de suor.

INTERIOR - CASA ABANDONADA - DIA

236. No quarto da casa abandonada, a luta de Paulo Roberto com Vera Lúcia vai num crescendo desesperador. Câmera registra-a, com agilidade, ~~utilizando~~ ^{inquietos e} utilizando angulações e enquadramentos ~~versáteis~~ ^{versáteis}.

Trava-se, no leito de tantas tragédias, ~~emredondando~~ uma luta furiosa e desigual, exacerbada, de um lado, pela excitação dos sentidos, do sangue que o narcótico faz circular ~~rapidamente~~ ^{depressa} no corpo do engenheiro e, de outro, pelo instinto feroz de sobrevivência e autodefesa ~~da~~ ^{sua} presa.

Possuída por força inesperada, Vera Lúcia não cede, e evita que o agressor ~~seja~~ ^a violento. Debatem-se por vários minutos, até que, fora de si, o engenheiro começa a agredi-la ~~corpo a corpo~~ ^{fisicamente}.

Para livrar-se da violência, Vera Lúcia vira o rosto para o lado e, estremecendo, ~~avista~~ ^{avista} novamente aqueles olhos de ódio ancestral, fixos nelas (efeito especial).

Desvairada, começa a gritar, mas seus gritos, em vez de intimidar o agressor, levam-no ao paroxismo da cólera, fazendo-o aumentar o espancamento covarde.

Não conseguindo, apesar disso, que pare de gritar, Paulo Roberto começa a apertar-lhe o pescoço, ~~apertando~~ ^{dizendo}, alucinado:

PAULO ROBERTO: Cala esta boca, desgraçada! Cala esta boca, senão te mato!

Vera Lúcia, por sua vez, vai ultrapassando os limites do desespero e, com vigor inaudito, revida a agressão e arranha, com as unhas, o rosto, o peito, as costas do engenheiro, consciente de que corre perigo de vida, e não quer morrer.

EXTERIOR - PROXIMIDADES DA CASA ABANDONADA - DIA

237. No mesmo instante, aproximando-se da casa abandonada, Dona Olga começa a ouvir, distantes, os gritos desesperados da neta. Começa, então, a correr, com uma angústia que lhe ~~acaba~~^{cere} o coração.

INTERIOR - CASA ABANDONADA - DIA

238. Dentro da casa, no leito fatídico, Paulo Roberto recrudesce a fúria que o ~~desespero~~ alucina, levando-o a apertar com ^{mais} força ~~o~~ o pescoço da infeliz. Vera Lúcia vai, então, pouco a pouco, perdendo a ~~energia~~^{energia} e a resistência.

E se entrega, exausta, chegando ao derradeiro alento de vida.

Na agonia, começa a ouvir, como se surgisse do fundo da memória, o som distante de ^{um} piano e de sinos, emergindo do abismo.

SOM - Destorcidos e estranhos, ouve-se, na trilha sonora, o som de piano, com o "Prelúdio" ^{nº 4} de Chopin, e de sinos distantes. ~~uma~~
~~musica de piano e sinos distantes.~~

Vera Lúcia ainda tenta reagir e reúne um resto inútil de força. Mas seu algoz, implacável, aumenta a pressão dos dedos e continua a sufocá-la sem piedade.

Câmera inicia lento Trav-Avante até fixar Vera Lúcia em P.P.P.. Antes de morrer, ~~ela~~ balbucia, com ^{um} ~~pequeno~~ filete de voz:

VERA LÚCIA: Mal...dito!... Mal...di...to!...

E tomba a cabeça no travesseiro. Câmera faz correção ^(enquadramento) de ~~o~~ o rosto desesperado da moça e, ^{detalha} no fundo, as duas talhas do medallão, ~~as quais~~ nas quais, pela técnica de efeitos especiais, se vêem os dois olhos ancestrais. Neles, contudo, já não ^{há} ~~pequeno~~ ódio, mas uma

enorme piedade.

Como os olhos exangues de Vera Lúcia, a imagem vingativa do passado também vai evanescendo. Pouco a pouco os olhos ^(da talha) se fecham, encerrando o ciclo de ~~o~~ ódio e vingança.

No estertor da morte, Vera Lúcia ainda solta um gemido surdo, como se pedisse socorro. Depois morre.

EXTERIOR - CASA ABANDONADA - DIA

239. Diante da casa, incapaz de ~~entrar~~ ^{entrar}, Dona Olga está paralizada pelo pavor, os olhos fixos na janela do quarto, no qual sua neta acaba de morrer.

A certeza de sua morte, leva-a a persignar-se. De seu rosto, envelhecido mais ainda, descem lágrimas de piedade e ~~horror~~ ^{horror}.

Depois, lentamente, diante da inutilidade de qualquer gesto, ~~para~~ a velha ~~começa a~~ ^{começa a} afastar-se do triste lugar. Mais adiante, ~~desce~~ ^{desce} uma ladeira que leva ao centro de Ouro Preto.

Câmera, instalada em grua, eleva-se do solo e, ~~do~~ ^{do} alto, enquadra a cidade ~~eterna~~ ^{eterna}, ~~banhada pela~~ ^{banhada pela} luz do crepúsculo.

SOM - O "Prelúdio" nº 4, de Chopin, sobe na trilha sonora. Em segundo plano, distante, também se ouve o som de sinos, dobrando tristemente.

Do G.P.G. de Ouro Preto e das montanhas que a circundam, surge e cresce a palavra

F I M

FIM DO FILME E DO ÚLTIMO EPISÓDIO

Rio de Janeiro, 6 de maio de 1986.

Geraldo Santos Pereira
Geraldo Santos Pereira